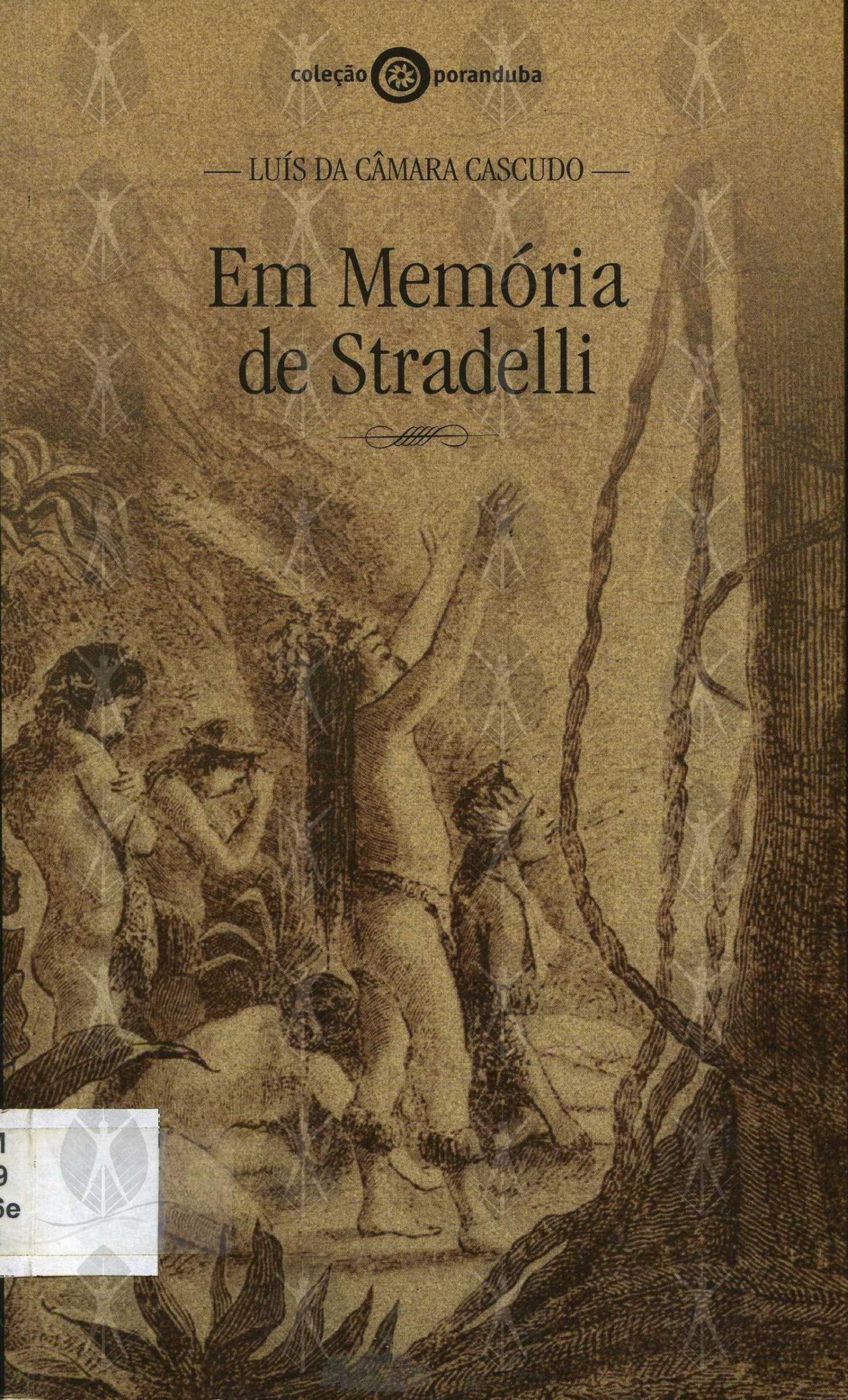


coleção  poranduba

— LUÍS DA CÂMARA CASCUDO —

Em Memória de Stradelli



Em Memória de Stradelli





coleção poranduba

DOAÇÃO
Biblioteca Pública do Estado
MANAUS - AMAZONAS

EM MEMÓRIA DE
STRADELLI

Coordenação
Tenório Telles



Era o ano de 1968, tinha eu então vinte anos quando conheci, através da obra de Luís da Câmara Cascudo, a figura singular de Ermanno Stradelli. Apaixonei-me de imediato por esse homem de longínquas terras e nobre origem que aqui chegou e encantou-se. Ficou e nos legou o fruto de toda a sua pesquisa geográfica e etnológica, ao longo de sua vida nestas distantes paragens. Decorridos todos esses anos, compraz-me constatar ter sido Stradelli uma referência extraordinária em minha vida, como creio ter sido na de muitos outros.

O que fascina na vida e obra desse amante da nossa cultura é, não só o vivo interesse com que coletou e registrou uma parcela significativa da história de nossos primevos, como a sua tragédia pessoal.

Às suas expensas singrou os nossos vários rios, alguns ainda hoje misteriosos, conviveu com nossa gente dos rincões mais distantes, na intenção pura de conhecer e entender cada vez mais esta cultura carregada de lendas e mitos, que tanto o seduziu.

Não me surpreende que de igual paixão tenha se sentido arrebatado Câmara Cascudo, o que confessa a seu dileto amigo Álvaro Maia, em carta de 1936. E foi no intento de prestar um tributo a esse 'enamorado' de nossas coisas, ávido por 'tudo ver, aprender, compreender e amar' é que Câmara Cascudo, tomado pela emoção e comoção, escreveu e publicou no mesmo ano a obra que ora reedita-se.

GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan

 **AMAZONAS**
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Co-edição
Governo do Estado
Editora Valer

Luís da Câmara Cascudo

EM MEMÓRIA DE STRADELLI

Apresentação
Neide Gondim

3.^a edição revista

**BIBLIOTECA PÚBLICA
DO ESTADO
MANAUS - AMAZONAS**

Prm/11
923.9
e336e
ex.3

**Valer**
EDITORA

CULTURA
**Edições**
Governo do Estado

Copyright © (desta edição) Editora Valer, 2001

EDITOR
Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Tenório Telles

ASSISTENTE EDITORIAL
Pontes Filho

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
Marcicley Rego

(Capa - ilustração (detalhe) de M. Biard,
1858-1859 - Museu Amazônico)

DIAGRAMAÇÃO
Epifânio Leão

Revisão
Marcos Sena
Rosilene de Deus
Sergio Luiz Pereira

PESQUISA
Regina Páscoa

NORMALIZAÇÃO
Ycaro Verçosa

EM MEMÓRIA DE STRADELLI

CASCUDO, LUIZ DA CÂMARA

C336m AmM920
TOMBO: 080343

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO

Reg. e Fls. ¹².....do Catálogo inventário
sob nº ³⁴⁶.....

Em: ^{22/05/2001}.....

C336m Cascudo, Luís da Câmara.

Em memória de Stradelli. / Luís da Câmara Cascudo; organização Tenório Telles e apresentação por Neide Gondim. 3.ª ed. revista - Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001.

132p.

ISBN 85-86512-68-0

1. Estudo biográfico I. Cascudo, Luís da Câmara II. Título.

CDU 929Stradelli

2001

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br

Dedico a MAXIMINIANO JOSÉ ROBERTO, Max J. Roberto, companheiro de Stradelli, filho de indígenas Manau e Tari-ana, tuxaua espiritual de Tarumã-miri, príncipe amazônico, recolhedor apaixonado de centenas de lendas, maravilhosas e seguras como documentação etnológica; revelador da divindade selvagem de Jurupari, talento de pesquisa na audição amorosa às velhas vozes de sua raça desaparecida.

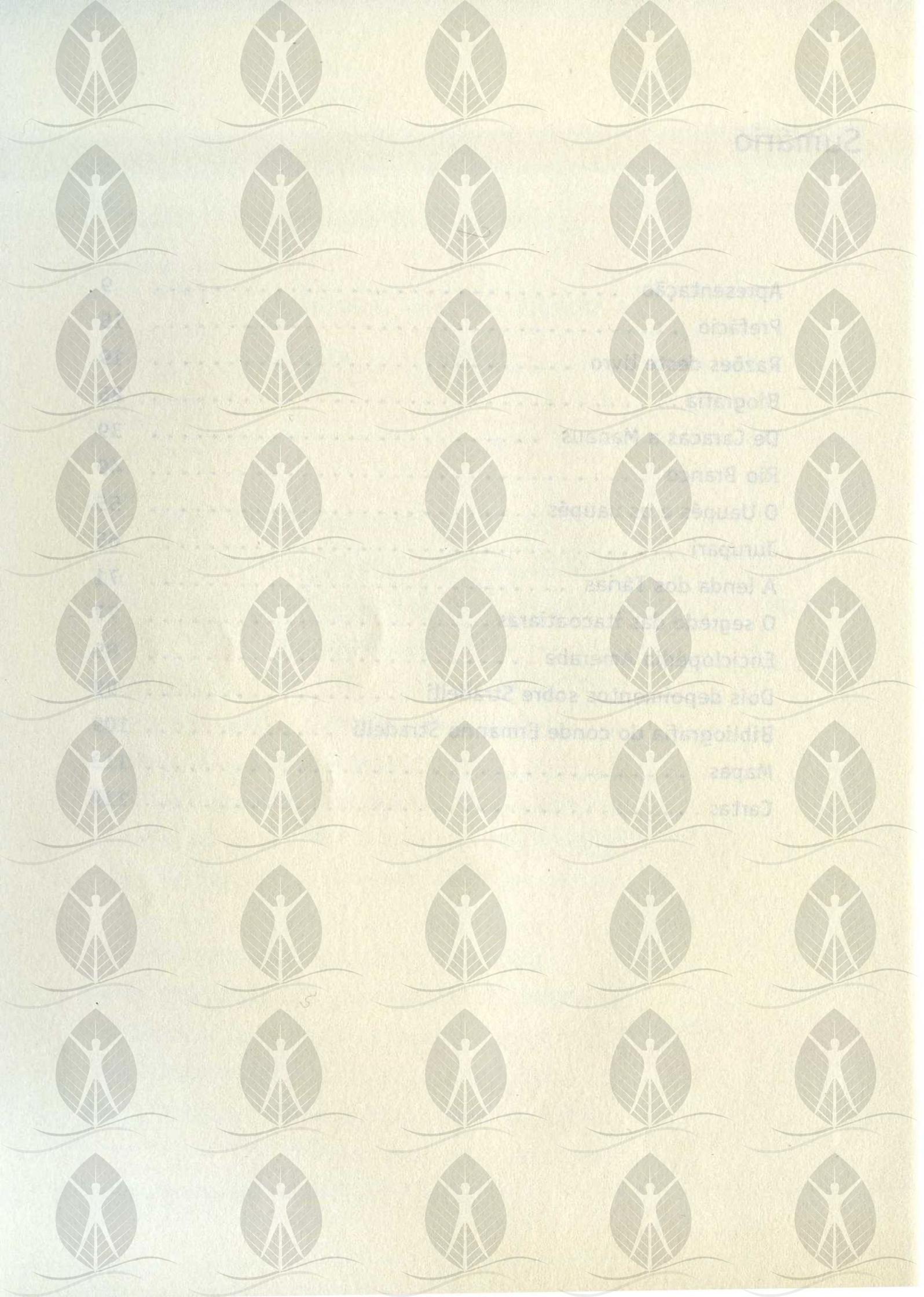
Entendia a fala da mata, dos rios e dos pássaros. Descobridor do filão luminoso, viveu distribuindo o ouro de que só ele conhecia o invisível roteiro. Ignorada e gigantesca inteligência, simples e generosa, forte e solitário em seu sonho misterioso e absorvedor.

IN MEMORIAM.



Sumário

Apresentação	9
Prefácio	15
Razões deste livro	19
Biografia	25
De Caracas a Manaus	39
Rio Branco	49
O Uaupés e os uaupés	55
Jurupari	65
A lenda dos Tárias	71
O segredo das itacoatiaras	77
Enciclopédia Ameraba	85
Dois depoimentos sobre Stradelli	99
Bibliografia do conde Ermanno Stradelli	109
Mapas	113
Cartas	117



Apresentação

Neide Gondim*

Câmara Cascudo conseguiu traçar um consistente perfil de Ermano Stradelli com o exíguo material recolhido em dezoito meses de pesquisa, o que torna praticamente impossível acrescentar informações que já não tenham sido utilizadas no excelente estudo do etnólogo potiguar.

O grande mérito do conde Ermano Stradelli, acredita-se, foi o de possivelmente nunca ter se visto como um intérprete, um conhecedor profundo da Amazônia. E não foram meses ou uma dezena de anos vividos na Hiléia. Nos quarenta e três anos em que aqui permaneceu, mudou de nacionalidade, acompanhou Barbosa Rodrigues em viagens de estudo, trabalhou como promotor público em Manaus, Lábrea e Tefé, local onde a lepra se manifestou, motivando sua exoneração em julho de 1923.

* Neide Gondim é doutora em Comunicação e Semiótica, professora aposentada da Universidade do Amazonas e autora do livro *A invenção da Amazônia*.

Duas obras suas, as mais utilizadas e quase sempre com ressalvas quanto ao rigor científico – *Vocabulários da língua geral portuguez-nheengatu e nheengatu-portuguez* e *La leggenda dell’Jurupary* – demonstram o “amazonense” por opção, o etnólogo que priorizou o homem, sua cultura, hábitos, etc., sem a preocupação de incursionar pelo pitoresco, inventando realidades que facilmente permitir-lhe-iam tornar-se algum tipo de herói rocambolesco ou civilizador. E o Amazonas, sem exotismos, ultrapassou fronteiras com essas duas obras. Outras – *Rio Branco* (1889) e *L’Uaupes et gli Uaupes* (1890) – foram citadas por Sant’Anna Nery, *No país das amazonas*, como as divulgadoras da região na Itália.

Todo o livro com o seu título modesto de Vocabulário, trai o cunho de indelével observação pessoal, direta, contínua, dispensando a bibliografia erudita dos etnólogos que procuram no mundo amazônico materiais para uma doutrina antecipadamente fixada em Dresde, Munich, New York, Paris e Londres, incapaz de menção quando os elementos deparados não podem justificar a tese preconcebida, trabalho único em sua espécie, no idioma português, acertadamente sentencia Cascudo (Em memória de Stradelli).

Se Herbert Baldus critica, no *Vocabulário*, que o autor não indica com bastante exatidão a procedência dos vocábulos e dos dados sobre os índios, o que diminui consideravelmente o valor de sua obra (*Bibliografia crítica da etnologia brasileira*), Raimundo Moraes (*Anfiteatro amazônico*), por outro lado, vale-se do mesmo *Vocabulário* para contestar a definição de La Condamine sobre as amazonas, apelidadas de

cuñantensecuima (mulheres sem maridos), pois Stradelli as alcunha de cunhã-mensára-yma ou cunhã-menayma.

Outro que se socorre do *Vocabulário* é Gastão Cruls (*Hiléia Amazônica*) ao falar do boto-vermelho. *A esse, segundo Stradelli, é que se emprestam qualidades de sedutor de donzelas, e dos seus olhos, dentes e vergalho fazem os caboclos talismãs com virtudes extraordinárias. Ainda para o mesmo autor, é esse o piraiauara dos indígenas e não o boto-preto ou tucuxi, ao passo que a um boto menor de tonalidade rosada se reserva o nome de ciara ou uiara.*

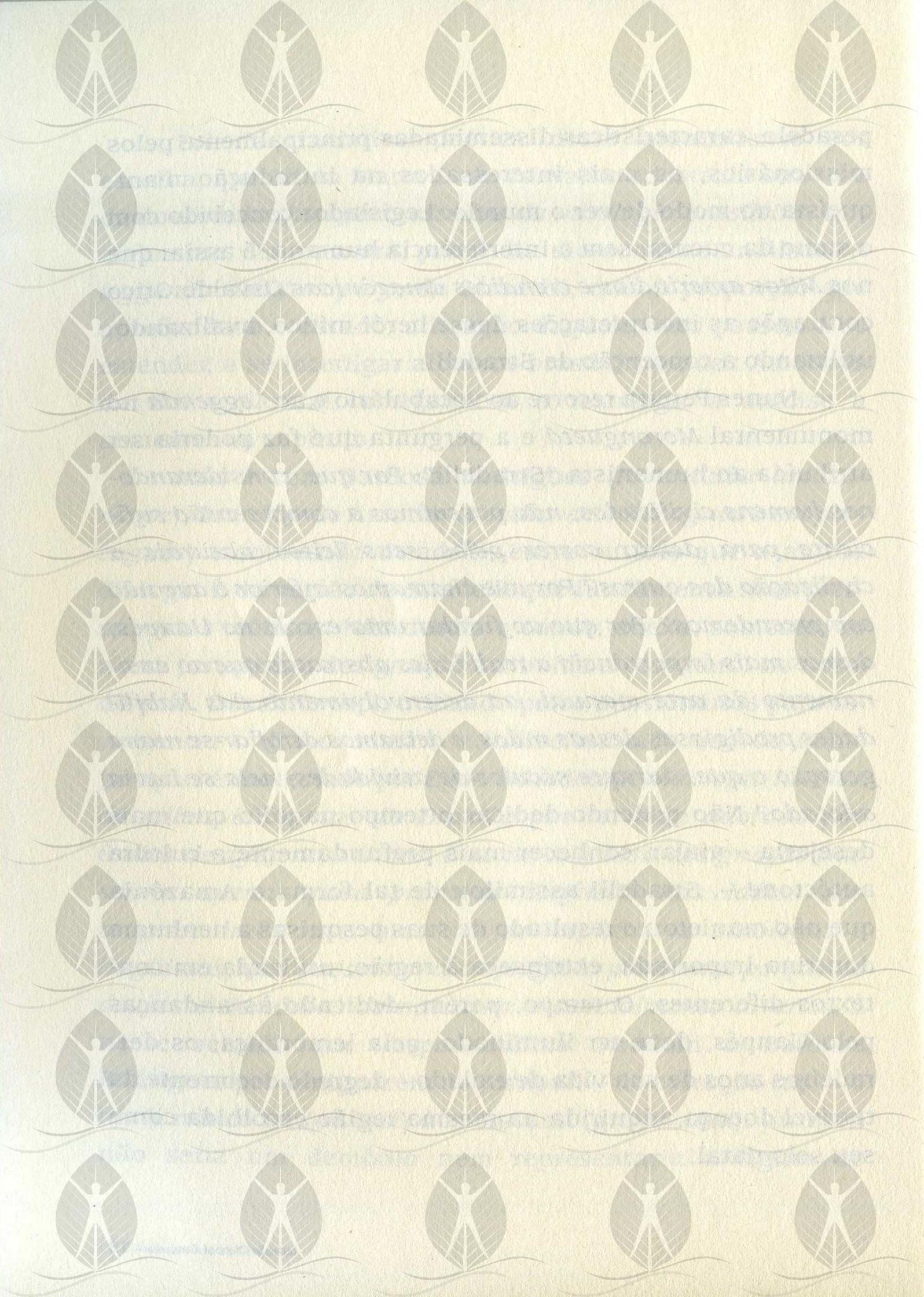
J. Américo Peret (*Amazonas: história, gente e costumes*) mostra que os petróglifos de Itacoatiara e do rio Urubu foram parcialmente estudados por renomados pesquisadores do passado, entre eles Barbosa Rodrigues (1875), Frederic Hartt (1885), Ermano Stradelli (1888), Rondon (1900) e Bernardo Ramos (1926). *E todos eles consideraram aquelas representações rupestres como ...vestígios de antigas civilizações de elevada cultura, superior aos índios... uma espécie de pictografia convencional ou ideográfica; ...primeiras manifestações artísticas dos grupos primitivos; ...inscrições e tradições de povos de elevada cultura que registraram sua passagem por essa região... Até mesmo o mapa que confeccionou serviu para mostrar os limites da fazenda nacional São Marcos. Joaquim Gondim assegura que esse mapa figurou na terceira Memória apresentada ao rei da Itália pelo ministro plenipotenciário dr. Joaquim Nabuco na solução da nossa questão de limites com a Guyana Inglesa (Através do Amazonas).*

Foi da narrativa poética desse amazonense por escolha, que Silvia Maria S. de Carvalho construiu sua tese de doutorado: *Jurupari: estudos da mitologia brasileira*. Inicialmente, diz a autora, pretendia tão-somente analisar *La leggenda dell'Jurupary*, de Stradelli, mas à proporção que aprofundava o estudo, a ligação daquele mito passou a se estender, a se interligar a outros brasileiros e das Américas do Sul e Central, obrigando-a a restringir a análise a somente um capítulo.

Mas é com Barbosa Rodrigues (*Poranduba amazônica*), Brandão de Amorim (*Lendas em nheengatu e em português*) e sobretudo Stradelli, entre outros, que a autora dialoga. É da versão de Stradelli que fundamenta seus pressupostos teóricos. Não desdiz o conde, anexa, somente, ao nome Jurupari, a designação atribuída a esse herói no norte do país. Demônio tupi, utilizado pelos missionários para representar o diabo cristão, o indiscriminado uso do nome Jurupari é contestado por Egon Schaden (*A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*), por ter sido *adorado por índios de diferentes tribos, o nome com essa designação não serviu apenas para provocar confusão nas idéias dos próprios indígenas, mas até no espírito de etnólogos e lingüistas, que passaram a empregá-lo para uma porção de deuses e demônios de natureza essencialmente diversa*. É nesse sentido que responsabiliza Stradelli e Barbosa Rodrigues por designarem de Jurupari – de extração tupi – o herói mítico Izi (ou Issi) dos Tariana (grupo ama). Jurupari não seria um demônio nem representaria a figura do

pesadelo, características disseminadas principalmente pelos missionários, os mais interessados na introdução maniqueísta no modo de ver o mundo. Legislador concebido com o sumo da cucura, sem a interferência humana, é assim que nos *Mitos ameríndios e credices amazônicas* Osvaldo Orico contrapõe as interpretações desse herói mítico, avalizando, utilizando a concepção de Stradelli.

Nunes Pereira recorre ao vocabulário e ao *Leggenda* no monumental *Moronguetá* e a pergunta que faz poderia ser atribuída ao humanista “Stradelli”: *Por que, considerando-nos homens civilizados, não possuímos a compreensão suficiente para deixar correr pelos seus leitos naturais a civilização dos outros? Por que chamamos inferior o que não compreendemos? Por que ao fundar uma escola no Uaupés, damos mais importância a realidades abstratas que ao ensinamento da arte manual, ao desenvolvimento das habilidades prodigiosas dessas mãos, e deixamos atrofiar-se numa geração o que, durante séculos de atividades, nela se havia adotado?* Não podendo dedicar o tempo naquilo que mais desejaria – viajar, conhecer mais profundamente a cultura autóctone –, Stradelli assimilou de tal forma a Amazônia que não manietou o resultado de suas pesquisas a nenhuma doutrina importada, extrínseca à região, utilizada em contextos diferentes. O tempo, porém, dedicado às andanças pelo Uaupés, deve ter iluminado, pela lembrança, os derradeiros anos de sua vida de exilado – degredo decorrente da terrível doença adquirida na mesma região escolhida como seu solo natal.



Prefácio

O autor deste livro, o sr. Luís da Câmara Cascudo, não precisa de apresentações. Alistado entre as figuras de vanguarda no atual movimento de renovação mental que sacode o Brasil, historiador, etnógrafo, etnólogo, lingüista, *conteur* amável, crítico, é, todavia, sob a feição muito curiosa de folclorista que mais lhe devemos admirar o espírito, independente, vivo, brilhante.

Ontem, era o retrato do conde D'Eu, bem-feito, tirando de sobre o príncipe, que nos comandou o exército nos campos do Paraguai, as pechas infamantes com que o procuravam incompatibilizar com a opinião nacional os que combatiam, sem receios, nas trincheiras republicanas. Ontem, ainda, o retrato de Lopez, verdadeiro, diferente daquele que os Carlos Pereira e os O'Leary, tão patranheiramente, vão riscando no intuito de nos agredir, de nos criar ambientes de hostilidades no continente da paz. Lopez, sob o traço de Cascudo, aparece-nos o tirano que martirizou o povo guarani, escrevendo

aquelas páginas de ignomínia que lhe marcaram as décadas de mando no Paraguai.

Depois, o punhado de monografias e ensaios versando a crônica do Rio Grande do Norte, os problemas que rodeiam o homem americano, a escravatura na terra potiguar, a linguagem do sertanejo, os instrumentos da música e o vocabulário do nosso afro-negro, dezenas de assuntos relativos às nossas tradições populares. Em todos, sentindo-se o pesquisador honesto, o analista frio, orientado, sempre interessante, sempre trazendo uma pedra nova para a construção do edifício das nossas origens. Amanhã, o sr. Câmara Cascudo, a frase obediente aos cânones mais puros, mas de acordo com a nossa natureza, com o ambiente brasileiro, nos dará, sem solenidade, a *Toponímia Sertaneja*, *O marquês de Olinda e seu tempo*, *História literária do Rio Grande do Norte*, *História da República do Rio Grande do Norte*,* que tem prontos, talvez mesmo já confiados a editores do sul.

Na atualidade, encontramos-lo enamorado da Amazônia, com o mundo de temas humanos que ela oferece aos estudiosos. O livro de hoje, este cujas páginas vamos percorrer, abre a galeria das memórias que nos está dedicando. Abre bem. Porque, realmente, Ermanno Stradelli, sobre cuja obra nos dedica estas páginas tão saborosas, tão perfeitas, é um soldado do vale. Integrado conosco, pelo amor à ciência, ao lado dos Xavier de Sampaio, dos Lobo d'Almada, dos Alexandre Rodrigues Ferreira, dos Bates, dos Wallace, dos La Condamine, dos Euclides, dos Sant'Anna Nery, dos outros grandes tipos de amazonólogos, entendeu a vida que viveram os de ontem e que vivemos os de hoje, aqui. Entendeu a

* Já editados em São Paulo e Rio de Janeiro.

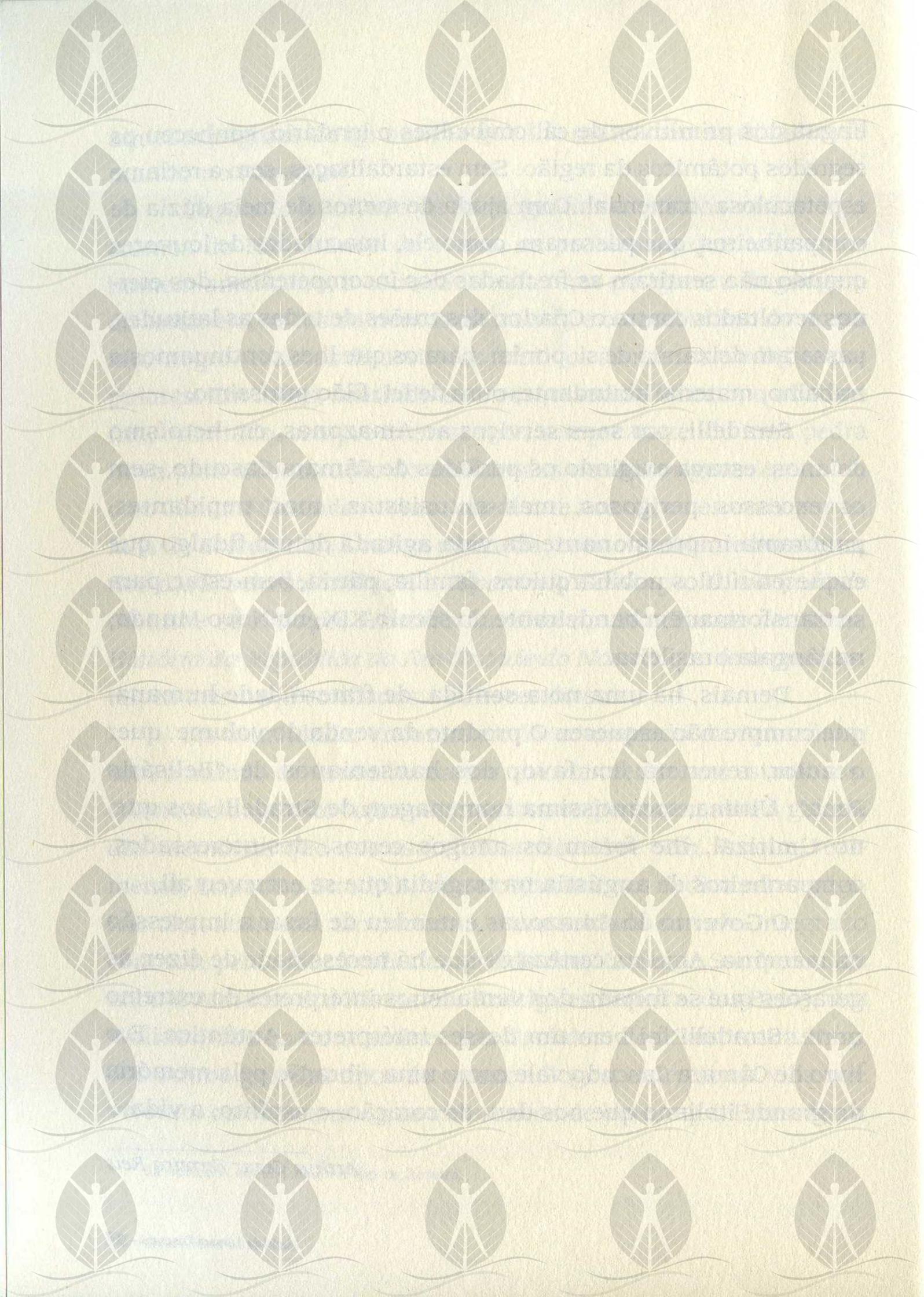
Língua dos primitivos de cá, coube-lhes o lendário, conheceu os segredos potâmicos da região. Sem estardalhaços, sem a reclame espetaculosa, comercial. Com ajuda de menos de meia dúzia de companheiros, que passaram, como ele, imaculados de louvores quando não sentiram as frechadas dos incompetentes, dos eternos revoltados contra o Criador, dos truões de todas as latitudes, passaram deixando de si, porém, para os que lhes continuamos o trabalho, material abundante, ouro de lei, filão puríssimo.

Stradelli, por seus serviços ao Amazonas, em heroísmo de anos, estava exigindo os períodos de Câmara Cascudo, sem os excessos perigosos, mas entusiastas, mas trepidantes, panorama impressionante da vida agitada de um fidalgo que esqueceu títulos nobiliárquicos, família, pátria, bem-estar, para se transformar em bandeirante do século XIX, no Novo Mundo, na jângala brasileira.

Demais, há uma nota sentida, de fraternidade humana, que cumpre não esquecer. O produto da venda do volume, quer o autor, reverterá em favor dos hansenianos de “Belisário Pena”. Última, tocantíssima homenagem de Stradelli aos que, no Umirizal, lhe foram os amigos certos, desinteressados, companheiros de angústia na tragédia que se escreveu ali.

O Governo do Amazonas entendeu de fazer a impressão da memória. Agiu na certeza de que há necessidade de dizer, às gerações que se forjam, dos verdadeiros intérpretes do extremo norte. Stradelli foi bem um desses intérpretes. Autêntico. E o livro de Câmara Cascudo vale como uma vibração pela memória do grande italiano que nos deu, de coração, o espírito, a vida.

Arthur Cezar Ferreira Reis



Razões deste livro

Quando li os “Vocabulários” de Stradelli, comovi-me ante aquele amor informe e completo pela vida amazônica. Era uma enciclopédia que o italiano fizera e vivera, em quarenta e três anos de vida ameraba. Quis estudá-lo. Esbarrei com a inexistência de documentos, livros, dados. Quase nada se sabia dele. Morrera em 1926 e seu nome se diluíra na sombra, como uma inutilidade. Raras citações. Raríssimos informadores. Percentagem altíssima em erros, enganos, omissões. As notas sobre Stradelli, vindas de origem brasileira, chegam a meia dúzia. Apenas. É a nota de Basílio de Magalhães no “O Folk-Lore no Brasil”, p. 41, a de Anísio Jobim, “A Intelectualidade no Extremo Norte”, p. 62, a mais extensa, calcada nas notícias de João Batista de Faria e Souza, um artigo quando da morte de Stradelli, no “Diário Oficial”, do Amazonas, de 25 de março de 1926, cheio de enganos e confusões, uma crônica do sr. Antonio Borsa no “O Jornal”, de Manaus, em 23 de março de

1935 e as rápidas citações do general Dionísio Cerqueira em seu *Reminiscências da Fronteira*, F. Briguiet, Rio, 1928. Aí está todo material conhecido por mim. É fácil verificar que é muito parcimonioso em detalhes biobibliográficos.

Para estudar Stradelli, escrevi cerca de oitenta cartas. Nem o bispo de Piacenza escapou. Universidades, embaixadores, cônsules, jornalistas, viajantes, padres e professores, foram vítimas de minha curiosidade. Dois terços defenderam-se com o silêncio. Outros responderam, enviando o que lhes pedia. Assim, de pedra em pedra, vindas de longe e de vários horizontes, fiz esta homenagem.

Aqui deixo meus agradecimentos profundos ao coronel Eurico de Agostini, secretário da *Reale Società Geografica Italiana*, que enviou de Roma todos os boletins com as comunicações de Stradelli, de 1887 a 1900, ao dr. Anísio Jobim, paciente informador e caro companheiro, ao sr. Antonio Borsa, a quem devo a foto de Stradelli e o mapa do Amazonas, ao professor Júlio Nogueira que me foi apresentado pelo dr. Basílio de Magalhães, e ao padre dr. Constantino Tastevin, que mandaram, do Rio e de Paris, os esplêndidos depoimentos sobre o biografado, ao padre Pedro Ghislandi, do colégio salesiano da Bahia, amável enviado de algumas informações, ao dr. Lorenzo Nicolai, real cônsul-geral da Itália no Brasil, a quem primeiro me dirigi e que teve a bondade de mandar vir de Roma os dois ensaios de Stradelli sobre Jurupari e o rio Uaupés, ao padre Alfonso Stradelli, que me forneceu dados biográficos do irmão, ao dr. Arthur Cezar Ferreira Reis, que me presenteou com os "Archivos" de Tenreiro Aranha e mais minúcias.

Era natural que meus dezoito meses de vida dedicados a Stradelli não tivessem preço em dinheiro. Homenagem vale por sua significação. Nunca por seu peso em espécie econômica. Trabalho em louvor de um morfético reverterá para os companheiros de sua desgraça. Que estas páginas dêem um pouco mais de conforto aos leprosos amazonenses, é a suprema paga concedida ao autor.

Álvaro Maia, Governador do Amazonas, materializou, eficientemente, meu sonho. Sem ele nada teria feito além de um inédito, indicado ao olvido como numerosos trabalhos de sua égide. Álvaro Maia prestou esta homenagem ao velho conde Ermanno Stradelli na pessoa dos que ainda penam com a mais terrível das moléstias da terra.

Falta “explicar” o tema do livro.

Stradelli não é explorador nem comerciante. É um enamorado. Não é geógrafo, um naturalista, um botânico, um classificador paciente, minucioso, disciplinado. É um arrebatado, um seduzido, um viajante aprendiz, querendo tudo ver, compreender e armar. As despesas materiais de sua viagem saíram do bolso. Era crédulo, simples, instantâneo no amor e na cólera. Dos setenta e quatro anos de existência, deu quarenta e três ao Amazonas. Não descobriu rios nem famílias etnológicas. Não deixou classificações botânicas nem zoológicas. Reuniu, é verdade, material curioso e múltiplo que figurou na Exposição Colombiana de Gênova em 1892 e uma sua coleção de pássaros e coleópteros está em Londres, no museu. Seus mapas são discutidos. Seus livros desconhecidos, jazem ignorados nos velhos boletins estrangeiros. Nenhum renome. Nenhuma glória. Nenhuma compensação.

Chegou moço, robusto, alegre, rico. Morreu morfético, paupérrimo, no improvisado leprosário de Umirizal.

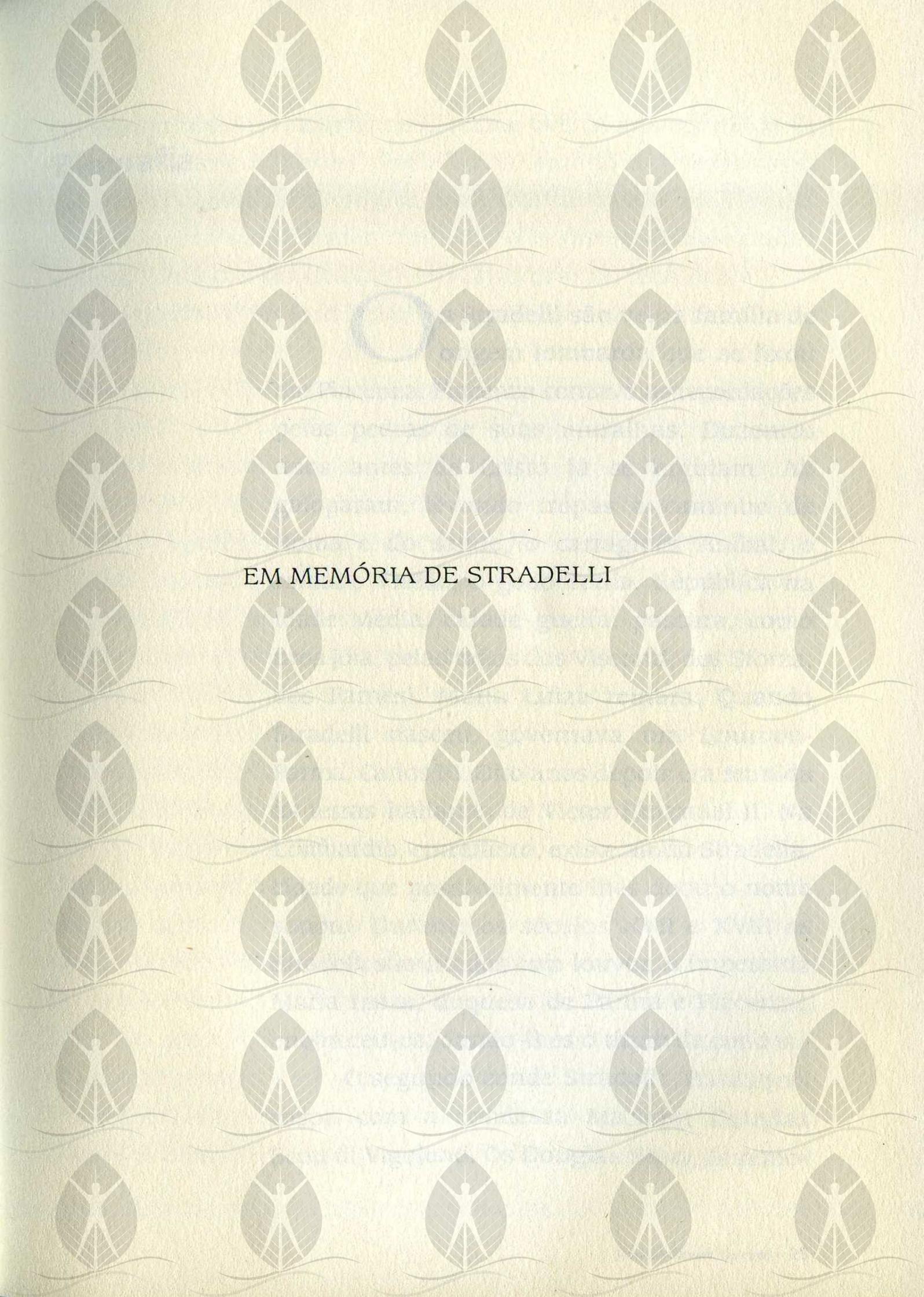
Eis aí a sustentação do meu voto. Aos homens do Amazonas, seu Governo e Povo, peço a carinhosa atenção para Stradelli. Como Plínio, o Moço, justificando Suetônio ante a justiça do imperador Trajano, lembro que é preciso que Stradelli obtenha da vossa bondade o que lhe recusou a injustiça de sua fortuna.

Ere catu. Tupana rupi.

Praia de Areia Preta.

Dia do Natal, 1935.

Luís da Câmara Cascudo



EM MEMÓRIA DE STRADELLI



Biografia

Os Stradelli são velha família de origem lombarda que se fixou em Piacenza. Piacenza contava as recordações pelas pedras de suas muralhas. Duzentos anos antes de Cristo já se erguiam. Ali galoparam, levando tropas a caminho de Roma e do saque, o cartaginês Aníbal, o romano Vitélio, o godo Totila. República na Idade Média, cidade guelfa, passara, como uma jóia, pelas mãos dos Visconti, dos Sforza, dos Farnesi. Maria Luiza reinara. Quando Stradelli nasceu, governava um Bourbon-Parma, Carlos III. Oito anos depois era reunida às terras italianas de Victor Emanuel II. Na Lombardia, entretanto, existe ainda Stradella, cidade que possivelmente lhes doou o nome sonoro. Durante os séculos XVII e XVIII os Stradelli são citados com louvor. A imperatriz Maria Luiza, duquesa de Parma e Piacenza, enobreceu-os, dando-lhes o título de condes.

O segundo conde Stradelli, Francesco, casou com a condessa Mariana Douglas Scott di Vigoleno. Os Douglas Scott, de remo-

ta fonte escocesa, são atualmente duques de Bucelench na Inglaterra, donde sua filha, Alice Montagu Douglas Scott, casou com Henry of Windsor, duque de Gloucester, terceiro filho do rei Jorge V.

A residência senhorial dos Stradelli era o castelo de Borgotaro. Aí, a 8 de dezembro de 1852, nasceu Ermanno, o primogênito da casa.

Seguiram-se, Ângelo, 1.º de julho de 1862 e Alfonso, a 23 de outubro de 1865, que se ordenou padre jesuíta e foi superior na igreja dos S. S. Martires, de Turim. As mulheres foram quatro. Bianca, casada com o conde Alessandro Calciati Grotti, Antonieta, que se casou com o conde Giuseppe Cigale Fulgosi, ambos piacentinos, Luiza, casada com o marquês Luigi Mereghi, de Jesi, e Glicéria, que foi a generala Francesco Santoro, de Firenze.

Ermanno é vivo, arrebatado, impulsivo, alacramente comunicativo. Fez seus estudos ginasiais no Colégio de Santa Catarina, em Pisa. A leitura predileta é a narrativa de viagem que lhe evoca a luta, o mistério, a valentia física, o assombro das matas virgens, dos desertos silenciosos, dos índios estranhos, dos animais fabulosos. Passa à Universidade pisana para cursar ciências jurídicas. É também uma fase poética que lhe não diminui o encanto pelas jornadas em terras longínquas. Com 24 anos publica seu primeiro livro de versos, *Una gita a Rocco d'Olgisio* e no outro ano, 1877, uma coleção de poesias em várias métricas, "Tempo sciupato". Impossível continuar lendo as pandetas de Justiniano ante o aceno incontido das florestas que ele sonha, imersas na bruma das distâncias. O pai morre. Stradelli, bruscamente, interrompe o curso

jurídico e volta a Borgotaro. Resolvera fazer-se explorador, geógrafo, etnólogo. Debalde a mãe se revolta. África não lhe devorará o filho. Ângelo Stradelli, o filho segundo, estudava. O terceiro, Alfonso, está rapaz mas já se diz um futuro sacerdote. O jovem conde Stradelli teima. De início sua idéia fora a África, com as caminhadas heróicas de Matteucci, de Antinori, de Manfredo Campério. Depois aparece o Brasil. Stradelli estuda topografia, farmácia, exercita-se na fotografia. Apaixona-se pela homeopatia. Dirá ele, numa confissão risonha: – *Ridete, ma sono omeopático e me ne trovo contento*. O Brasil soa-lhe aos ouvidos como um clangor. O rio Amazonas, povoado de lendas, de histórias, de encantamentos, é a suprema atração. Irá para o Brasil. O poeta deixa as odes, os madrigais e canções. Agora decora itinerários, mapas, portulanos, coordenadas, sonhando descobertas. Aproxima-se da Real Sociedade Geográfica Italiana, impulsionadora de todas as arrancadas científicas da época. A Real Sociedade apoia-o. Stradelli aprende o português e espanhol. Em meados de 1879, parte da Itália para o Brasil. Está com 27 anos fortes. Em junho chega ao Pará. Em julho pisa as ruas de Manaus, a cidade sedução, semeada de casario branco onde se erguiam as tabas dos Manaus. Em 1880, Stradelli viaja para o rio Purus. Percorre o Mamoriá-mirim, afluente da esquerda, e o Ituxi, da direita. Para ele tudo é espantoso, imprevisito, inopinado. Sobe os igarapés nas leves *montarias* como nas pesadas ubás, avançando a remo e varejão, água acima. Sua farmácia portátil, instrumentos topográficos, caixas para recolher material ornitológico e entomológico, acompanham-no, guardados

no bojo oscilante da canoa. Um naufrágio, de regresso, descendo uma *corredeira*, despe-o de haveres, de auxílios e de bagagens. Voltou a Manaus para refazer-se. O clima não lhe parecia pesar. Julho já o encontra subindo o Amazonas, até Fonte Boa e Loreto. Conheceu em Fonte Boa o conde Alessandro Sabatini, um estudioso da *língua boa*, o nheengatu, tupi do norte. Sabatini comunica-lhe o entusiasmo pelo idioma selvagem, coleante, dúctil, melodioso. Até morrer, Stradelli estudou e amou o nheengatu.

Ainda em 1880 examina, no rio Juruá, a extração da borracha, o preparo das *pélas*, o envio da seringa. Tenta mesmo aprofundar detalhes, e, numa segunda viagem, demora-se entre seringueiros, tomando notas. A febre palúdica segurou-o. O fidalgo de Borgotaro, nos intervalos dos acessos, resistia. O adiantamento do mal obrigou-o a recolher-se a Manaus. Equilibrando-se a saúde, isto é, tornando-se valetudinário pelo espaçamento palustre, Stradelli, abril de 1881, segue para o rio sonoro pelas lendas, o Uaupés. Foi o rio da predileção de Antônio Brandão de Amorim, Maximiliano José Roberto, Bernardo da Silva Ramos, o grupo estudioso que cercaria João Barbosa Rodrigues. Nessa jornada Ermanno explora, observa e registra aves e feras, índios e tradições espantosas. Um afluente do Uaupés, o Tiquié, foi visitado igualmente. Reincetaria, três vezes, a visita ao misterioso encanto dos Tárias e Tucanos do Uaupés. No fim do ano é que chegou à capital amazonense.

Manaus hospedava a Comissão Brasileira de Limites com a Venezuela. Dirigia-a o tenente-coronel Francisco Xavier

Lopes de Araújo (1828-86) depois barão de Parima, tendo às ordens, oficiais brilhantíssimos como José Jardim, Guilherme Carlos Lassance, Alfredo Fernandes da Costa, Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel e, sobretudo, para Stradelli, o major de engenheiros Dionísio Cerqueira.¹

Dionísio Cerqueira, forte, sadio, risonho, culto, corajoso, bem-humorado, caçador emérito, engenheiro ilustre, nadando como um boto, falando o nheengatu com o aprumo e a fluência de um tuxaua, caminhador infatigável, abolicionista, amigo do índio, meio-médico, idólatra das cantigas, das danças, dos hábitos amerabas, encantou Stradelli que se lhe tornou inseparável. Sua comunicabilidade espontânea prendeu o universitário de Pisa, explorador romântico, comerciante teórico, poeta obstinado e sonhador eterno. Por ele, Stradelli deixou todos os seus interesses e acompanhou-o, em princípio de 1882, como *attaché en amateur*, junto à Comissão Brasileira de Limites com a Venezuela. Em março-abril deste 1882 estão no rio Padauri, no tributário Marari, até o Castanho e cerro Guaí. Em maio demoram em Tomar. A 1.º de junho fixam-se em Carvoeiro. Julho, descem pelo rio Branco, sobem o rio Negro e revêem Manaus. Dionísio Cerqueira registraria a presença álaçre do espontâneo companheiro da expedição, num breve traço nítido, evocando o *conde Ermanno Stradelli, que trocou o seu Castelo de Borgo-*

1 Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, nasceu na Bahia a 2 de abril de 1847. Entrou para o Exército em 2 de janeiro de 1865 e reformou-se em general-de-brigada a 12 de novembro de 1891. Quatro vezes deputado federal, foi ministro das Relações Exteriores, da Viação e da Guerra. Faleceu em Paris a 15 de fevereiro de 1910. Sua participação na Guerra do Paraguai, evocou-a no esplêndido *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, 4.ª ed. Biblioteca do Exército Editora. Introdução do general Umberto Peregrino. Rio de Janeiro, s. d.

*taro e os prazeres aristocráticos de Florença pela taba selvagem dos Tucanos do Uaupés e as explorações arriscadas no meio do gentio e dos anófeles amazônicos, fazendo-se naturalista e geógrafo.*²

Para corresponder a este retrato Stradelli não descansa. Reparte, no mesmo 1882, pelo caminho fluvial para o Uaupés sugestivo. Sobe-o até Jauaretê-cachoeira. Examina o Apaporis até Piraquara. Só a “mãe febre” o faz voltar, tiritando de impaludismo, ao conforto relativo de Manaus.

1883 é ano de moléstia, de tratamento e de estudo. Segue para o rio Madeira, para Itacoatiara, acolhedora e generosa. Põe em ordem as notas e inicia caça aos verbetes para o entressenhado “Vocabulário” que sairia três anos depois de sua morte. Ainda animou João Barbosa Rodrigues, o grande e olvidado botânico, a fundar o Museu Botânico. O que é audácia no Rio de Janeiro de 1935, devia ser atrevimento no Amazonas de 1883. Em princípios de 1884 volta a Manaus, pensando visitar a Itália, a doce Piacenza, o velho Borgotaro nativo. Mas Barbosa Rodrigues queria pacificar os Crichanás do rio Jauaperi, indômitos e preadores, em quarenta anos de batalhas desiguais.

Os Crichanás, até hoje não incluídos nos grupos indígenas da Amazônia, viviam, desde 1840, em lutas, arremessos e assaltos à Moura, cidade plantada nas barreiras do rio Branco. Barbosa Rodrigues fora convidado pelo dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, presidente da Província, para diri-

² General Dionísio Cerqueira – *Reminiscências da Fronteira*. F. Briguiet & Cia. Editor, p. 15. Rio de Janeiro, 1928.

gir a tentativa de pacificação. Stradelli, convidado também, mesmo convalescendo, dizia que *l'occasione per me era troppo nella, e risposi non aver difficoltà nessuna*. E todo dia tinha acesso de febre.

O novo presidente, Theodureto Souto pôde conseguir. Barbosa Rodrigues e Stradelli estiveram no curso do Jauaperi, compreendido entre 63° 39' 35" e 63° 45' 35" long. Oeste de Paris, 0° 3' e 1° 26' lat. Sul. Os resultados promissores animaram Rodrigues a voltar e obter um sucesso. Da primeira expedição, Stradelli, na Páscoa de 1884, guardou lembrança duradoura. Revelou-lhe a estupidez dos métodos civilizadores dos brancos que haviam procurado "domesticar" os Crichanás, incendiando-lhes as tabas, violando as mulheres, raptando as crianças e trucidando os homens. Do embate do fuzil e da flecha resultou o ódio velho que Barbosa Rodrigues pôde atenuar com presentes, carinhos e aproximação afetuosa. Stradelli, como faziam os exploradores alemães, adaptava-se ao ambiente. Comeu o moquém de aguti, mastigou o beiju, molhou os lábios no molho estonteante de pimentas. Só não bebeu o caxiri, amavelmente ofertado por uma Hebe centenária, suja e sorridente. A impressão que lhe deixaram os Crichanás foi de alegria, comunicabilidade e confiança. Eram altos, esbeltos, de extremidades delicadas, depiladas as barbas e sobrancelhas, com os *cuêio* (cobre-sexo) de algodão grosseiro, pintado à jenipapo e urucu, aberturas palpebrais quase na horizontal, cabelos lisos e com uma epiderme *rosso rame non troppo carico, per quanto tra essi si incontrino individui di tutte tonalità e alcuno sia quanto un mulatto*. O geral seria o

que Wied-Neuwied dissera dos Botocudos baianos: – *Dagegen offers mehr gelblich braun*. Não conheciam o ferro. Usavam arcos e flechas de muirapiranga, sem curare. Muitos mostravam as cicatrizes horrendas da metralha pacificadora. Stradelli gabou-lhes o instinto do desenho, a mania de representar os objetos vistos.³ Voltou a Manaus trazendo uma coleção curiosa. Em agosto viajava para a Itália.

Desta fase sabemos pouco. Não há rasto de trabalhos relatando as impressões da América tropical. O R. P. Alfonso Stradelli informou-me apenas que seu irmão tivera prolongado contato com os missionários franciscanos, quase todos italianos, que o ambientaram, ensinando-lhe o português. *Mandava a sua Madre ogni mesi notizia dettagilata de tutto quanto egli faceva com descrizioni meravigliosa dei luoghi che di mano in mano visitava*. Mas não conheço o arquivo da família Stradelli e é de lamentar não ter esta publicado as narrativas de seu jovem chefe, evocando a terra meridional e misteriosa.

1885 e 1886 passou-os Stradelli em estudos. Terminou seu curso jurídico na Universidade de Pisa, laureando-se em Direito. Fez prática forense em Gênova, com o famoso advogado Orsini. A família obstinava-se em fixá-lo na Itália. De nada carecia. Tinha nome, cultura, audácia, inteligência, vivacidade. Só lhe faltava a vontade de ficar. Esta não aparecia. Do outro lado do Atlântico os grandes rios rumorejantes, as florestas incontáveis, as raças exóticas, os costumes estupefacientes, atraíram-no como um ímã. Stradelli demorou-se preparando o regresso.

3 Para detalhes, ver J. Barbosa Rodrigues – *Rio Jauaperi. A pacificação dos Crichanás*. Rio de Janeiro. 1885.

De suas relações era o marquês Augusto Serra dei Duchi di Cardinale, capitão-de-cavalaria de Savoia, admirador das viagens acidentadas na América do Sul. Do convívio com livros, ajudado pela eloqüência torrencial de seu amigo Augusto Serra, recebeu, entusiasmado, a idéia de uma façanha heróica, destinada ao renome.

Stradelli pensava agora em “descobrir”. Não mais era o material etnográfico que o apaixonava e sim o *algo de nuevo*. O tema devia compreender uma excursão interessando geógrafos e viajantes do novo continente. Escolheu o rio Orenoco e se dispôs levantar o segredo de sua nascença, envolta em dúvidas hoje ainda.

Preparou-se lendo crônicas velhas e especialmente os trabalhos da demarcação de Portugal-Espanha em suas colônias da América, Brasil-Venezuela. Stradelli pôs sua jornada sob os auspícios da Real Sociedade Geográfica Italiana. O “bollettino”, daí em diante, segue-lhe os passos, publicando as comunicações. Como da primeira viagem, os gastos financeiros eram seus.

Nessa época interessava muito mais à Europa a sorte de Emin Pachá e do capitão Caetano Casati, no alto Sudão, que todas as cabeceiras dos rios ibero-americanos. As revistas só falavam em Emin, em Wissemann, em Stanley, na Equatoria, fauna, flora, folk-lore da África longínqua.

Stradelli deliberando partir, partiu. Em fevereiro de 1887 embarcou-se em Marselle, na França, para a América do Sul.

A viagem foi direta à Venezuela. Stradelli pouco se demorou em La Guaíra, onde desembarcara. A 3 de março já

se encontra em Caracas, passeando pelo Panteon, olhando a Catedral e notando a paisagem rude e bela onde os cactus, *a guisa di candelabri stendono le loro braccia nude al cielo*. O presidente da República, general Guzman Blanco, faustoso como um Doge, recebeu-o magnificamente. D. Diego Urbaneja, ministro das Relações Exteriores, facilitou todos os desejos ao viajante. Augusto Serra, o marquês dei Duchi di Cardinale, não deixara ainda a Itália. Stradelli resolveu ir esperá-lo em Ciudad Bolívar. Relacionou-se com os intelectuais, inclusive com D. Miguel Tejera, que fora um dos delegados de seu país na verificação das fronteiras com o Brasil. No meio de toda aquela cordialidade, Stradelli atordoou-se com a notícia de ter sido descoberta a nascente do Orenoco por Chaffanjon, a 18 de dezembro de 1886. Dias depois lê, em mão do ministro de França, Mr. Thiessé, a carta do explorador francês mandando pormenores. Stradelli não acredita que Chaffanjon tivesse visto as cabeceiras do Orenoco. Passara a Raudal dos Guaharibos, apenas. Se muito navegara, teria chegado, em 1886, onde Diaz de La Fuente atingira em 1759. Stradelli aceita a opinião de Miguel Tejera: o Orenoco não nasce na serra Parima e sim mais para diante, para dentro, em terra brasileira. O melhor caminho seria o rio Branco e não o Negro, pelo Cassiquiare. Em 1759 Diaz de La Fuente dissera o mesmo. É ainda a melhor verdade...

Stradelli fica todo março em Caracas. Finalmente segue para a ilha Trinidad e daí, de Puerto d'España, a 3 de abril, larga para Ciudad Bolívar onde chega a 4 de maio. A 13 de julho salta em Porto Samuro, nos Aturés, no velho piso de

Humboldt. Visitou Maipures e percorreu o baixo Vichada, afluente do Orenoco, de 10 de outubro a 7 de novembro. De Maipures partiu para São Fernando de Atabapo. Esvaneceram-se a esperança de ver Augusto Serra. De S. Fernando de Atabapo, no alto Guáinia, segue, a 19 de dezembro, atingindo Yavita, no dia de Natal. A 2 de janeiro de 1888 abandona S. Carlos, passando a fronteira e saltando em Cucuí, o posto militar avançado do Brasil, no mesmo dia. No primeiro de fevereiro reinicia a jornada para Vista Alegre, chegando aí a 13, tomando o vapor a 19. A 24 de fevereiro, pela manhã, abraça com o olhar ansioso, Manaus, a cidade cercada de matas, de rios e de vitórias-régias.

Seu sossego é o mais efêmero de todos os sossegos. O repouso consiste em mudar de trabalho, diria ele como Eugênio de Castro, traduzindo Goethe aos domingos. Descansando da jornada Caracas-Manaus, Stradelli conheceu o major Jacques Ourique. Convite para uma excursão ao rio Branco. A 10 de maio o italiano está navegando. A 7 de junho vê São Marcos, a extrema de seus conhecimentos geográficos na região. Voltou a Manaus.

A vida ritmou-se numa cadência regular que não está longe da monotonia. Visita novamente o rio Uaupés em 1890-91. Naturaliza-se cidadão brasileiro em 1893. A 22 de agosto o diplomado pela Universidade de Pisa, desprezando a complicação de um revalidamento de diploma, requer e obtém, do Superior Tribunal de Justiça, a carta de advogado provisionado. Ingressa na burocracia do ministério público. Nomeiam-no, a 29 de julho de 1895, promotor público do segundo

distrito em Manaus. Em 24 de setembro removem-no para a Comarca de Lábrea, no rio Purus.

O promotor público e pequeno advogado sonha com indústria e desenvolvimento econômicos onde o patriotismo e a lógica se misturam. O comércio da borracha está virtualmente em mãos estrangeiras. As praças são anglo-saxônicas. Stradelli planeja um *trust* italiano-brasileiro, centralizador de quase toda produção. Ele será o diretor-jurídico, o *manager* local. Os capitais virão de Manaus e da Itália. Não o ouvem. O eterno idealista resolve tentar o negócio na Europa. Em 1897 vai à Itália, oferecer a Pirelli seu imenso plano de domínio comercial. Pirelli está preso a mil fios econômicos. Tem medo das vacilações políticas do Brasil que se refletem, quatrienalmente, nas realizações da administração anterior. Recusa. Stradelli regressa no mesmo ano. Nunca mais verá Piacenza, o pequeno Borgotaro, os irmãos queridos, os cunhados ilustres, condes, generais e marqueses. Volta para o Amazonas. Fechou o círculo da vida. O Governador inclui seu nome na representação do Estado à exposição de Chicago em 1904. O fidalgo namorado dos Tárias não figura. Não vai aos Estados Unidos.

Raros acontecimentos emergem da linha de sua existência banal. O viajante do Orenoco é um magistrado, sedentário, recolhido, estudando o material que juntara em tantos anos de vontade. Nomeado promotor público de Tefé, a 18 de novembro de 1912, instala-se numa casinha, no alto dum monte. Mora só, sem criados nem companhias. Ele mesmo é secretário, consultor, cozinheiro. Não desdenha as rápidas palestras. Desce, pelas manhãs, ao mercado, para fazer compras e tomar banho

n'água fria do igarapé. Cercado de livros, manuscritos, notas, desenhos, revê, coteja, balança, corrige, escreve. Colabora na "Revista de Direito", de Bento de Farias, a mais reputada publicação na espécie que tínhamos no Brasil. O padre dr. Tastevin evoca-lhe a vida serena, solitária, plena de trabalho. O professor Júlio Nogueira recorda, magnificamente, o Stradelli íntimo, álaçre, palestrador delicioso, discutindo tudo, entendendo de tudo, adaptado ao viver amazônico, amando desesperadamente os peixes, os molhos ardentes, as frutas estranhas e indo, nos dias de festa em casas amigas, fazer na cozinha o cardápio maravilhoso. No meio desse espírito de alegria, de intimidade, de bondade simples, há um clarão de revolta quando o dizem fidalgo por título gracioso. Stradelli, escrevendo direito, desenhando mapas, descendo os rios, recolhendo lendas, registrando vocabulário, fazendo macarrão, nunca esqueceu a ancestralidade aristocrática de sua velhíssima raça. Viveu fidalgo nos tijupares como seus cunhados viviam nos palácios de Florença e de Piacenza. Fidalgo não é superioridade, supremacia, dominação. É apenas um exemplo de hereditariedade fixada, um sinal de responsabilidade positiva, uma herança de deveres ante as sombras dos avós desaparecidos.

A 4 de julho de 1923, Ermanno Stradelli é exonerado do cargo de promotor público de Tefé. O Governo afastava-o do posto porque o soldado estava vencido pela mais hedionda de todas as moléstias da Terra – a morfêia. Da Itália, o padre Alfonso Stradelli insistia pelo irmão. Mandara-lhe um bilhete de passagem pelos vapores da Booth-Line, Stradelli, inchado,

roxo, tendo todos os tormentos, veio até Manaus. Não mais era possível a viagem. Nenhum hotel o podia agasalhar. O Governo internou-o no improvisado leprosário de Umirizal, nos arredores de Manaus.

Fizeram para ele um pequenino *bungalow*. Aí o caminhador esperaria a morte. Stradelli só pediu que lhe dessem seus livros que estavam em Tefé. Não teve uma queixa, um grito de desespero. Isolou-se entre seus papéis, seguindo as caravanas indígenas pelas matas, subindo idealmente os rios rumorosos, conversando com os mortos amigos, revivendo caçadas, assaltos, histórias, fantasmagorias, mistérios, no meio do silêncio e do horror de Umirizal.

Aí aguardou a morte e esperançava ver, prêmio único de toda sua existência, um exemplar de seu vocabulário, seu orgulho, sua enciclopédia, explicação do esforço, da valentia, da inteligência de meio século de observação e de amor à terra amazônica.

Morreu em 24 de março de 1926.

O *Vocabulário Português-Nheengatu e Nheengatu-Português* só saiu em 1929, três anos depois.

De Caracas a Manaus

A viagem que fez Stradelli de março de 1887 a fevereiro de 1888, pelo Orenoco e rio Negro, ficou minuciosamente narrada na série de comunicações que o “Bollettino della Società Geografica Italiana” publicou nos fascículos VII, X e XI, julho, outubro e novembro de 1887 e fascículos VI, VIII, IX, junho, agosto e setembro de 1888 e fascículo I, de janeiro de 1889. Não tem a precisão técnica de uma jornada geográfica nem os valores pictóricos de um viajante literário. É antes um jornal de bordo, um diário de observação, sereno, confiado, preciso, imparcial. É uma narrativa igual, segura, equilibrada. Não há clamor nem entusiasmo desbordante. O explorador registra, impassível, a paisagem e os homens, pormenores e figuras, animais e frases. Sabemos de sua inteligência pela simples menção de minúcias, de traços, comumente olvidados nos viajantes que pouco se recordarão da figura inigualável de Hum-

boldt, amplo e magistral, de Spruce, familiar e completo, de Wallace, comunicativo e nítido.

Como narração de viagem, Stradelli é desconcertante. Não traz um só episódio sensacional. Não há um ato de tragédia, uma aventura estranha, um rasgo inusitado de coragem, de afoiteza, de loucura teatral. Nem serpentes, jacarés e onças aparecem nas páginas tranqüilas da história singela. Dá imediatamente a impressão de facilidade, de ausência de perigo, de naturalidade. Parece que toda a gente podia realizar o mesmo, através dos rios imensos, descendo no rebojo das caudais sonoras e marulhantes. Ah! se esta viagem fosse feita por um Savage Landor!... Que combates tremendos com tribos de índios antropófagos!... Que princesas amerabas apaixonadas pelo inglês valoroso! Que saltos miraculosos nas cachoeiras altíssimas! Com Stradelli não há nada disso. O extremo valor de sua jornada está justamente na nobre simplicidade com que a fotografou.

Seu itinerário é conhecido. De Caracas para Puerto d'España, na ilha da Trindad, daí a Ciudad Bolívar, Puerto Samuro nos Aturés, onde Humboldt recolheu a tradição do papagaio, único a conhecer a linguagem rude da tribo que desaparecera nas guerras intermináveis. Visita Maipures, com seu cemitério indígena, percorre o baixo Vichada, afluente do Orenoco. De Maipures chega a S. Fernando de Atabapo para Yavita, S. Carlos, entrando pelo Brasil no velho pouso de Cucuí. Desse ponto em diante é a descida banal, rumo a Manaus.

Sua pena aflora, leve, os assuntos mais sérios. Comove-o a desolação das aldeias outrora povoadas e ruidosas e agora

morrendo à beira do rio indiferente. Os índios arrancaram-lhe palavras de indignação pelo aviltamento que o “progresso” lhes trouxe. Estão embrutecidos pelo álcool, roídos de sífilis, interesseiros, apáticos, habituados à escravidão sinistra do civilizado. O trabalho do índio é mal pago ou não-pago. Enganá-lo é a prática diária dos “brancos”. O dominador das terras, vencedor de feras e tripulador de igaras nas águas revoltas, é apenas *irracional*. O branco é o *racional*. *Yo soy racional!*... diz um índio, orgulhoso. É a derradeira convulsão da raça, naquele prurido de fidalguia pueril. É de Ermanno Stradelli o mesmo protesto que encontramos em alemão, com Von den Stein e Koch-Grünberg, em inglês, com Hamilton Rice, em francês, com Coudreau, em português, com Cândido Mariano Rondon.

Ele ressalta, vendo urnas funerárias encontradas na Serra dos Mortos, estudada também pelo infeliz e grande Crevaux, a semelhança do tipo antropológico representado toscamente. E mesmo um detalhe, entre os examinados em Miracauera, necrópole indígena amazonense e os vistos em Aturés, traem a possível unidade somática, a projeção da fronte. Por minha parte vejo nos desenhos de Stradelli uma notável semelhança com as figuras desenterradas, há pouco mais de dez anos, pelo doutor Rafael Requeña, nas ribas de Ocumare, na Venezuela atlântica.

Entre os petrógrifos do Serro Pintado, ao sul de Aturés, há uma serpente colossal, *della testa caratteristica delle specievelenose*, escreve apenas Stradelli, mas é visível que o desenho materializa a Naja oriental, a serpente de capelo, com suas inconfundíveis e apavorantes papadas. De onde viera

esse conhecimento? Vez por outra Stradelli envolve-se em abstrações e deduções curiosas. A hipótese da glaciação de Agassiz ia-o conquistando. Felizmente defendeu-se: – *Mal’ho giádetto, non sono uno scienziato, ma un semplice, touriste e um tantino, bisogna pure confessarlo, ignorante e se talvolta mi azzardo a dire ciò che penso su quanto hanno pensato gli altri, é solamente a titolo d’impressione e nulla piú, lasciando a chi sa intatto il campo della speculazione scientifica.*

Quais seriam as observações mais curiosas do conde Stradelli em seus dias pelo rio infinito? Ele nota em Aturés as petrografias enormes, tomando duzentos metros quadrados, demonstração demasiado exuberante para constituir uma distração indígena. No cemitério selvagem de Maipures há uma centena de urnas vermelhas, de barro modelado, contendo dois, três e quatro esqueletos. Raramente um só. De seu passeio ao Vichada, com desenhos de armas, habitações e utensílios dos Guaíbos, recolheu um bom vocabulário, com pequenas anotações prosodiais, além de esboços geográficos e apontamentos meteorológicos. As descrições topográficas são abundantes e há grande cópia de ilustrações ao natural, expressivas e claras. O lado econômico não lhe escapa e sempre Stradelli sugere, aconselha ou critica organizações oficiais ou iniciativas privadas que se distanciam do ambiente e da boa lógica. Todas as comunicações vêm com a mesma indumentária verbal, acessível e concisa, diversa da eloqüência latina em que se pinta com a imaginação sem nenhuma referência ambiental.

Para os leitores de Savage Landor o conde de Stradelli é profundamente desinteressante. Ele não salvou ninguém nem

lutou, corpo-a-corpo, com um tigre. Stradelli, em todos os seus rápidos trabalhos de viagem, é de um estilo fotográfico.

Mas, a viagem de Stradelli em 1887-88 não era vir pelo Orenoco-alto rio Negro até Manaus. Tinha intuitos mais decisivos e sensacionais. Era descobrir a nascente do Orenoco. E não o fez. Por quê?

Para atingir as nascentes do Orenoco a rota mais simples seria subir o mesmo rio, fazendo ponto de irradiação em S. Fernando de Atabapo. O único que afirma ter visto onde nasce o Orenoco foi o francês Chaffanjon, que dá o dia 18 de dezembro de 1886 como tendo sido o da suprema façanha. Todas as outras tentativas falharam, antes e posteriormente a Chaffanjon. Humboldt voltou de Esmeralda, lat. $3^{\circ} 10' 14''$, long. $65^{\circ} 33' 30''$. Nem aí chegou Spruce. Schomburgk passara fora do raio perigoso e alheio ao Orenoco. Michelena y Rojas chegou ao rio Umauaca, lat. $2^{\circ} 30' 36''$, long. $65^{\circ} 11' 01''$. Toda esta zona é domínio dos índios Guaaribos, antropófagos, indomáveis, brutais, acima de qualquer sedução de ofertas e de ameaças. A raudal dos Guaaribos, lat. $2^{\circ} 18' 18''$, long. $64^{\circ} 38' 46''$, é o limite dos conhecimentos reais na pista do Orenoco às suas origens. Daí voltou Francisco Bodadilla, chefiando as forças da Comissão de Limites Espanhola em 1763. Diaz de La Fuente, em 1759, dissera ter ultrapassado a famosa raudal, povoada de Guaaribos intratáveis que obrigaram Codazzi a retornar e ainda, em janeiro de 1920, punham ponto final nas explorações do doutor Hamilton Rice.

Quando Stradelli chegou a Caracas, em março de 1887, soube da notícia estupefaciente para os seus secretos desíg-

nios. Chaffanjon vira as nascentes do Orenoco e até marcava o dia da visita. Stradelli ficou meio desnorteado mas reagiu depressa, recusando aceitar como verídica a relação que o viajante francês mandara ao enviado da França na Venezuela, mr. Thiessé. Voltou a ler Diaz de La Fuente, o expedicionário de 1759, que fora o homem mais ousado e feliz na aproximação e mesmo assim não vira onde o Orenoco nascia. Era, dizia o espanhol, ao pé da cordilheira Parima que se despenhava uma grande queda-d'água, o princípio do Orenoco. Diaz de La Fuente não fora até aí porque o rio não dava calado para as menores embarcações. Era já uma espécie de *cañon*, um canal estreito, com forte correnteza. Stradelli declarou que Chaffanjon o mais que atingira devia ter sido onde Diaz de La Fuente pusera os olhos. Nem mais um passo adiante.

A viagem de Stradelli era com o marquês Augusto Serra dei Duchi di Cardinale, que não chegou a sair da Itália, esquecendo a necessidade de vários instrumentos que causaram parte do fracasso ao seu companheiro. Mesmo desajudado e com a vitória de Chaffanjon, Stradelli partiu, confiante nos parquíssimos elementos de êxito. A 25 de maio de 1887 encontrou Chaffanjon em Las Bonitas e conversou, confessando sua polida incredulidade ante os pontos de contato entre a descrição do viajante francês e a narrativa do explorador-diplomata espanhol. Chaffanjon reafirmou que a nascente do Orenoco era exatamente onde ele dissera. Nada mais. Justamente, em bom sentido, era confessar a reprodução material de Diaz de La Fuente, cento e vinte e seis anos antes.

Até S. Fernando de Atabapo, Stradelli estava certo de tentar aventura. Em S. Fernando diluíram-se todas as esperanças. Augusto Serra não viera nem os instrumentos haviam chegado. A embarcação inutilizara-se no “salto del Guaiabal”, nos Aturés. Restou ao viajante italiano o consolo de esperar descer até Manaus e voltar, numa expedição mais bem aparelhada, ciente da vitória.

Ficou-lhe, entretanto, um sinal de agudeza, de perspicácia, de dedução segura e clara. Não mais tentaria o Orenoco pelas suas águas nem subindo o rio Negro e vindo pelo Casiquiare. O rio Branco é o caminho misterioso, negaceante, mas vislumbrado nas vagas histórias que dão os índios Guaaribos como sabedores de uma pista secreta que leva do Orenoco ao ramal Parima do Uraricoera, seguida pelos índios, quando vêm de um sistema fluvial ao outro. Stradelli dissera, categórico, *penso di ritentare l'impresa pel rio Branco*. E, ao partir de S. Fernando de Atabapo, escrevia, confiado no futuro? – *lasciavo San Fernando, colla segreta speranza però di rivederlo un giorno o l'altro, se potrò, venendo della valle del rio Branco, attraverso la Serra Parima, per discendere l'Orenoco dopo averne riconosciute e determinate le sorgente*. E num prenúncio melancólico – *Ma pur troppo cosi bella speranza temo di non poter mai vedere realizzata...*

A tradição, que Diaz de La Fuente colhera dos índios Urumanavis, era igual. Ao espanhol *gli Indiani Urumanavis mi ripeterono, che non mi arrovellassi invano, che solo entrando per il rio Branco avrei potuto giungere a vedere l'Orenoco uscire di sotto alla pietra ippa, come dissero gli Indiani*.

Hamilton Rice, de citação indispensável quando se trata de explorações geográficas no extremo norte do Brasil, repete, mesmo não conhecendo Stradelli, as conclusões do velho fidalgo de Borgotaro.

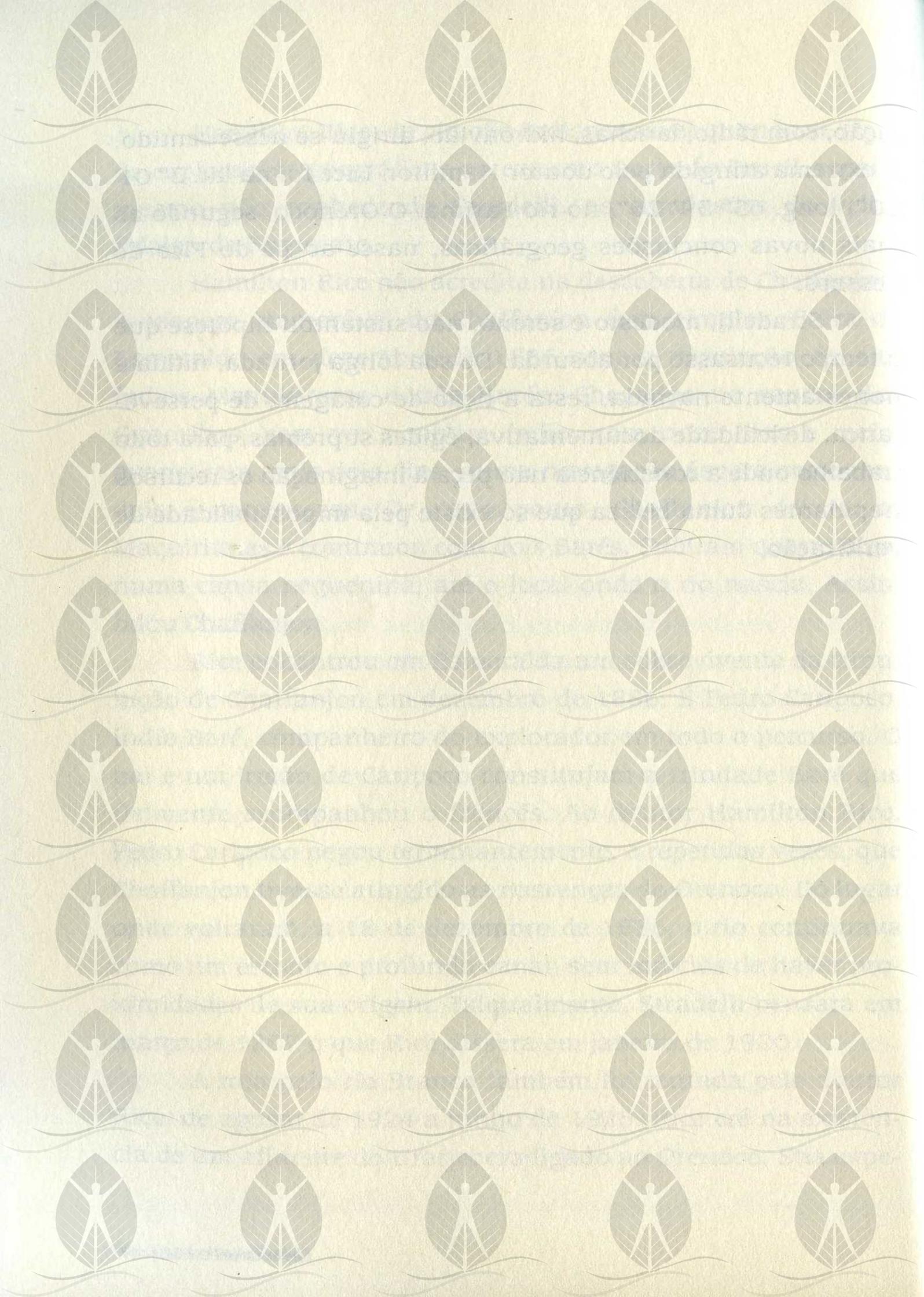
Hamilton Rice não acredita na descoberta de Chaffanjon. A viagem memorável de Chaffanjon fora simples. Saíra de Esmeralda em dezembro de 1886 com a tripulação de oito índios Maquiritares e três Barés. Chegados ao raudal dos Guaaribos, sem ver nenhum índio, com onze dias e meio, avançaram mais dois dias, numa navegação áspera entre raudais e correntezas. De certo ponto, Chaffanjon deixou os Maquiritares e continuou com dois Barés. Subiram quatro dias, numa canoa pequenina, até o local onde o rio nascia. Assim falou Chaffanjon.

Rice encontrou em Esmeralda um sobrevivente da tripulação de Chaffanjon em dezembro de 1886. É Pedro Caripoco, índio Baré, companheiro do explorador em todo o percurso. O pai e um irmão de Caripoco constituíam a trindade Baré que fielmente acompanhou o francês. Ao doutor Hamilton Rice, Pedro Caripoco negou terminantemente, e repetidas vezes, que Chaffanjon tivesse atingido as nascentes do Orenoco. Do lugar onde voltaram, a 18 de dezembro de 1886, o rio continuava como um estreito e profundo canal, sem indícios de haver proximidades de sua origem. Talqualmente, Stradelli pensara em março de 1887 o que Rice dissera em janeiro de 1920.

A rota pelo rio Branco também foi tentada pelo doutor Rice, de agosto de 1924 a junho de 1925. Rice crê na existência de um afluente do Uraricoera ligado ao Orenoco. Sua expe-

dição, com rádio, lanchas, hidroavião, dirigiu-se nesse sentido. A extrema atingida pelo doutor Hamilton Rice foi na lat. 3° 01' 20", long. 63° 39' 26", no rio Parima. O Orenoco, segundo as mais novas conclusões geográficas, nasce ao pé do Pico de Lesseps.

Stradelli, modesto e sereno, não sustentou hipótese que o tempo recusasse por absurda. De sua longa jornada, nítida e honestamente narrada, resta a lição de coragem, de perseverança, de lealdade documentativa, égides supremas, para todo trabalho onde a consciência não peça à imaginação os recursos trepidantes duma beleza que só existe pela impossibilidade de verificação.



Rio Branco

Note di viaggio. Bollettino della Società Geografica Italiana. Marzo-Abrile. 1889 – Roma.

Em maio de 1888 Stradelli entrou no “Hotel de França”, em Manaus, e um amigo apresentou-o a um homem alto, magro, sereno. Era o major Alfredo Ernesto Jacques Ourique, engenheiro militar, reformado, três anos depois, no posto de general. Jacques Ourique estava encarregado pelo Governo Imperial de visitar o rio Branco para julgar da conveniência de fundar uma colônia militar. Barbosa Rodrigues recomendara Stradelli como veterano sabedor do labirinto potamológico da Amazônia. Ourique queria notícias do rio. Stradelli lá estivera, em 1882, com a Comissão de Limites. Mas não ultrapassara Carapanatuba, entre o paraná Extrema e a linha do Remanso, jornada ínfima para quem desejava subir. Onde queria ir Jacques Ourique?

– Até às Fazendas Nacionais. Uma viagem duma trintena de dias.

– Andando de vapor, mas, mesmo assim, ponha sessenta e se enganará pouco.

– Quer assombrar-me?

– Nem por sonho!

A conversa foi por aí. Ficaram amigos. Os outros oficiais, Vaz Lobo e José de Moraes, cultos e palradores, agradavam. *Um bel giorno, senza saper come, mi trovai ad aver promesso di accompagnarli al rio Branco*, confia Stradelli.

O presidente da Província, coronel Francisco Antônio Pimenta Bueno, que Stradelli chama, respeitosa e erradamente *signor Conte*, pôs uma lancha a vapor à disposição. No dia 19 de maio às três e meia, a Comissão partiu.

Stradelli, *en amateur*, como em 1883 com Dionísio Cerqueira, acompanhou-a. É a jornada ao rio Branco que terminou em S. Marcos, lat. 3° 02' 44" e long. 60° 28' 56", segundo o mapa da expedição A. Hamilton Rice.

A comunicação, que Stradelli manda fielmente à Sociedade Geográfica Italiana, é bem o testemunho do seu curioso *processus* de viajar. Stradelli não é membro da Comissão nem contratado. Não caça, não pesca, não corta lenha, não rema, não desenha, não faz observações. Debalde procurar-se-á uma coordenada entre as descrições de rios, igarapés, paranás, ilhas e aldeolas. Só o rio Juauperi, lembrando-lhe a façanha com Barbosa Rodrigues em 1884, na pacificação dos Crichanás, merece as honras da latitude e longitude pelo meridiano de Paris, indicando a foz no rio Negro e *fino al punto dove giungemmo*. Somente. Em compensação registra tudo quanto vê. É um delicioso evocador das paisagens monótonas do rio

imenso, a chuva diária, o calor úmido, a solidão das águas rumorejantes, riscando a orla das matas. Não esqueceu o mulato Muratu, célebre pela força física. A troco de cachaça, Muratu desencahou uma chata cheia de bois. Dez homens lutaram e desanimaram. Muratu meteu-se no rio e livrou a embarcação *con due o tre colpi de spalla*. Bebido o pagamento, o atleta ficou inutilizado oito dias consecutivos... Lá está a morte do tuxaua Roque, tuberculoso que se afogou. Traços rápidos guardam episódios breves, o jauaretê que atravessava o rio e fora morto a tiros, as neblinas da manhã, as nuvens de mosquitos, os pequeninos casebres que ponteiam de vida humana a vastidão vitoriosa da floresta opressora. Não se mediu a corrente mas não se olvidou a festa de Santo Elias em Airão, com juiz, juíza, mordomos, festeiros, bandeira, tambores, mastro votivo, danças e caxiri e outra em Moura, idêntica e completa.

Nenhum rio reuniria maiores recordações. Stradelli evocasse os nomes velhos, Paraujana ou Paraviana, Quecenene ou Quecevene, narrado, no roteiro heróico de Francisco Xavier de Andrade, em 1740, que o fidalgo julga pioneiro. Francisco Ferreira fora o número um, correndo-lhe o curso até o Uraricoera e o Tacutu, seus formadores. Em 1736, Christovam Aires Botelho seguia-lhe a trilha invisível. Depois, José Miguel Aires. Eram todos sertanistas, preadores do gado humano, vencido pelas armas de fogo, pela surpresa do golpe, descido, sob ajoujo, para os trabalhos do eito, nos engenhos, plantações e caçadas.⁴

⁴ Arthur Cezar Ferreira Reis – *História do Amazonas*. 1931. Manaus. Amazonas. Trabalho magnífico pela clareza, brilho e erudição oportuna, equilibrada e justa.

As explorações científicas completavam o ciclo da valentia predatória do bandeirismo amazonense. Lobo D'Almada, em 1787, levou por ali a Comissão de Limites Portuguesa. Outra Comissão, em 1882, com a Venezuela, perlustrou os descampados, até perto da cabeceira do Uraricoera. Dirigia-a o futuro barão de Parima, Francisco Xavier Lopes de Araújo. Roberto Schomburgk chegou, em dezembro de 1838, ao "furo" Norte (Santa Rosa) do Uraricoera e partiu, rumo ao Arakasa. Koch-Grünberg, 1911-1912, repetiu Schomburgk, torcendo para o Oeste, cruzando o rio Mereuari, alcançando o Orenoco pelo Ventuari. Farabee, fazendo fulcro de Boa Vista, (lat. 2° 49' 17", long. 60° 39' 45", segundo A. Hamilton Rice) fez várias excursões em julho de 1913. Ciro Dantas, um "regatão" ousado vai bater, subindo o Uraricoera, a Kujuma, maloca dos índios Mingongos, na lat. 3° 42' 55" e long. 63° 40' 14". A missão geográfica sob a direção do dr. A. Hamilton Rice chegou ao fim do rio Parima, na lat. 3° 01' 20" e long. 63° 39' 26" em 1925. Para completar os viajantes lembro Henry Coudreau, em 1884-85, até Boa Vista, visitando serras e afluentes, e R. H. Blake que esteve na região entre os rios Parima e Sumuru em 1912-13.⁵ Stradelli não passou de S. Marcos, onde o Uraricoera e o Tacutu mudam de nome, misturando as águas cor de opala. Sua jornada pouco adianta geograficamente. O valor é literário, evocador, descritivo, amoroso das terras e da vida que o absorveu para sempre. Seu cuidado é não perder o material humano que se chamaria folk-lore.

⁵ São de indispensável leitura os trabalhos de A. Hamilton Rice sobre esta região que ele à frente duma expedição moderna, visitou detalhadamente, de agosto de 1924 a junho de 1925. "El rio Negro (Amazonas) y suas grandes afluentes de la Guayana Brasiliana", trad. de d. Juan Riano y Gayangos Cambridge. Mass Harvard University. 1924. O cap. II trata sobre o rio Branco. Com mapas.

Aqui está como se caça os jaguares. Além aprende um preservativo indígena contra as febres. Basta pingar nos olhos o suco da pimenta de Caiene. Recolhe indumentária selvagem. Seu amor é indistinto, esparsa e amorfo, pairando sobre todas as coisas vistas. Para ele o índio era uma entidade digna da suprema tolerância, ajuda e estímulos. Recolhedor de lendas, Stradelli possuía um coração tariano. Eis porque ele fala nas superstições indígenas com um lento tatear de quem não deseja irritar amigos fiéis e próximos. Alinha traços vivos sobre a fauna e flora do rio Branco. Não encontra vestígios da “maloca das mulheres”, historiada por Henry Coudreau, apesar de interrogar índios, alguns os mesmos informantes do explorador francês. E alude a uma divindade infixa, sem ritual, sem forma, apavorante e tremenda, responsável por todos os males amerabas, o *Canaimé*.⁶

6 CANAIMÉ, CAINAMÉ: – Duende dos macuxis, pauxianas, uapixanas, do alto Uraricoera, rio Branco, Amazonas: – “Entre todos eles, qualquer ato contrário aos princípios adotados, se não era punido pelas armas, era castigado por essa endemoninhada personalidade. E o pavor que sentiam do CAINAMÉ era tal, que não precisava ser esbordado ou ferido por este, pois temiam muito mais serem soprados. Quando isto sucedia, a vítima começava a definhar e, às vezes, morria. Se alguém indagava, de algum desses infelizes, a origem do mal que os afligia, eles respondiam, tristemente e muito desconfiados: – foi CAINAMÉ que soprou, seu branco, e eu vou morrer” – Antônio Cantanhede, *O Amazonas por dentro*, Contos, Lendas e Narrativas, 176-177, Manaus, 1950. Deve ser o mesmo CAINAMÉ que Stradelli descreve, RIO BRANCO, “note de viaggio, Bollettino della Società Geografica Italiana, vol. II, fasc. IV, 266, Roma, 1889: – CANAIMÉ, la Divinità spaventosa che travia e fa morire de febbre e difame l'indigeno nella sanna, che dirige la freccia del nemico, che sottrae la preda a quella dei cacciatore; che, serpente, fuoco, giaguar, fa morire i bambini lasciati soli nella capanna, e della cui ira l'indigeno cerca sempre schermirse; quella stessa che incendia i campi, abbatte gli alberi della foresta, sommerge i fragili schifi, e che tutta si revela nella sua maestosa grandezza in seno della tempesta tra i lampi e i tuoni, come l'irato Dio dell'Olimpo greco. Ma divinità senza forma, imateriale, di cui l'indigeno non si face mai un'idea esatta, che non plasmò, che non modellò sopra nessuna immagine, vaga come la nube, che a sera dopo la tempesta vede rosseggiando dissolvervi nel cielo violaceo, ma appunto per ciò piu terribile e spaventosa. Note-se a imprecisão ameaçadora do CANAIMÉ de 1888 para a limitação funcional do CAINAMÉ contemporâneo: *Dicionário Brasileiro de Folclore*, II, 166, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962.

A monografia de Stradelli, escrita para os olhos europeus, é clara e nítida. Ele não tem a moléstia do imprevisito, do exótico, a mania da tragédia, da paridade e do pitoresco. Julga não desmoralizar-se narrando uma jornada onde ninguém morreu, nenhum índio surgiu para atacar, nem as tabas apareceram incendiadas pela multidão furiosa. Não há romance nem invenção. É uma narrativa leve, tranqüila, natural, sem sobressaltos, arremessos, alvoroços. Stradelli humaniza regiões que viviam acesas em lendas de pavor e de mistério. Depois de suas páginas o rio Branco deflui com a nobre simplicidade dos elementos naturais, comuns, úteis ao Homem e não à sua imaginação.⁷ Desencantou o rio Branco mas o tornou mais sensivelmente nosso, mais próximo do esforço, da tenacidade e do trabalho irremediável dos homens.

⁷ Jacques Ourique também publicou um trabalho interessante sobre esta viagem. *O Valle do Rio Branco*. Amazonas. 1907.

O Uaupés e os uaupés

L'UAUPÉS E GLI UAUPÉS. Bollettino della Società Geografica Italiana. Maggio. 1890. Separata.

O rio Uaupés, também chamado Ucaiari, é o principal afluente da margem direita do rio Negro, no qual se lança 24 quilômetros acima de S. Gabriel. Nasce na Colômbia e tem um curso sinuoso, correndo em direções várias, com acidentes múltiplos e cachoeiras imponentes. Uaupés quer dizer “jaçanã”, (*Parra jacana*) a irrequieta e linda *Rallide* da avifauna brasileira. Dá nome também à tribo dominadora no rio, nome do herói Buopé de quem Max J. Roberto recolheu as lendas guerreiras e Brandão de Amorim traduziu. Os mapas dão deturpações gráficas extremamente abundantes, como Buopé, Wau-pés, Aupés, Uaupé, Boaupés, Uaiupés, Goapés, Goaupés.

Stradelli percorreu o rio Uaupés por três vezes e guardou recordações inesquecíveis. Na primeira, 1881, foi ao Tiquié e ao Japu. Na segunda, 1882, subiu até Jauaretê e daí ao Papuri até Piraquara. As reminiscên-

cias figuram em vários trabalhos, especialmente no “Vocabulário”. Voltou ainda em 1890-91.

Essa viagem nunca foi salientada. Stradelli não a descreveu devidamente. Foi, entretanto, decisiva. Quase todos seus trabalhos posteriores trazem vestígios das observações no Uaupés. A monografia, enviada à Sociedade Geográfica Italiana, é de 31 páginas. O autor, impaciente ante a multidão dos temas, escreveu sobre todos e tudo, rapidamente. Stradelli percorreu o Uaupés em 700 quilômetros, seus afluentes principais, o Papuri, o Iapu, o Tiquié, o Querari. Os índios encantaram-no e, com Max J. Roberto e Antônio Brandão de Amorim, apaixonou-se pelas lendas dos Tarianas, gente aruaca, de estranho e sugestivo passado.

Henry Coudreau, em 1884, foi ao Uaupés e pintou-o em páginas magníficas. Sua narrativa teve maior repercussão que as breves linhas de Stradelli. Bento Aranha⁸ salientou até às nuvens a jornada de Coudreau e negou tudo a Stradelli. Ele nada vira, nada examinara. Coudreau sim, fora até à vertente, no lago do Espelho, ao sopé da serra Camareta, batera o Tiquié e o Papuri, reconhecendo as comunicações. Stradelli era, com licença da palavra, um trapalhão.

Mas Bento Aranha, arrolando os exploradores do Uaupés, esquecera Koch-Grünberg, então na Alemanha. Koch não se deixaria ficar no olvido, especialmente em terreno em que era profissional ilustre. Escreveu de Berlim, (8 de abril de 1907) estranhando a omissão e narrando suas andanças. Não

⁸ Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha – “Archivo do Amazonas”. Ano I. Vol. I, n.º 2. Manaus. Amazonas. 1906.

defendeu os 700 quilômetros de Stradelli mas desmanchou as excelências de Coudreau, obrigando Bento Aranha a uma rendição completa. Coudreau chegara apenas a Ipanoré, seis dias de viagem acima da boca do Uaupés, uns 160 quilômetros. Não vira afluentes, nem comunicações, nem vertentes.

Bento Aranha escreveu longamente historiando, às avessas, os feitos do admirável Coudreau, para fazer desaparecer o que afirmava sem exame prévio* Koch-Grünberg sossegou ante a justiça.

O rio Uaupés havia sido visitado pelo tenente-coronel Manuel Gama Lobo d'Almada, um dos encarregados da demarcação da fronteira norte com a Espanha, resultado do tratado de 1.º de outubro de 1777. Gama Lobo d'Almada, que morreu em 1799 governando a Capitania do Rio Negro, foi ao curso superior do rio Negro e descobriu, por meios de pilotos indígenas, uma comunicação do rio Uaupés com o Japurá, indo pelo Unhunham, afluente da margem direita do Uaupés, para o Uassu-paraná, afluente do Apaporis, e deste para o Japurá. Lobo d'Almada foi mais feliz nos estudos do rio Branco e Stradelli, quando da comissão demarcadora do Brasil com a Venezuela, teve ocasião de retificar muitíssimos erros do grande soldado português.⁹ A viagem de Gama Lobo d'Almada realizou-se depois de 1782.

Alexandre Rodrigues Ferreira explorou o Uaupés de 19 a 28 de outubro de 1785, indo a 29 à foz do Içana. Só em julho de 1831 Naterrer, em pesquisas etnológicas, subiu o

* Bento Aranha – "Archivo do Amazonas". Ano II, vol. II, n.º 5. Manaus. 1907.

⁹ Prefácio dos "Vocabulários", pub. Rev. Inst. Histórico Brasileiro.

Uaupés até Ipanoré. Alfredo Russell Wallace, o desinteressado rival de Darwin, percorreu o Uaupés em fevereiro de 1852 indo até Ipanoré (S. Jerônimo) e mesmo a Jauaretê, (Santo Antônio). Suas observações, sobre a mítica e prática religiosa dos índios, são seguras e claras. Foi um dos primeiros a registrar o culto de Jurupari, despindo-o do indumento clássico de satanismo. Spruce viajou até Jauaretê em 1853.

Stradelli viajou mais adiante em 1881 e 1882. Henry Coudreau, *dopo di me*, escreve Stradelli, estudou o Uaupés, e bem rapidamente, embora pudesse descrevê-lo com brilho e felicidade maior. Chegou apenas a Ipanoré (1884).

Entanto Stradelli não figura em várias relações bibliográficas referentes à corografia amazonense. Teodoro Sampaio (*Os Naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX etc.*) cita-o, com encômios, salientando sua jornada ao rio Negro e Uaupés, mas dá 1900 quando ela se fizera vinte anos antes. O onisciente Rodolfo Garcia não o incluiu na sua preciosa resenha em que estudou as explorações científicas para o *Dicionário etnográfico e histórico*, publicado pelo Instituto Histórico Brasileiro, em 1922.

Stradelli descreve o Uaupés e suas regiões. A narrativa é leve e nítida. Sabe ver e contar as impressões das terras e das gentes avistadas da amura rústica da ubá que subia a água negra do rio, impelida por sete remeiros vigorosos.

O índio brasileiro, o ameraba, empolga-o e preocupa-o muito mais do que as ilhas, cachoeiras rumorosas e as campinas infinitas. O etnólogo sobrepuja ao geógrafo. Faz a defesa

do ameraba contra a pecha de indolente. Desenha seu dia de trabalho, caça, pesca, a roçaria, trabalhada pelas mãos femininas. Lembra o bom humor inalterável, a tarefa tradicional entremeada pelos banhos, ruidosos e rápidos. Assinala a concepção indígena da propriedade, circunscrita aos objetos de uso pessoal ou resultantes do esforço individual.¹⁰ É a velha surpresa do padre Ivo d'Evreux notando que os Tupinambás dividiam, com os menos afortunados, o excesso das peças abatidas na mata. A terra, as águas, as árvores, as roças plantadas em comum, os saldos das colheitas, pertenciam a toda tribo. Reparou a função do tuxaua, dado clássica e erradamente como um soberano e que é realmente um coordenador das vontades coletivas, o guia militar e agora, que os índios lutam raramente, um mero agente executivo, agindo pela persuasão ou pelo hábito sem poderes coercitivos sobre a massa de seus companheiros. Karl von den Steinen tivera impressão idêntica entre os Bororos mato-grossenses.

Stradelli, com bagagem moderna para aquele tempo, manejando máquinas fotográficas e microscópio, assombrou o selvagem e o conquistou pelas suas maneiras amáveis e confiadas, à maneira de Koch-Grünberg.

Em 1882, o rio Uaupés em largo trecho de seu curso, ficou vedado ao comércio com os "brancos". Stradelli foi especialmente distinguido por uma exceção. Era-lhe permitido subir até onde desejasse.

¹⁰ A este respeito ver Max Schmidt, "Sobre o direito dos selvagens tropicais da América do Sul" (Bol. do Museu Nacional. Vol. VI, n.º 3, Rio de Janeiro. 1930). Não há nenhuma junção coercitiva sobre o direito do índio dispor do que obteve em favor da tribo. Poderá dar se quiser e a quem lhe aprouver.

Esse breve ensaio sobre o Uaupés e os uaupés, índios de suas margens, mostra a maneira do etnógrafo colher o material para a observação. Levava o índio para ver todos os seus aparelhos. O microscópio era terrível. Aumentava infinitamente os objetos examinados. Uma tarde, depois de ter recebido uma recusa quando pretendia comprar um papagaio ornamental, Stradelli ouviu a índia dizer ao marido, dono do anacá desejado (*Deropterus accipitrinus*): – Dê o papagaio. É melhor. O branco pode aumentar tudo e aumentará os piolhos para o tamanho do papagaio. E os piolhos acabam comendo você. É melhor dar!...

E o índio deu o Anacá.

Estudando sinteticamente as tentativas de colonização branca no Uaupés e a fixação das malocas, Stradelli lembra que o tenente Jesuíno Cordeiro, um dos técnicos encarregados de civilizar os Uaupés e diretor oficial das aldeias, andava nu em pêlo, com toda a ilustre família, explicara ao viajante que essa história de viver usando roupa fazia gastar muito sabão.

Para assistir e tomar parte num caxiri, na maloca do Miriti-cachoeira, Stradelli deixou-se pintar com o vermelho do carairu (carairu ou carajuru, *Bignonia chica*) e dançou convicentemente no meio da indiada, bebendo repetidas cuias de caapi entontecedor. Esse sentido de adaptação à vida ameríndia armou-o de conhecimentos detalhados, minúcias que raros *caryuas* conseguiram obter.

Coudreau (*Voyages á travers les Guyanes et l'Amazonie*, t-2, p. 214) anotou uma explicação curiosa que os índios davam do trabalho de Stradelli revelar as chapas fotográficas. Segundo eles o explorador *rien qu'en frappant des mains, il fai-*

sait naitre des hommes. Havia outra vantagem. Para o tuxaua Mandu a máquina fotográfica servia para matar formigas. Somente. A tenda que fora utilizada de câmara-escura ficara plantada em cima de um formigueiro. Os ácidos fixadores, caindo acidentalmente, massacravam as formigas e o tuxaua pediu uma máquina para ele. Stradelli convenceu-o de se deixar retratar, com o maior número possível de figuras, para fazer um veneno infalível. Mandu, desta forma, forneceu ao cronista um esplêndido material.

Quando Hamilton Rice visitou a Amazônia, há poucos anos, os tuxauas emplumados ouviram *foxtrots* americanos pelo rádio e puderam visitar demoradamente um hidroavião que Hilton pilotava. Nenhum assombro lhes causou. Gostavam muito que o avião voasse sobre as matas. A razão era simples. Cada vôo significava um gasto considerável de gasolina e as latas, novinhas e espelhantes, eram disputadas como utensílios preciosos. Daí o interesse indígena pelos *raids* cinematográficos de Walter Hilton na vastidão das florestas. Só justificavam o avião pelas latas adquiridas,¹¹ como seus colaterais amavam a fotografia de Stradelli pelos formigueiros destróçados.

Nas 31 páginas do *L'Uaupés e gli Uaupés* recordando indumentos de pajés e tuxauas, a máscara de cabelo feminino feita para dança sagrada de Jurupari, costumes, alimentos, economia doméstica, dados geográficos dos rios e afluentes, vemos a lealdade das informações apresentadas. Até o fim de sua vida, Stradelli cumpriu sua fórmula humilde e honesta: –

¹¹ Li esta anedota numa revista carioca. A. Hamilton Rice não o registrou.

Se tutti non scrivessero che ciò che videro e constatarono, parrebbe forse che si sapesse qualche cosa di meno, ma in realtà si saprebbe ben più di ciò che non si sa oggi, perché si saprebbe ciò che si sa: e ciò che non si sa è meglio non saperlo, che saperlo male.

Uma observação de Stradelli, tornada, nas viagens de Koch-Grünberg aos mesmos lugares, popular e estudada, é o fato do indígena calcinar e reduzir a pó os ossos de seus mortos e absorvê-los, misturado com caxiri. Koch-Grünberg assistiu a festa dos Mortos no Uaupés, Roquette-Pinto, com sua habitual nitidez vocabular, denominou *endocanibalismo religioso*, a esse hábito.

Stradelli foi testemunha de festa semelhante em Taraçuá. Morrera um velho Pira-tapuia e meses depois desenteraram-lhe o corpo, limpavam o esqueleto, tornaram-no em pó e, reunido ao caapi, bebido ao som de música, numa solenidade a que apenas os homens tinham direito de co-participar.

In passato, 4 o 6 mesi dopo, il cadavere era dissotterrato, le ossa pulite col fuoco dalle ultime carni, poi pestate e reunite el capy, che dovera essere bevuto nel cachiry della prima luna piena.

Apenas a parte final podia ser presenciada pelas mulheres. Estas e os estrangeiros não tinham, entretanto, direito a beber. A Stradelli explicaram que lhe podia fazer mal. Não estava acostumado. Depois é que soube a verdade.

piú tardi ebbi la chiave del perché non mi volero dare il capy: il mio collega in paiéria, il padre della Maria Taraquá paié, di cui ora mi sfugg il nome, mi assicuró, che non mi vollero dare il capy, perché vi erano polverizzate le ossa del morto, e io era straniero. Joaquim Liborio mi confermó, non é molto la stossa cosa. Generalmente si crede che quest'uso non resti in vigore che fra i Cobéua; ma é un errone.

Desta forma Stradelli denuncia o endocanibalismo religioso não somente entre os Cubebas, tupis, como entre os Aruacos (tarianas).

O costume era velho. O padre João Daniel no *Tesouro descoberto no rio Amazonas*¹² fala nos índios Arapium, do Tapajós, e no *abuso de conservarem os ossos dos mortos, que nas suas festas e beberronias costumam as velhas dar em bebidas nos seus vinhos, desfeitos em pó*. Marcgrave registrara igualmente no norte brasileiro. (Hist. Nat. Bras. L-VIII, c-12).

Quando Stradelli assistiu, só bebiam os guerreiros. Os velhos tinham direito também. O tuxaua distribuía. Koch-Grünberg registra que, para fazer parte da bebida, era preciso ser pai de três filhos. Em qualquer tempo as mulheres e as crianças estavam proibidas do ágape.

Tantos outros aspectos foram vistos e fixados pelo viajante, sorridente e delicado, com o irmão vermelho. Sente-se, em todos os trabalhos de Stradelli, a profunda alegria daquele contato, a satisfação espiritual do conhecimento,

12 Cap. XVII. Rev. Inst. Hist. Bras. Vol. III, p. 168.

não para revelá-lo, mas por uma intuição de solidariedade com o passado misterioso da raça estranha que ele amou indefinidamente.

Neste pequeno ensaio não se pode precisar porque obscuras e incomprimíveis razões mentais, Stradelli, fidalgo latino, educado na civilização de Piacenza, tem uma adaptação saturante, completa, absorvente, com a vida do ameraba dos rios amazonenses e daí para diante, viverá sempre com eles, longe ou no seio das malocas, mas sempre com os olhos molhados na luz que não lhe seria dado, como a ninguém, localizar a projeção, medir o volume e pesar a densidade.

Jurupari

LEGGENDA DELL'JURUPARY – Bollettino della Società Geografica Italiana, Luglio e segg. 1890. Houve separata. Roma.

A *Leggenda dell'Jurupary* é um trabalho de tradução e acomodação literária. Stradelli recebeu-o de Maximiliano José Roberto, recolhedor incansável das tradições indígenas. Era a época em que se discutia o demonismo de Jurupari, apontado pela totalidade dos historiadores como encarnação diabólica. Os raríssimos discordantes não o fazem abertamente nem aludem provas concludentes. Ficam, como Barbosa Rodrigues, em meio campo, mais aproximado da verdade que do erro mas sem um gesto definitivo para romper com a interpretação deturpadora. O padre dr. Constantino Tastevin, no seu vocabulário, deu a Jurupari um lugar idôneo. Stradelli fê-lo de maneira formal e positiva. Jurupari é um reformador, nascido de Ceucique que concebeu-o sem contato masculino e apenas sendo umedecida nas partes pudendas pelo sumo de uma fruta proibida às moças antes da puberdade. Entre os índios do rio Uaupés a

fruta foi o *pihycan*, a cucura no rio Negro e a purumã no Solimões. (*Pourouma cecropiae folia*, Aublet). Barbosa Rodrigues colheu duas versões também no rio Uaupés (*Ukairy*) e diz que a fruta era chamada fruta-de-Uacu, *uacu iuá*.

Max J. Roberto descendia, pelo pai, dos índios manaus e pela parte materna dos Tarianas do rio Uaupés, de onde parece ter irradiado o culto de Jurupari, sobrepondo-se os cultos primitivos possivelmente pela sorte das armas. Várias lendas comprovam o *rush* da religião nova sempre acompanhando guerras felizes. Ver, por exemplo, as lendas sobre a origem dos Uananas e Tarianas, as guerras de Buopé, Kukuhy, Erem, etc. Morando em Tarumã-miri, Max J. Roberto acolhia habitualmente índios de várias procedências que o visitavam e deles ouvia as histórias compridas e miraculosas. Sua mãe era irmã de Mandu, tuxaua tariana de Jauaretê. A tribo, famosa¹³ pelos seus segredos e lendas bonitas (Vide Barbosa Rodrigues e Antônio Brandão de Amorim, *Poranduba amazonense* e *Lendas em Nheengatu e Português*) considerava-o como moral e fisicamente ligado ao seu moacaretá, conselhos dos anciãos, dirigido da maloca. Max J. Roberto passava tempos longos viajando entre a indiana, ouvindo o seu passado e registrando, com fidelidade absoluta, as odisséias que nenhum Homero ritmará. Falava admiravelmente o nheengatu e diversos dialetos. Era conhecidíssimo entre várias tribos. Acompanhou Stradelli numa jornada de estudos ao rio Uaupés. O escritor faz-lhe, invariavelmente, rasgado e longo elogio. Max J. Roberto reuniu, ouvindo dezenas e dezenas de índios, as histórias de Jurupari e notou a semelhança entre

13 "Os Tárias, egressos da Atlântida" é um trabalho meu recém-concluído... e perdido.

elas e a versão dada pelos etnógrafos e historiadores brasileiros. Contentou-se em manter o material, que ia colhendo, em pureza, sem comentar nem deduzir. Acabou entregando-o a Stradelli que o traduziu e adaptou ao gênero das narrativas, articulando as fases do conto. Não citou ninguém nem pretendeu explicar o mito. A *Leggenda dell'Jurupary* é um simples e valioso documento original e fiel para o estudo da teogonia social ameríndia.

Jurupari é filho de Ceuci, virgem Tenuiana que comera a fruta do *pihycan* sem notar que o sumo escorria por suas partes mais íntimas. Nascido, desapareceu e sua mãe sentia-o à noite sugar-lhe o seio e andar derredor, sem ver sua figura. Quinze anos depois retomou a forma humana. Era forte, alto e lindo e a tribo aclamou-o tuxaua. As circunstâncias sociais haviam determinado que as mulheres tivessem o predomínio da tribo, visto a minoria masculina, dizimada por uma epidemia. Jurupari reuniu os homens, levou-os a um lugar deserto e aí começou a instruí-los nos segredos de sua lei. Explicou sua festa e sua dança e quando a deviam fazer. As épocas seriam quando uma virgem fosse deflorada, pela Lua (primeiro mênstruo); quando se comesse a fruta do *pihycan* ou purumã;¹⁴ quando se comesse caça da floresta, quando se comesse carne de peixe grande e quando se comesse pássaros em tempo de seus vôos coletivos. Instituiu os dabacuris, festas íntimas, sem caráter religioso, onde é servido fruta, caça ou pescado, convidando-se a todos para apertar mais e mais os liames da cordialidade. Proibiu que mulher alguma conhecesse o segredo de Jurupari e seus instrumentos musicais em

14 *Pourouma cecropiae folia*, Aublet.

número de catorze. Ceuci se havia escondido para ouvir as palavras do filho. Ficou transformada em pedra.

Daí em diante são as aventuras para a implantação da lei de Jurupari e os castigos infalíveis àqueles que traem o compromisso. Jurupari é casto e puro. Nem uma mulher o abraçou. Numa festa, entre os Narunas, a bela Carumá enlaçou Jurupari numa figura obrigatória de dança. O renovador gemeu de angústia e quando estabeleceu sua doutrina entre os Narunas, partiu para o oriente levando Carumá, a virgem, que tocara seu corpo. Subiu altíssimo, sustendo a índia e deixou-a cair para a terra. Descendo numa velocidade de raio, Carumá ia crescendo sempre, aumentando de tamanho e ao tocar no solo estava encantada numa montanha.¹⁵ Jurupari e seu fiel companheiro Carida, separaram-se aí. Jurupari prometeu que quando tudo estivesse consumado voltaria para buscar Carumá. E disse a Carida o segredo de sua vinda ao mundo. O Sol, de onde nasceu a terra, desejava uma mulher perfeita e encarregou-o de procurá-la na terra. Qual será a perfeição para a mulher? Que tenha paciência, saiba guardar um segredo e não seja curiosa. Jurupari despede-se do discípulo, mandando-o caminhar para o poente. Ele seguiria para o nascente, cumprindo a missão suprema que o Sol lhe impusera. Carida não se queria separar do mestre. Súbito, na superfície d'água viva, surgiu uma moça maravilhosamente linda e cantou a toada de Jurupari. Carida reconheceu Carumá mas não pôde falar porque a doçura do canto o adormeceu. Quando despertou, Jurupari desaparecera. Carida ergueu-se e seguiu a estrada onde o Sol se põe...

15 O rio Carumá é afluente da margem esquerda do rio Negro. Amazonas.

A *Leggenda dell'Jurupary* denuncia que a maior parte das lendas do fabulário amazônico pertence ao ciclo de Jurupari. A origem do fogo é um dogma hierárquico da crença de Jurupari, assim como a monogamia, a festa ritual, a ausência das mulheres, os instrumentos tabus, a fidelidade ao marido, a necessidade de um filho varão para suceder ao tuxaua, exceção da lei monogâmica, o respeito às crianças e às mulheres que, mesmo criminosas, não deverão ter morte sangrenta, a instituição do choco para os pais (couvade)¹⁶ a fim de doar aos filhos recém-nascidos a força irradiada naqueles dias de reclusão, imobilidade e regime alimentar, pertencem aos imperativos de sua lei.

Max J. Roberto recolheu uma lenda que Antônio Brandão de Amorim traduziu e publicou na Revista do Instituto Histórico Brasileiro (tomo 100, volume 154). É o “furto dos instrumentos de Jurupari”, onde se vê perfeitamente a síntese do mito que Stradelli pôde condensar admiravelmente.

Nas lendas registradas por J. Barbosa Rodrigues (*Po-randuba Amazonense*. Anais da Biblioteca Nacional, volume XIV, fasc. 2.º), várias pertencem ao ciclo de Jurupari e são facilmente identificadas no contexto da *Leggenda dell'Jurupary*, que as apresentou de modo geral e completo. As lendas do Jurupari entre os índios Tucanos, a de Izy entre os Iauí e Tarianos, a “maloca das mulheres”, apanhada no rio Branco, “Jurupari e as moças”, no rio Madeira, a variante do rio Canumã, são bem típicas e visivelmente elos do mito. Em compensação Barbosa Rodrigues recolheu outras e as incluiu no ciclo de Jurupari sem maiores estudos. A lenda “Jurupari e o caçador”, ouvida no rio

¹⁶ Ver uma interpretação da Couvade, no “Informação de História e Etnografia”, p. 171-191, Recife, 1940.

Tapajós, é irretorquivelmente uma história de Anhangá, como a do “tinhoso Jurupari” (registrada entre os Manaus) é igualmente uma confusão flagrante com as tradições do Curupira e uma vaga alusão à influência européia dos licantropos, falando-se em *Yurupari comedor de gente (mira u ú çara)*, detalhe inaplicável ao mito de Jurupari.

O próprio Barbosa Rodrigues escreveu que o “*Yurupari* dos tapuios, o espírito, por todos conhecido como espírito mau, e que os civilizados identificaram como espírito maligno, ou das trevas, da crença bíblica, não havendo nisso razão de ser, porque o papel de um é muito diferente do do outro”.

Stradelli foi quem primeiro publicou o que se poderia chamar a “saga de Jurupari”, a sua “gesta”. Os vários acidentes do mito se uniformizam e podemos indicar os aspectos que maiormente impressionaram a imaginação selvagem, fazendo-a crescer de episódios guerreiros, amorosos e políticos, como meras funções explicativas de hábitos domésticos ou costumes da tribo.

Devemos a Stradelli uma espécie de codificação das lendas que Maximiliano José Roberto reunira com abnegação e desinteresse.

A lenda dos Tárias

Os Tárias ou Tarianas habitam o Uaupés, afluente do rio Negro. São índios Aruacos. Outrora, informa-me o dr. Carlos Estevam de Oliveira, diretor do Museu Goeldi, falavam um dialeto Baniua, mudado atualmente para o idioma Tucano, da tribo mais numerosa. Tárias e Uananas disputaram a hegemonia do Uaupés em lutas infindáveis que as lendas recordam, confusas e envoltas em assombramentos e ações sobrenaturais. Sente-se que o material existente está confundindo com o ciclo religioso e mais antigo, lembrando a catequese local para a implantação do culto de Jurupari. Uma coleção preciosa, sobre as andanças guerreiras e os mitos de Jurupari, é a série recolhida pacientemente por Max J. Roberto e traduzida admiravelmente por Antônio Brandão de Amorim.¹⁷

Stradelli foi amigo pessoal de ambos e companheiro de Max J. Roberto em viagens pelo Uaupés. Dele ouviu a história do refor-

17 Rev. Inst. Hist. Bras., tomo 100, volume 154.

mador Jurupari. Naturalmente o Uaupés contava em Stradelli um admirador entusiasta e um divulgador consciente. Stradelli satisfez as duas esperanças. Escreveu uma monografia sobre o Uaupés e seus moradores e registrou um resumo da principal lenda histórica dos Tárias.

Neste resumo a impressão não chegara a constituir o mesmo nível do admirável que se tem ao ler Brandão de Amorim. Aí dar-se-á razão a Barbosa Rodrigues quando afirmava que os Tarianas eram uma tribo de *moacaras*, de chefes, de fidalgos, de *tuxauas*. As lendas dos Tárias são denunciadoras de uma tradição guerreira, militar, social e política, acima de outra qualquer. É de lastimar que ninguém se haja demorado em estudar o desenvolvimento dessa tribo, cheia de mistérios e de tradições inexplicáveis. Tária, no idioma primitivo, significava *trovão*. É apenas de espantar que os “filhos do Trovão” não tenham culto astrolátrico nem cultuem fenômeno cósmico. O próprio Jurupari é um enviado, um emissário do Sol, nascido de virgem sem contato masculino e instituidor de costumes, ciumentamente conservados ou deturpados pela absoluta maioria das tribos do setentrião brasileiro.

Os Tárias parecem ter sido um dos povos missionários, espécie de israelitas amerabas, espalhadores da doutrina, ou melhor, dos ritos, resguardos e lendas.

É impossível hoje localizar a cronologia dos Tárias e sua “entrada” para Uaupés. O Carlos Magno da tribo foi Buopé, chefe invencível e generoso, tuxaua tão cheio de traços guerreiros quanto fértil em gestos cavalheirescos e superiores. Batia-se sempre contra os antropófagos e foi seu filho quem

derrotou Cucuí, o morubixaba da fronteira Brasil-Venezuelana, amigo da poligamia e da polifagia, cercado de esposas que lhe serviam para o amor e para o estômago. Ainda se vê a “pedra de Cucuí”, uma de suas residências sibaritas. Buopé, ao contrário, respeitava velhos e crianças e se penitenciava quando, inadvertidamente, no acesso da luta, sacrificava uma mulher. Perdoava inimigos e nunca humilhou um tuxaua vencido em campanha leal. Só atacava depois de avisar, desprezando a vantagem das surpresas, técnica eminentemente selvagem.

De uma certa maneira, Buopé pode ser considerado a personagem “histórica” para os Tárias. A mais antiga lenda, que a ele se refere, já o encontra no Uaupés, que também se chama Buopé. Quando teria existido o guerreiro Buopé?

Nas notas de sua monografia, Stradelli menciona a descendência de Buopé. No fim do século XIX (1896) viviam seus nono-netos. Dez gerações se haviam passado. Contando as gerações pelos graus, no preceito do velho Direito Romano, e dando a cada intervalo o espaço de 20 anos, teremos duzentos, dois séculos. Levaremos o Gengis Khan dos Tarianas a viver nos finais do século XVII, na época da penetração luso-espanhola no Amazonas. Sabemos, pelas lendas de Brandão de Amorim, que Tárias e Uananas se aliaram no tempo de Buopé e com matrimônios recíprocos. Os escravizados macus, ainda hoje ilotas, o eram naquele tempo recuado. Seriam o povo vencido nos primeiros embates e submetidos ao jugo do vencedor que se estabelecera em suas terras, à margem do Uaupés e seus afluentes, perto das cachoeiras, elementos de pesca e de defesa. Ao morrer, Buopé foi enterrado, depois guardados os ossos

numa casa de pedra (caverna) cujo segredo se mantém inviolável. Deixara os Tárias numerosos como os cabelos de sua cabeça, vitoriosos, abastados, tranqüilos e seguros pela aliança com várias tribos, fanáticas pelo tuxaua valoroso, e fiéis à lei de Jurupari. O inteligente ameraba fixara a supremacia de seus súditos pelo duplo liame militar e religioso. Seus filhos chefiam três núcleos autônomos, em Ipanoré, Jauaretê e Taracuaá.

Foi Buopé quem Stradelli guardou para revelar aos leitores do boletim da Real Sociedade Geográfica Italiana. Além de ouvir as histórias famosas no próprio local dos acontecimentos, o viajante teve ao seu lado Max J. Roberto, nono-neto de Buopé, filho de uma irmã do tuxaua de Jauretê-cachoeira, descendente direto de Cari, primogênito do grande chefe tariana.

A lenda resumida por Stradelli é a seguinte: – “Os Tárias eram numerosos e viviam sob a chefia de Buopé às margens do Uaupés. Faltavam mulheres para os guerreiros e por isso Buopé autorizou que cada um procurasse casamento nos povos vizinhos. Todos se casaram com mulheres estrangeiras. Buopé e seus homens costumavam dançar todas as noites a “dança de Jurupari”, que é interdita aos olhos femininos. As esposas queixaram-se de ficar sozinhas uma parte da noite, alegando que em seus países homens e mulheres dançavam juntos. Uma filha de Buopé, Uauí, aconselhou a fuga. Os Tárias perseguiram as fugitivas e as trouxeram ao acampamento. Buopé ameaçou-as de castigo e como reincidissem mandou-as atirar às águas da cachoeira.

Jauixa, tuxaua dos Araras, resolveu vingar as mulheres e matou à flecha um filhinho de Buopé que fora levado por um

escravo Macu em passeio ao mato. Buopé declarou guerra de morte aos Araras e preparou-se para a campanha. Mandou fazer flechas, curabis (dardos) e cuidarus (tacapes), fundas para atirar pedras e escudos revestidos de couro de tapiri.¹⁸ Fizeram várias caçadas aos tapiris e abateram peças em tal quantidade que os tapiris tomaram a forma humana e visitaram o acampamento dos Tárias, oferecendo-lhes um *Dabacuri* (banquete seguido de dança) para que os poupassem. Os Tárias não mais mataram tapiris.

Começada a campanha, os Tarianas derrotaram completamente os Araras e Buopé matou Jauixa, assassino de seu filho, mas livrou do sacrifício as crianças, as mulheres e os velhos. Os Uananas, aliados e parentes dos Araras, correm em defesa de seus correligionários vencidos. Buopé aguardou o ataque em seu acampamento, com um sistema de trincheiras, fossos e casa-d'armas. Os Uananas assaltantes foram desbaratados. Apenas pôde fugir um homem que levou a notícia da catástrofe. As mulheres deliberaram vingar seus maridos. Essas Amazonas, apesar da loucura guerreira, caíram sob a chuva de flechas e de pedras atiradas pelos Tarianas. Os Uananas haviam levantado outro exército. Desta vez Buopé fez a guerra no território inimigo e massacrou a tropa Uanana no "Banco do Falcão". Buopé respeitou o chefe contrário. Ficaram amigos. Em toda redondeza não restava um só povo que tentasse insultar os Tárias.

Sentindo-se morrer, Buopé chamou Cari, aconselhou-o a permanecer fiel a Jurupari, fazer guerras leais, venerar os velhos, as crianças e as mulheres. Disse que seus ossos deviam

18 *Tapirus americanus*.

ficar escondidos numa casa-de-pedra. Morreu entre os seus. Os Tárias cumpriram todas as recomendações. Ninguém sabe onde está a casa-de-pedra que guarda os restos do guerreiro invencível”.

O valor histórico e etnológico desta pequena lenda é vasto. Deduz-se que Buopé, conhecendo toda a região, devia ter nascido ali, assim como seus pais, vindos do Norte, talvez do norte venezuelano onde a toponímia indica várias pegadas. A tribo era ainda endogâmica e a falta de esposas obrigou os homens a casar com mulheres de outras malocas. Se o adiantamento sócio-militar não fosse superior às das raças vizinhas, os Tárias teriam mulheres como Rômulo as obteve dos Sabinos, ou usariam, para ficarmos no continente, do processo predatório dos Caribes.

A elevação moral de Buopé ambienta-se à imediata compreensão de seus soldados. Todos obedecem e acatam as ordens, bem singulares para um povo de combate, de poupar tuxauas adversos e não violar as mulheres dos vencidos.

Stradelli, há quarenta anos, levou Buopé aos olhos dos estudiosos italianos. E quando o velho enamorado dos Tárias merecerá a justiça, tardia e suprema, de seus irmãos do Brasil?

O segredo das itacoatiaras

ISCRIZIONI INDIGENE DELLA REGIONE
DELL'UAUPÉS. Bol. Soc. Geog. Ital. Fasc. V. Maggio. 1900. Roma.

Nas barrancas de todos os rios visitados, Stradelli viu desenhos misteriosos. Em todas as paragens do Mundo há o mesmo. Todos os povos conhecem os petrógrifos, pedras pintadas, e os litógrifos, os incisos, gravados. A bibliografia é vasta, complexa e controvertida. Não existe um só etnólogo que não haja discutido a questão. Mesmo no Brasil possuímos uma livraria copiosa sobre o tema. Não é urgente alinhar nomes e títulos. Uma síntese digna de registro é a de Gustavo Barroso, "Os mahadéos do sertão", (*in* "Aquém da Atlântida", S. Paulo, 1931), e *A escrita pré-histórica do Brasil*, de Alfredo Brandão, Rio de Janeiro, 1937.

Era natural que o assunto seduzisse Stradelli. Seduziu. Ele, voltando à Europa, levou alguns desenhos,¹⁹ bem inexpressivos aliás, e apresentou ao VI Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Turim,

¹⁹ São os de "Uaupés e gli l'Uaupés". Publicado em 1890. Vide Bibliografia.

1886, sob a presidência do prof. Ariodante Fabretti. Era uma tese tão comum e disputada que não causou sensação. A questão das itacoatiaras, como a homeopatia, não conhece indiferentes. Existem fanáticos ou inimigos. Stradelli, inicialmente, acreditou na cartilha da maioria letrada. Aqueles desenhos significam unicamente trabalhos indígenas sem objetivo, ocupação dos ócios, arte incipiente, *ludus homini*... Não era nada. Em 1887, Stradelli veio pelo Orenoco, em seguida o rio Negro, até Manaus. A viagem se fez de canoa e vapor e os desenhos surgiam, inesperados, nas ribas das praias, nos alcantis onde Chaffanjon os vira, Humboldt registrara e Schomburgk os recolhera em cópias. Em Aturés, enxergou uma serpente, tomando duzentos metros quadrados, quarenta metros de altura do solo, gravada no duro granito. O *ludus homini* estava tomando aspecto de tarefa ciclópica. Stradelli estivera, em 1881 e 1882, no Uaupés, rio famoso que um dia revelará segredos que estão anunciados em suas tradições maravilhosas. Voltou em 1890-91. Copiou litógrafos. Ouviu histórias. Sucedeu mesmo um caso único. A 29 de dezembro de 1890 lutava ele para passar a canoa. Perto havia uma maloca. Petrógrafos nas rochas. O companheiro de Stradelli mandou-o chamar. Viesse ouvir o segredo das itacoatiaras. Um tuxaua Cubéua havia sido surpreendido quando explicava os desenhos ao índio Marcelino, pajé de Caruru. O companheiro de Stradelli era Maximiliano José Roberto, príncipe amazônico, filho de tuxauas tariana e manau, descendente, pela via materna, de Buopé, o Carlos Magno dos Tárias. Cubéuas e Marcelino, ante Max. J. Roberto, não demoraram a

explicação. Explicação do que estava na pedra? Não. Tradução das representações. Stradelli reuniu o que pôde e fez uma chave que abre pouquíssimo. Apenas alguns desenhos indicam ordens de marcha, existência de víveres, segurança de posse. Há máscaras de Jurupari, o deus ameraba, instrumentos musicais de seu culto, Ceuci, a mãe terrena de Jurupari, que o concebeu molhando-se com o sumo da purumã. O resto é arma, é um diadema, é bracelete, um bicho, uma ave. Eis a chave. Não abre nada além da nossa curiosidade. As 29 folhas do trabalho de Stradelli cifram-se em localizar no Uaupés as itacoatiaras existentes e reproduzi-las em doze estampas. Há também um mapa do rio, com escala de 1.550.000. Só aí está o crime de Stradelli...

Há motivo? Parece que não. Hoje não há mais motivo de heresia em ser-se homem homeopata. Uma itacoatiara pode ser, e ninguém prova o contrário, uma página de história, uma orientação, um conselho, uma ordem. Sei haver um dogma sobre a existência da escrita entre os povos americanos. A inexistência é baseada em nossa insciência. Não existe porque não a conhecemos. *That is question...* Não líamos os cuneiformes riscados nos tijolos assírios. Nem os tijnares tuaregues. Nem os hieróglifos egípcios. Nem o cipriota. Nem o fenício. Não existiam. Hoje lemos. Existem.

Schoolcraft ensina que os índios da América do Norte possuíam dois vocábulos designantes das suas itacoatiaras. *Kekeewin*, que toda a gente lia, feitas em sinais figurados, caça, pesca, roteiro, sepulturas, água, víveres, etc., e *kekeenawin*, privativas dos sacerdotes, hierárquica, sagrada, só a sabiam os ini-

ciados. Traziam receitas, fórmulas mágicas, cronologias reais, cômputo de tempo, magia, medicina (*Indian Tribes*, tomo 1.º). Desde 1820 o russo Raffinesque divulgara o *Valum-Olum*, arquivo pitográfico dos Leni-Lenapes, contando os mitos de sua origem, emigrações, episódios incisivos de guerras, etc. Garrick Mallery identificou os desenhos como tendo uma alta percentagem comum a todas as tribos. A identidade do processo de *fazer* é uma denúncia do modo de *conceber*. Garrick Mallery deu suma importância e explicação mnemônicas nas petrografias mas não as anematizou (*Pictographs of the North American Indiane*).

O grande mal é a generalização. Todos os desenhos são símbolos de escrita? Todos os desenhos são expansões duma arte balbuciante? Não. Há de tudo. Expansões, ideografias, coisa alguma. Stradelli notou, na confluência do Solimões com o rio Negro, que traços dados como desenhados a negro eram vestígios das amoladuras dos machados através de anos e anos. Um terceiro grupo, o natural ecletismo, surgiu. No ótimo capítulo que Estêvão Pinto dedicou sobre este ponto tem-se como certo esse critério (“Os Indígenas do Nordeste”). Gente nova e atual continua a não admitir o *ludus homini* como justificativa das cobras de cem metros gravadas a cinqüenta metros e dos Juruparis em lugares alcantilados. Antônio Serrano, um professor de arqueologia argentina, confessa-se partidário de que os petrógrifos diaguitas sejam escritura ideográfica (*Los Primitivos Habitantes del Territorio Argentino*).

Angione Costa, fiel a Alfredo de Carvalho e este a Koch-Grünberg, fixou-se no *ludus homini*. Koch chamou Stradelli de “noveleiro”. Estava convencido que os desenhos nada signifi-

cavam. Perguntara aos índios e nenhum quisera confidenciar. O douto alemão de Hesse não era um manau-tariana como Max J. Roberto, sobrinho de tuxaua prestigioso, falando dezenas de dialetos. Verdade que Koch-Grünberg falava ou conhecia 17, mas lhe faltava a força da tradição mística para impor-se, como Max, aos seus irmãos amerabas.

O velho índio Quenono dissera a Max e Stradelli, *vocês têm o papel para escrever e nós as pedras*. Para Koch, que eu aqui considero como o mais ilustre adversário, generalizador do *ludus homini*, quando um índio desenhava é porque estava se distraíndo. Distrações estranhas e inteiramente fora da psicologia ameraba.

Há uma tradição pictográfica no Brasil? Apesar dos milhares de itacoatiaras semeadas em todas as províncias, haverá outro argumento mais forte?

Nas lendas que Antônio Brandão de Amorim traduziu (Rev. Inst. Hist. Bras. T.-100, vol. 154, 2.º de 1926, Rio, 1928, p. 9 e 10) há uma alusão irresponsável. É a resposta de Stradelli a Koch-Grünberg, ambos mortos, desgraçadamente para os estudos americanistas.

Diz a lenda que os Pacaraos não podendo tomar a cidade inimiga de Jacaré-Cachoeira, fizeram puçanga e atacaram-no à flecha, atordoando os adversários com fumaça. Perseguindo os contrários fugitivos: *Os Pacaraos pintaram logo nas pedras seu sinal para a sua gente ver, depois subiram o rio, foram para a Ilha do Fogo, atroz daquela gente*. E os outros Pacaraos quando chegaram teriam entendido os desenhos?

Os restos da gente dos Pacaraos chegaram na Ilha da Jararaca, viram logo o signal de seus companheiros, disseram: Vigiam como somos valentes? Aqui estão signaes de nossa gente, elles estão mostrando que devemos subir em seus segmentos cinco enseadas.

Aí está a tradição, viva, da fonte lendária, recolhida por mão fidedigna e séria.

Koch-Grünberg examina os desenhos e lembra todos os exploradores. Os desenhos antigos foram feitos pelos índios. São pueris, inexperientes, canhestros. Schomburgk, Crevaux notaram o mesmo. A enormidade de certos trabalhos se explica claramente. Foram feitos longamente, trabalho da co-participação de muitos, talvez de gerações inteiras. Singular maneira do *ludus homini*, esta em que passa numa herança de esforço e de fidelidade, de avô a neto. É um argumento inesperado e inaceitável. Argumento sem documentação nenhuma. O diagnóstico é simples. São rudimentares manifestações artísticas. Assim falou Koch-Grünberg (*Sudamerikanische Felszeichnungen*. Berlim, 1907).

Teodoro Sampaio defende nitidamente um ponto de vista lógico. *O Índio que grava na pedra ou pinta na mesma pedra um signal ou figura qualquer, depende isto de material que lhe exige custoso e prévio preparo, não brinca, reflete um pensamento que lhe mereceu o esforço despendido.*

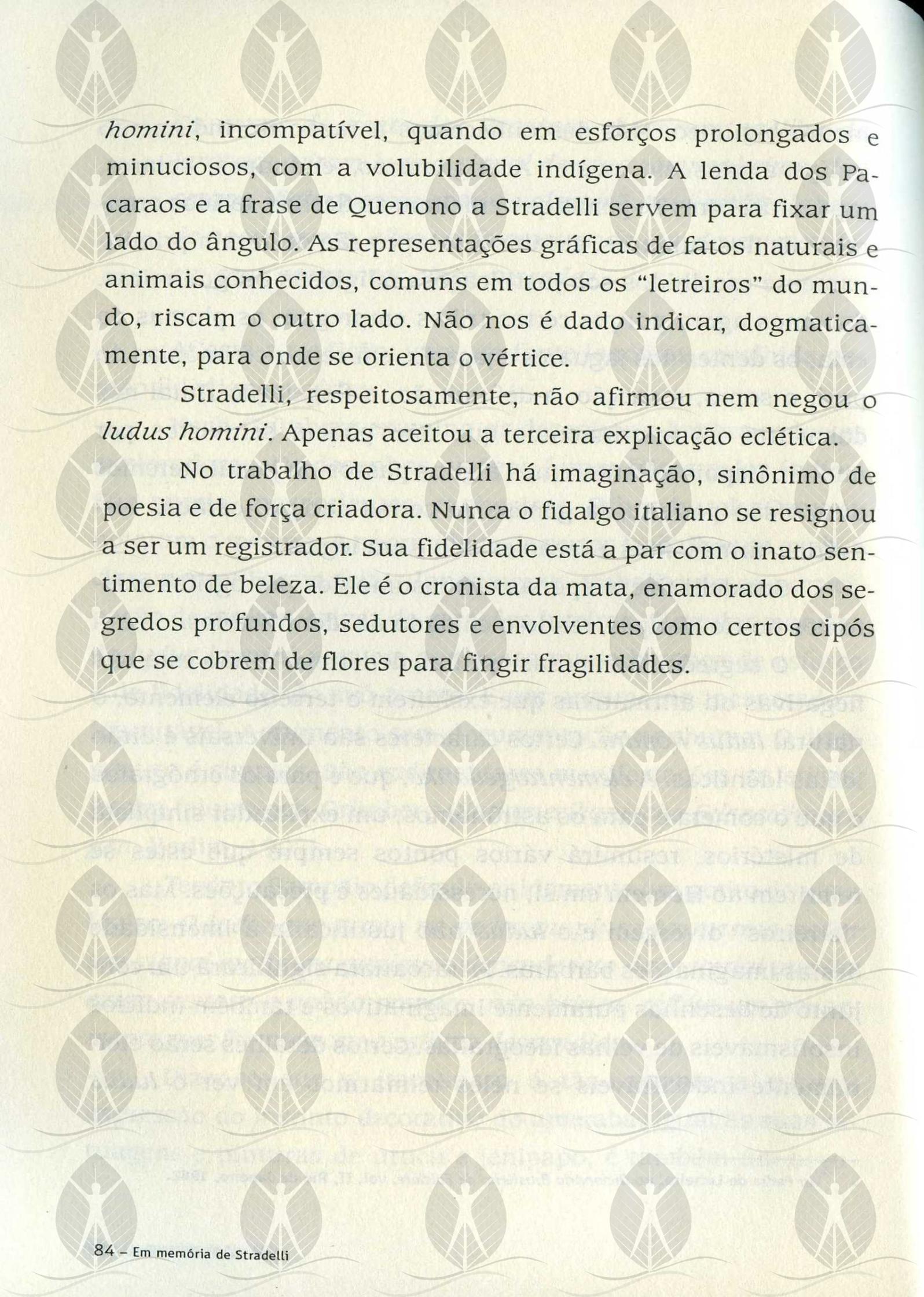
Dizer-se que a itacoatiara é tão-somente a natural expressão do instinto decorativo do ameraba, igual às suas tatuagens e pinturas de urucu e jenipapo, é também um argu-

mento bigúmeo. Nós desconhecemos a razão do indumento indígena mas ele existe. Acanguataras, enduapes, colares, tapacurás, cores de penas que enfeitam as flechas, tecidos ornamentais dos cuidarús, curabis e tacapes são ou foram primitivamente escolhidos sob justificações religiosas ou guerreiras. Sabemos agora porque certas tribos empregam as plumas da ema, os dentes dos jaguares e jacarés, em certas cerimônias do pajé, o sopro, a sucção, a defumação, a flagelação ritual nos dabacuris, os instrumentos que não podem ser vistos por mulher. Depois adiantaremos alguns passos ou jamais teremos uma visão perfeita da gênese de certas danças, cantos, vestuários, armas. Mas a razão existiu e era lógica.

Stradelli fizera apenas um resumo dos petrógrifos existentes no rio Uaupés, tendo o cuidado de identificá-los.

O segredo das nossas “pedras de letreiro”* não está nas negativas ou afirmativas que excluïrem o terceiro elemento, o natural *ludus homini*. Certos caracteres são universais e dirão idéias idênticas. A *elementargedanke*, que é para os etnógrafos o que o cometa é para os astrônomos, um explicador simplista de mistérios, resumirá vários pontos sempre que estes se referirem ao Homem em si, necessidades e precauções. Mas os “letreiros” divergem e o *ludus* não justificaria a imensidade destas imaginações bárbaras. A itacoatiara significará um conjunto de desenhos puramente imaginativos e também indícios insofismáveis de velhas ideografias. Certos detalhes serão eternamente indecifráveis se neles teimarmos em ver o *ludus*

* Ver Pedra de Letreiro, no *Dicionário Brasileiro de Folclore*, vol. II, Rio de Janeiro, 1962.



homini, incompatível, quando em esforços prolongados e minuciosos, com a volubilidade indígena. A lenda dos Pacaraos e a frase de Quenono a Stradelli servem para fixar um lado do ângulo. As representações gráficas de fatos naturais e animais conhecidos, comuns em todos os “letreiros” do mundo, riscam o outro lado. Não nos é dado indicar, dogmaticamente, para onde se orienta o vértice.

Stradelli, respeitosamente, não afirmou nem negou o *ludus homini*. Apenas aceitou a terceira explicação eclética.

No trabalho de Stradelli há imaginação, sinônimo de poesia e de força criadora. Nunca o fidalgo italiano se resignou a ser um registrador. Sua fidelidade está a par com o inato sentimento de beleza. Ele é o cronista da mata, enamorado dos segredos profundos, sedutores e envolventes como certos cipós que se cobrem de flores para fingir fragilidades.

Enciclopédia Ameraba

Vocabulário da Língua Geral, Português-Nheengatu e Nheengatu-Português. “Revista do Instituto Histórico Brasileiro”, tomo 104, vol. 158, 2.º de 1928. Rio – 1929.

Em janeiro de 1920, Stradelli assinou seu nome no final do “Vocabulário”. Era sua obra, a razão de ser de todo seu esforço. Ali se compendiavam cinquenta anos de notações, viagens, registros, memórias, milagres de observação, confidências raríssimas de tuxauas suspicazes, apanhados felizes em suas jornadas longas, subindo os rios, ouvindo as velhas lembranças das tribos nos moacaretás solenes. Já inchado pela lepra ainda escrevia modismo, sinônimos, apurando descrições, completando cenas, selecionando pormenores da vida ameríndia que ele amara sempre.

Começou a batalha inesperada para publicação. Stradelli supunha encontrar facilidades imediatas para um trabalho naquele porte e finalidade. Era o maior e mais extenso. Nenhum prejuízo de cultura e de mentalidade empanava a compreensão

dos vocábulos. O homem europeu sentia perfeitamente as menores vibrações da alma selvagem. Nenhuma exibição. Nenhum comentário que não fosse o necessário. Simplicidade. Nitidez. Naturalidade.

Com os três cadernos volumosos, onde reunira milhares de verbetes, Stradelli procurou o editor. Impossível. Ninguém queria editar o “Vocabulário”. Governos, casas impressoras, bibliófilos abastados, todos silenciaram. Stradelli passara meio século construindo uma inutilidade.

Tudo quanto ele desejava era ver seu livro impresso. Vantagens financeiras, nenhuma. Apenas alguns exemplares para a distribuição aos amigos e sociedades de história e lingüística na Europa. Para ele, o autor, nada, absolutamente nada. Entre indiferenças e fáceis ironias dos letrados, Stradelli viveu horas de amargor.

O senador Silvério José Nery, político amazonense, encarregou-se de tentar, mais uma vez, a publicação no Rio de Janeiro, paraíso dos romancistas e poetas, cuja bibliografia enche as prateleiras das livrarias cariocas e desnorteia as provincianas. O senador Nery procurou no Rio o professor Júlio Nogueira, que vivera muitos anos no Amazonas e conhecia Stradelli. O professor Nogueira reiniciou a via dolorosa. Era a época em que se preparava a festa oficial do Centenário da Independência. O Governo, provavelmente, estaria interessado em comemorar a data suprema com publicações eruditas, fixando a existência daquele povo que D. Pedro governara. O professor Nogueira interessou-se para incluir o trabalho de Stradelli entre as publicações oficiais.

Nos fins do Amazonas, Bernardo Ramos, o descobridor de petrógrifos, leitor das itacoatiaras, sonhou ver igualmente seu livro editado pelo Governo Federal, homenagem menos ao autor que à própria inteligência brasileira. Bernardo Ramos nada conseguiu. O prof. Júlio Nogueira desesperançou-se também. Stradelli estava condenado ao ineditismo.

Finalmente o prof. Júlio Nogueira lembrou-se do Instituto Histórico Brasileiro, a casa da memória brasileira, refúgio dos trabalhadores desinteressados. Trouxe o original ao dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo, que se constituiu um procurador ativíssimo em defesa do velho Stradelli.²⁰

Os inéditos foram confiados ao dr. Teodoro Sampaio, tupilólogo ilustre, autoridade suprema no assunto. O barão de Ramiz Galvão examinou e corrigiu a linguagem das definições, ajustando concordâncias e clareando textos, dando uniformidade e coerência. O Instituto Histórico Brasileiro, sob a presidência do conde de Affonso Celso, um animador para quem a idade não traz o crepúsculo, julgou o trabalho útil e proveitoso e o mandou imprimir em sua "Revista". A primeira revisão foi entregue a um erudito, o dr. Rodolfo Garcia, miniaturista da História do Brasil, talento de pesquisa, de procura e paciência, entusiasta de todos os espíritos construtores. O prof. Júlio Nogueira escreveu o prefácio. O "Vocabulário" estava em mãos ilustres e generosas. Finalmente...

Mas, no leprosário de Umirizal, Stradelli morrera sem ver seu livro impresso.

20 A carta do dr. Max Fleiuss, acusando o recebimento dos volumes originais dos "Vocabulários", é de 27 de janeiro de 1922.

Na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, tomo 104, volume 158, segundo de 1928 e publicado em 1929, foram impressos os “Vocabulários da Língua Geral Português-Nheengatu e Nheengatu-Português”.

Começa a publicação de um “Esboço de Gramática Nheengatu” e termina uma “Coleção de trechos nheengatu”. O total abrange 768 páginas da “Revista”.

Os trechos nheengatu são: – o jabuti e a anta do mato, o jabuti e a onça (Couto de Magalhães *in O Selvagem*); o jabuti com a anta do mato, o jabuti com a onça (padre dr. Constantino Tastevin *in La Langue tapihiya dite Tupi ou nheengatu*); A criação de todas as cousas, (D. Lourenço Costa Aguiar, da *Doutrina Christã – Christu Maesáua*); a cigarra com a formiga (Da *Carta Pastoral* de D. Frederico Costa); a tartaruga e o gavião (Barbosa Rodrigues, da *Poranduba Amazonense*); Kukuhy, lenda baré (Das lendas indígenas recolhidas por Max J. Roberto, transcritas por Antônio Brandão de Amorim), Poronominare, lenda baré, e Erem, lenda cubéua, inéditas.

Stradelli escreveu ainda uma “Nota Preliminar”, abrindo o vocabulário, logo depois da gramática.

A gramática de Stradelli estuda as seguintes partes: alfabeto, vogais (valor fonético), consoantes (valor fonético), acento, partes do discurso, substantivo, substantivos de formação secundária, gênero, número, caso, comparativo, diminutivo, aumentativo-superlativo, adjetivo, formação do adjetivo, adjetivo qualificativo, adjetivo demonstrativo, caso, pronome, verbo, tempo e modo, subprefixos e reitera-

ção do tema, negação, interrogação, formação dos verbos, advérbio, posposição, conjunção, interjeição, construção da oração.

Stradelli não fizera um vocabulário mas uma enciclopédia amazônica. Na primeira parte alinhou mais de um milhar de palavras portuguesas com sua correspondência em nheengatu. Mas a secção “Nheengatu-Português” é surpreendente pela vastidão do material adquirido e manejado com oportunidade e justiça. Não é apenas o vocábulo indígena que Stradelli registrou, mas, sua aplicação, as superstições relativas ao objeto registrado, a região do mito e sua sobrevivência. Desta forma ele enfrenta grandes problemas da teogonia tupi, assumindo posições solitárias e lindas que o futuro reconhecerá como verdadeiras e tipicamente precursoras de um movimento de verificação histórica e etnológica.

Jurupari, que é uniformemente dado como um demônio com exceções raras,²¹ passa a ser o Deus indígena por excelência e Stradelli explica toda a doutrina em poucas linhas. A concepção indígena da formação do mundo, o poder das mães, opondo-se ao nosso critério de dar a criação como originária de um Pai, tudo foi deliciosamente estudado, esplendidamente resumido em períodos insubstituíveis. Stradelli corrige Martius, repõe viajantes e etnógrafos em seus justos lugares, sem que perca aquele ar de naturalidade que é a melhor expressão de sua alma simples.

21 Tastevin, Coudreau, Russell, Wallace, D. Frederico Costa, bispo do Amazonas, insurgira-se contra o diabolismo de Jurupari, na sua CARTA PASTORAL de 11 de abril de 1909: – Parece também evidente que houve erro em identificar Jurupari com o Demônio. Ver *Geografia dos Mitos Brasileiros*, p. 80-110, Rio de Janeiro, 1947, onde estudei o motivo.

Armas, utensílios domésticos, indústrias, economia indígena, religião, astronomia, costumes, indumentária, zoologia, botânica, medicina, segredos da pajelança, cerimônias rituais, reuniões de trabalho com o *aiury* (o *putirum*, *muxirão* do sul, a ajuda, do nordeste brasileiro), sagradas como a *cariamã* (festa da puberdade) ou *mucero* (dar-o-nome-à-criança), caça, pesca, instrumentos de guerra e musicais, todos os conhecimentos vêm carregados num estilo claro, rápido, narrativo, sem presunção de originalidade, comunicativo e sereno. Stradelli fixa aspectos que só ocorrem a técnicos, como a nidificação, a disposição dos fios na tecelagem das redes de dormir (*kysáus*), minúcias de olaria e cerâmica, armadilhas para os rios e águas-mortas, hábitos de animais, perfumes, conselhos, anedotas.

Aqui está como ele registra “itacoatiara”, a pedra pintada ou desenhada. É apenas um dos mistérios da pré-história. O petrógrifo continua desafiando estudos e deduções em toda a parte. Stradelli fala, com a espontaneidade dos sinceros: – *Itacoatiara*, pedra pintada ou esculpida. Os indígenas deixaram aqui e acolá, nos lugares de passagem e demoras forçadas, onde a existência de pedras mais ou menos duras lhes permitia fazê-lo, numerosos desenhos feitos, ao que parece, gastando a pedra com outra pedra. No lugar denominado Lajes, na confluência do Solimões com o rio Negro, que passam a formar o verdadeiro Amazonas, por exemplo, as inscrições vêm misturadas com riscos mais ou menos profundos, que não parecem ser outra coisa senão traços deixados pelos afiadores de machados; mas outros lugares há, em que tal mistura não se observa, e, embora toscas as figuras, demonstram que foram feitas com um fim determinado, o que é confirmado

também pela repetição de certos sinais e figuras. Quando as encontrei da primeira vez – e foi em Moura, no rio Negro – duvidei logo que fossem, como se pretendia, simples trabalhos de desocupados sem escopo nenhum. Mais tarde, no alto Uaupés, toda e qualquer dúvida a respeito me foi tirada. Tais desenhos, embora toscos e de uma ingenuidade quase infantil, especialmente quando comparados com o que se quis representar, são verdadeiros e próprios hieróglifos, sinais convencionais com significação ainda hoje conhecida pelos nossos indígenas, que os veneram como monumentos deixados pelos seus maiores. De algumas delas me foi dado obter a significação e uma espécie de chave, que foi publicada com uma coleção de inscrições pertencentes à região do rio Uaupés no *Bollettino della Società Geografica Italiana* (fasc. V, 1900). Como a sua ubiquação parecia dizê-lo, muitas delas são indicações de migrações, sinais deixados pelos traços que precedem, para guia dos que seguem, com atenção do modo de acolhimento, recursos da localidade, tempo de demora, via seguida, etc. Outras se referem a lendas e tradições dos diversos povos que nele se seguiram ou a lei e aos ritos do Jurupari. Em qualquer caso tinha razão o velho Quenono, um cubéua do Cuduiari, quando dizia a Max J. Roberto, o meu companheiro de jornada na minha última viagem ao Uaupés:

Penhe pecoatiara papéra, iané iarecô itá iacoatiára arama
– vocês escrevem no papel, nós temos as pedras para escrever.

“As inscrições, que fizeram dar a Serpa o nome de Itacoatiara, não parecem de origem indígena. V. *Coatiára* e comp.”

Todo o livro, com seu título modesto de “Vocabulário”, trai o cunho de indelével observação pessoal, direta, contínua, dispensando a bibliografia erudita dos etnólogos que procuram no mundo amazônico materiais para uma doutrina antecipadamente fixada em Dresde, Munich, New York, Paris e Londres, incapaz de menção quando os elementos deparados não podem justificar a tese preconcebida, trabalho único em sua espécie no idioma português.

Stradelli descrevendo as danças ou o poraquê, a poroca ou o tamacoaré, um dabacuri festivo ou a significação política e social de um tuxaua, denuncia invariavelmente o contato que teve com os objetos estudados, o ambiente propício e daí a superioridade de seus verbetes e definições.

Seria cômico uma diminuição na obra extensa de Karl von den Steinen ou de um Theodor Koch-Grünberg, das contribuições de Hartt ou nas genialidades de Wallace. Stradelli tem sobre eles todos a ausência sistemática de querer doutrinar, reunir num corpo de ciência ortodoxa o material colhido nas matas. Inconscientemente, pelo hábito da cátedra, ou a antevisão do auditório técnico que ouviria as conclusões em New York, Munich ou Paris, o explorador “prepara” certos efeitos indispensáveis e naturais. Uns mentem, como Savage Landor, outros são crédulos, como Coudreau, outros acumulam, monotonamente, documentos que dispensariam uma tese, como von den Steinen entre os Bororos. Stradelli não desejou fazer etnografia, mas registrar, recolher, guardar o material que ele via transformar-se diariamente pelo avanço dos brancos e de suas idéias. De futuro não será outra a fonte melhor e mais fiel para

uma multidão dos aspectos amazônicos senão o “Vocabulário”, que Stradelli não teve a alegria de ver impresso. Demais, o velho fidalgo italiano teve tempo para impregnar-se do ambiente indígena e compreender o que seria impossível numa viagem ou num acampamento provisório. Os quase cinqüenta anos de vida amazonense deram-lhe o condão de traduzir o espírito das coisas e sua significação íntima, recolhida e misteriosa.

Um registro sobre Pajé, dará o índice dessa compreensão interior, compassiva e piedosa que faz o encanto dos livros de Stradelli.

PAIÉ – PAJÉ. Gonçalves Dias escreve “piaga” e não sabemos onde o teve. O pajé é o médico, o conselheiro da tribo, o padre, o feiticeiro, o depositário autorizado da ciência tradicional. Pajé não é qualquer. Só os fortes de coração, os que sabem superar as provas da iniciação, que têm o fôlego necessário para aspirar a ser pajé. Com menos de cinco fôlegos não há pajé que possa afrontar impune-mente as cobras venenosas; é preciso ter mais de cinco fôlegos para poder curar as doenças com a simples imposição das mãos e com o cuspo as mordidelas das cobras venenosas. Os pajés que têm sete fôlegos para cima, lêem claro no futuro, curam à distância, podem mudar-se à vontade no animal que lhes convém, tornar-se invisíveis e se transportar de um lugar para outro com o simples esforço do próprio querer. “Hoje não há mais pajé”, me dizia o velho Taracué, “somos todos curandeiros”. E eram queixas de colega a colega, porque eu passei sempre por muito bom

pajé, graças a fotografia, ao microscópio, e às coleções de plantas, espécie de Caladiums, que fazia durante o tempo que passei no meio dos indígenas no rio Uaupés.

Isso está deliciosamente escrito.

Tal foi a identidade de Stradelli com os índios que estes sempre o tiveram como um ser superior e benévolo. Coudreau, que o encontrou entre eles, guardou reminiscência de seu prestígio.²² Stradelli era apenas um *Mayua raira*. *Mayua* é o ser misterioso de onde provém todo o mal. Pode inutilizar todas as festas e cerimônias. *Raira* é filho. O filho dessa *morai* malévola era possuidor de atributos supremos de bondade e daí suas relações incontáveis com a indiaria.

Aqui está um traço leve e seguro da vida indígena. É a “farinha de peixe”. Depois da leitura o conhecimento incorpora-se à memória. É completo.

PIRA-CUY – Farinha de peixe. O peixe depois de moqueado bem seco de modo a tornar-se quebradiço, é socado no pilão, reduzido a pó, peneirado, para ser posto em paneiros forrados de folhas de arumã e ser guardado no fumeiro. Preparado desta forma o peixe se conserva por muito tempo, e serve especialmente nas viagens escoteiras por terra, em que não há tempo a perder. As

22 Puis c'est l'histoire du Ct. Stradelli, qui était ici il y a quatre ans. On nous raconte qu'il était fils du Grand Serpent, et que dans le Uaupés, rien qu'en frappant des mains, il faisait naître des hommes. H. A. COUDREAU. Voyages a travers les Guyanes et l'Amazonie. Paris. 1887, t-2, p. 214.

A fama de criar homens batendo as mãos vinha do trabalho de reproduzir fotografias. Os índios viam a lavagem das chapas e o movimento para fixá-las e explicavam que Stradelli estava fazendo seres vivos porque eles apareciam depois naqueles pedacinhos de papel.

qualidades de peixe que melhor se prestam para fazer o piracuí são os peixes de escama e entre eles os de médio tamanho, pouco importando as espinhas, mas devendo-se escolher de preferência o que não for muito gordo. As espinhas que não ficam pulverizadas no pilão, ficam na peneira. A gordura torna rapidamente rançosa a farinha.

Estudando CY, a mãe, a criadora, a origem, Stradelli aborda um problema que tem desafiado a argúcia dos demopsicólogos e etnógrafos. Vale por um volume inteiro, tal sua precisão e transparência. Para todos os estudiosos de assuntos americanistas, tratar sobre esse tema é afrontar um *complexus* emaranhado de hipóteses e deduções. Stradelli, com aquela naturalidade com que deslinhou Tupã e valorizou Jurupari, imobiliza o ponto em trecho conciso e profundo.

CY. MÃE. Forma antiga. Hoje em todo o Amazonas se usa mais correntemente de Mai ou Manha. Cy, todavia, além de ser conservado em muitas terminações, como Iacy, Coaracy, é ainda usado em muitos lugares sempre que se refere a alguma das mães, que, conforme a crença indígena, foi a origem e hoje preside ao destino das coisas que dela se originaram. O indígena não concebe nada do que existe sem mãe. Simplista, estende a necessidade que ele teve para existir de uma mãe, a tudo que existe; – o pai, desde que ele acredita em virgens parideiras, não é de necessidade absoluta. A mãe pois é sempre necessária para que haja vida; por via disso tudo tem mãe, e a cy como verdadeira mãe que é,

não abandona os seres que lhe devem a vida, lhes vigia o desenvolvimento, os guia e os protege para que consigam o próprio destino, acompanhando-os e protegendo-os da nascença até a morte. A criação é pois devida à fecundidade das mães das coisas, animadas e inanimadas, ou melhor das coisas, – porque para o indígena que acredita na cy, não há coisas animadas e inanimadas; – todas as coisas têm alma. A ela é devida a sua conservação. Sem a mãe não há vida, nem a vida se conserva. A cy é indispensável para a conservação e perpetuação, como o foi para a primeira produção. De onde porém lhes provém, e quem mantém a fecundidade das mães? Do Sol não, da Lua menos; o primeiro é a mãe do dia, e a segunda a mãe das frutas, mas por via disso mesmo nem esta nem aquele podem ser o fecundador das mães das coisas, o princípio masculino. Será este Tupana o deus tupi? Talvez, se para eles Tupana é, como me parece poder asseverar, o ser indefinido, que paira acima de tudo no além, imaterial, informe, misterioso, como a causa que fez nascer, desenvolver e morrer todas as coisas do universo, sendo ao mesmo tempo princípio gerador e destruidor. Se este é todavia o conceito tupi de Tupana, devo confessar que nenhum indígena nunca me explicou, nem mostrou pensá-lo. O que me têm repetidamente afirmado é que todas as coisas, os astros, as serras, os lagos, os rios, as plantas, os animais e as próprias pedras têm alma, sentem; e que todas têm u'a mãe que vive, da mesma vida, têm as mesmas necessidades, lutas, prazeres e instintos das coisas que lhes deram o ser; e são estas mães começando pelo Sol e pela

Lua, e não Tupana, que quando precisam se engenam de tornar propícias. Quem isto consegue vive na abundância de tudo, é feliz em tudo. Ai! daquele que as ofende! quem as desrespeita! Para ele só há desgostos e misérias. Como quer que seja, Tupana parece alheio aos negócios desta baixa terra; – as que tudo regulam são as mães.

Aí está, fielmente, a origem das origens, o princípio das coisas. Compreendida essa base, todas as lendas se aclaram, iluminadas inesperadamente por uma luz incisiva e interior. Achamos explicação para a teogonia que se nos afigurava estranha. Articulamos imediatamente essa concepção às concepções primitivas de outras religiões inferiores, de povos distantes e que julgávamos inteiramente distantes duma possibilidade de cotejo.

Todos os etnógrafos-viajantes se dispensaram de ensinar a um leitor, pouco familiarizado com esses assuntos, dados elementares, rudimentos para a construção de um raciocínio que será sempre impossível fora dessas bases.²³

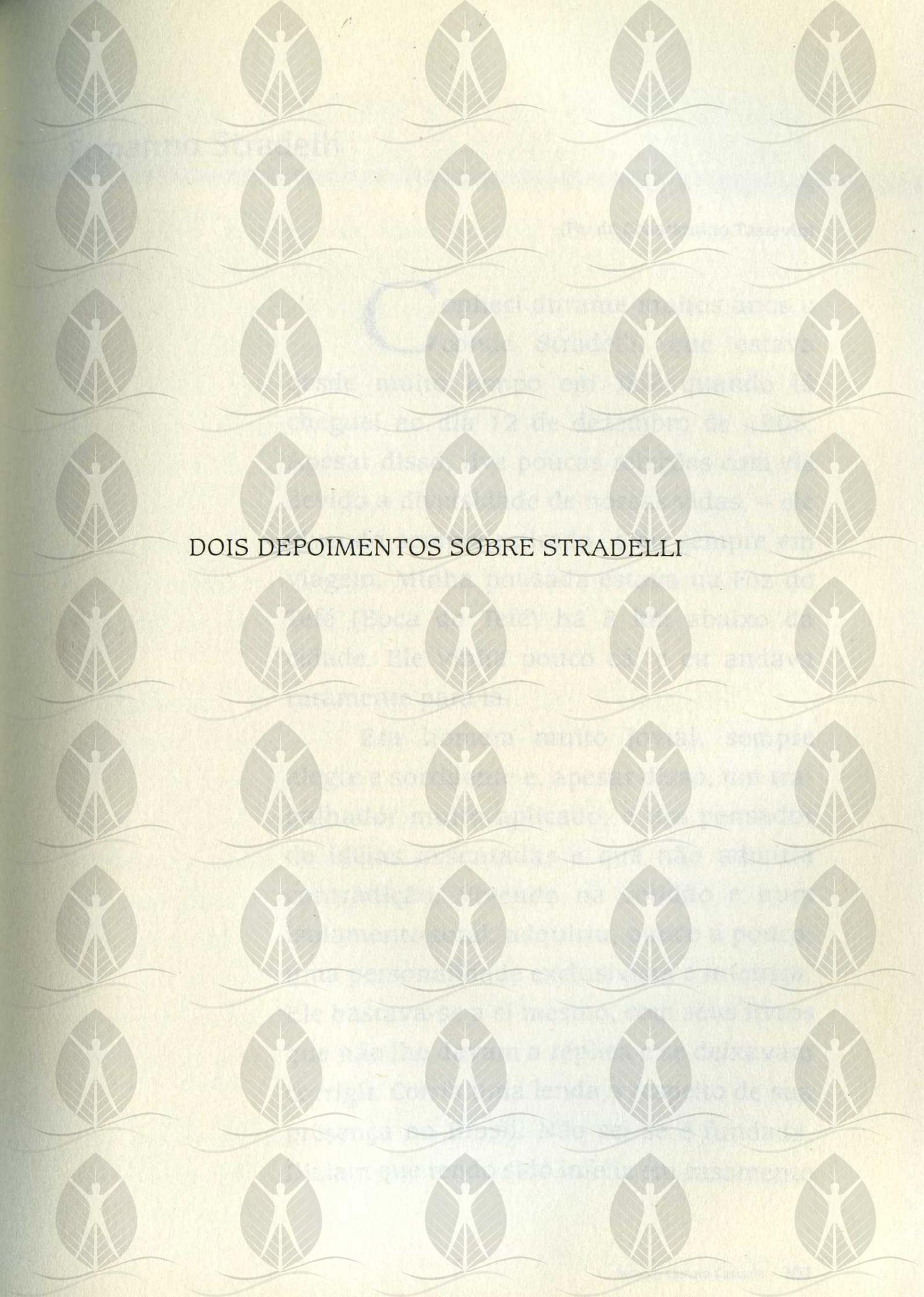
O “Vocabulário”, editado generosamente por uma revista circunscrita a um círculo de leitores especializados, sem nenhuma propaganda, morto seu autor, tema que apaixona raros curiosos, é natural que continue sendo votado a um ostracismo mental, ignorância de cultos e vaidades de brasileiros pelos nomes de consoantes ásperas.

O “Vocabulário”, entretanto, rico, amplo, claro, sugestivo, é uma disciplina admirável de conhecimentos, dados imediatos e

23 Minha interpretação etnográfica de TUPÃ e JURUPARI continua sendo a mesma exposta na *Geografia dos Mitos Brasileiros*, 1947. Nem menos e nem mais...

indispensáveis para o trato de assuntos que seriam melhormente versados tendo nele uma parte de sua base. Há no “Vocabulário” a abundância de material virgem que lembra Koch-Grünberg, mas Stradelli não é um classificador como o viajante de *Von Roraima zum Orenoco*. É um Humboldt sem programa, fazendo uma marginalia do “Cosmos”. Sente-se a emoção com que Stradelli tratou o objeto de seu estudo. Ele é o primeiro a amar seu trabalho, entusiasmar-se pelo material colhido nas matas, seguir mentalmente a correria surda do Curupira e a descida suave de *Kerpiyua*, a Mãe do Sonho, reveladora de segredos e de conselhos, comum a todas as religiões e querida de todos os fiéis do Universo.

Ele juntou, pedra a pedra, o seu tesouro legado a uma geração apressada e céptica. Não obstante estar ignorada e perdida, a jóia brilha menos...



DOIS DEPOIMENTOS SOBRE STRADELLI



Ermanno Stradelli

(Pe. dr. Constantino Tastevin)

Conheci durante muitos anos o Conde Stradelli, que estava desde muito tempo em Tefé quando lá cheguei no dia 12 de dezembro de 1905. Apesar disso, tive poucas relações com ele devido a diversidade de nossas vidas, – ele vivendo sempre retirado, e eu sempre em viagem. Minha pousada estava na Foz do Tefé (Boca do Tefé) há 8 km abaixo da cidade. Ele vinha pouco cá, e eu andava raramente para lá.

Era homem muito jovial, sempre alegre e sorridente e, apesar disso, um trabalhador muito aplicado, e um pensador de idéias assentadas e que não admitia contradição. Vivendo na solidão e num isolamento total, adquiriu, pouco a pouco, uma personalidade exclusivista e inteiriça. Ele bastava-se a si mesmo, com seus livros que não lhe davam a réplica e se deixavam corrigir. Corria uma lenda a respeito de sua presença no Brasil. Não sei se é fundada. Diziam que tendo sido infeliz em casamento

apesar da bênção do Papa Pio IX, tinha deixado família, pátria e religião, para entranhar-se no deserto das florestas virgens do Amazonas.

Tendo passado poucos anos no Uaupés, onde capuchinhos italianos evangelizavam os índios, publicou diversas notas de etnologia e o levantamento do curso do rio Uaupés.

A necessidade de ganhar a vida o reconciliou um pouco com o mundo civilizado. Sob a dinastia dos Nery, família cabocla de Coari que se tinha imposto ao Amazonas, foi encarregado de algumas missões que lhe permitiram conhecer de *visu* alguns outros rios do Amazonas, como o Madeira, o Solimões e o Purus, mas não fez o levantamento destes rios. Publicou então uma carta do Amazonas, que foi comprada pelo Governo, para uso das escolas elementares e secundárias do Estado.

Infelizmente esse trabalho era apenas de compilação, e, em caso de desacordo entre as fontes, uma *combinazione* cortando a teia pela metade, e criando assim um novo erro.

A região da margem setentrional do Solimões é um exemplo típico do efeito desastrado desse método. Quando os encarregados do recenseamento em Tefé declararam que esse mapa não lhes podia ser de nenhum auxílio devido a fantasia do seu delineamento, e que só podiam e queriam se fiar a um trabalho meu recentemente publicado, o E. Stradelli esteve um pouco modificado. O método da *média* o tinha desservido, como era de esperar.

Depois da publicação desse mapa dedicou-se em Tefé, como advogado, aos estudos jurídicos. Não me consta que

tivesse continuado os seus estudos de lingüística ou de etnologia. Vivendo muito retirado, não freqüentava o povinho e não procurava aperfeiçoar-se na língua geral, de que tinha algumas noções imprecisas.

Levantando cedo, descia da sua casa solitária que dominava a cidade, do alto do outeiro onde estava edificada, e vinha à praia tomar banho no lago. Daí passava no mercado, onde comprava pão, legumes ou frutas, e subia a sua ermida, para se entregar às delícias do estudo. Ele mesmo era o próprio cozinheiro, e gostava de preparar pastas com ovos à moda italiana. De tarde descia outra vez à cidade para uma visita ao vigário ou a qualquer outra pessoa com quem privava. E antes da noite voltava outra vez à sua casa solitária.

Como foi que nessa vida retirada contraiu a dolorosa moléstia da lepra, não o posso dizer. O conde aceitou nobremente de retirar-se para o leprosário improvisado, provisório e rudimentário, de Manaus, levando consigo os seus livros mais interessantes. A morte não tardou.

Gostava de dizer, quando em saúde, que iria pelo menos até os 100 anos, devido ao seu modo de viver duma regularidade verdadeiramente monacal. Mas a doença aceitou o desafio e foi mais forte.

Tenho sempre lamentado que as nossas curtas relações tenham sido sempre mais de rivalidade e de suspeição que de colaboração e de confiança.

As lendas mitológicas que Stradelli colheu no Uaupés são de um grande interesse e o seriam ainda mais se as tivéssemos no dialeto indígena.

Pouco ou nada mais posso dizer delas porque só as pude consultar as furtadas. Mas o nome de Stradelli não deve cair no olvido dos amantes do Brasileirismo.

Stradelli

(Prof. Júlio Nogueira)

Conheci Stradelli em Manaus, não me ocorrendo agora o momento nem o lugar em que o vi pela primeira vez. Sem que fôssemos íntimos, encontrávamo-nos freqüentemente em casa de Silvério Nery, chefe político amazonense, de Bertino Miranda, erudito americanista e jornalista paraense e noutros lugares também.

A sua figura impressionava à primeira vista. Meão de altura, cheio de corpo, com uma barbicha em ponta, os cabelos aparados rentes, Stradelli, no vasto círculo de seus amigos agitava-se com vivacidade notável, mostrando-se um conversador expansivo, de riso fácil e espírito cintilante. Nunca o vi concentrado e frio. Somente uma coisa o irritava: era meterem a bulha a sua nobreza, confundindo-a com a dos títulos comprados ou gratuitos. Ele, efetivamente, era de linhagem nobre.

Jamais conheci estrangeiro que se afizesse tanto aos hábitos e ao meio dos altos sertões amazônicos. Era amante de boa mesa. Os pratos de tartaruga, tucunaré,

tambaqui, o tacacá com tucupi, o piracuí, os molhos picantes como um arubé, as frutas: pupunha, tucumã, etc., deliciavam-no como a um natural da região. Entre as inúmeras habilidades que o distinguiam estava a de um Vatel de fino gosto. Nas casas de suas relações, principalmente em dias festivos, ele, espontaneamente ou a pedido, guinava para a cozinha e ali, balanceando os elementos com que podia contar, reclamando outros: virtualhas ou especiarias, entrava em atividade culinária. À hora do ágape reconheciam todos, entre demonstrações entusiásticas, os pratos clássicos ou improvisados de Stradelli, entre os quais a indefectível e succulenta macarronada à italiana. Ele recebia esses aplausos com aquele riso franco e bom que o acompanhava por toda parte. Quem o visse nessas ocasiões mal poderia suspeitar na pessoa daquele cozinheiro amador um espírito dos mais brilhantes, servido por cultura invulgar.

A sua capacidade manifestava-se por formas díspares. Exercendo o ministério público, advogando ou procedendo a levantamentos em estudos geográficos, ele de tudo se desobrigava com zelo e proficiência.

O seu grande trabalho, porém, aquele que consumiu as energias da sua mocidade, trabalho honesto, consciencioso e seguro, foi o estudo do *nheengatu* (a boa língua) dos silvícolas amazonenses. Levou-o a cabo no contato direto com os índios, visitando as malocas, observando, anotando, nos intervalos das suas ocupações ordinárias. Sem recursos para dá-lo à publicidade, começou a bater a várias portas, acolhido sempre com indiferença. O resto está contado no prefácio que tive ensejo de escrever, a pedido do sr. barão de Ramiz

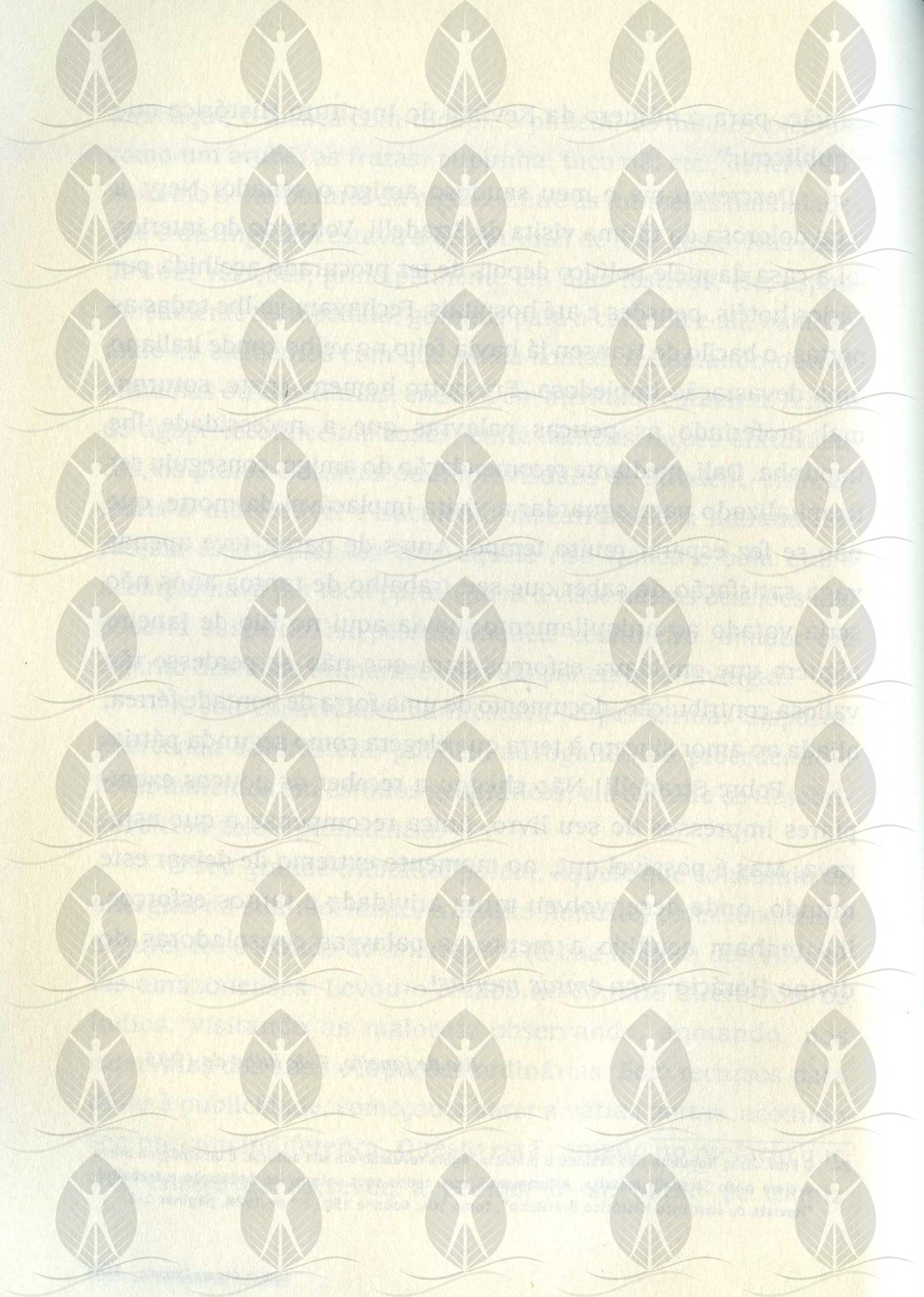
Galvão, para o número da Revista do Instituto Histórico que o publicou.²⁴

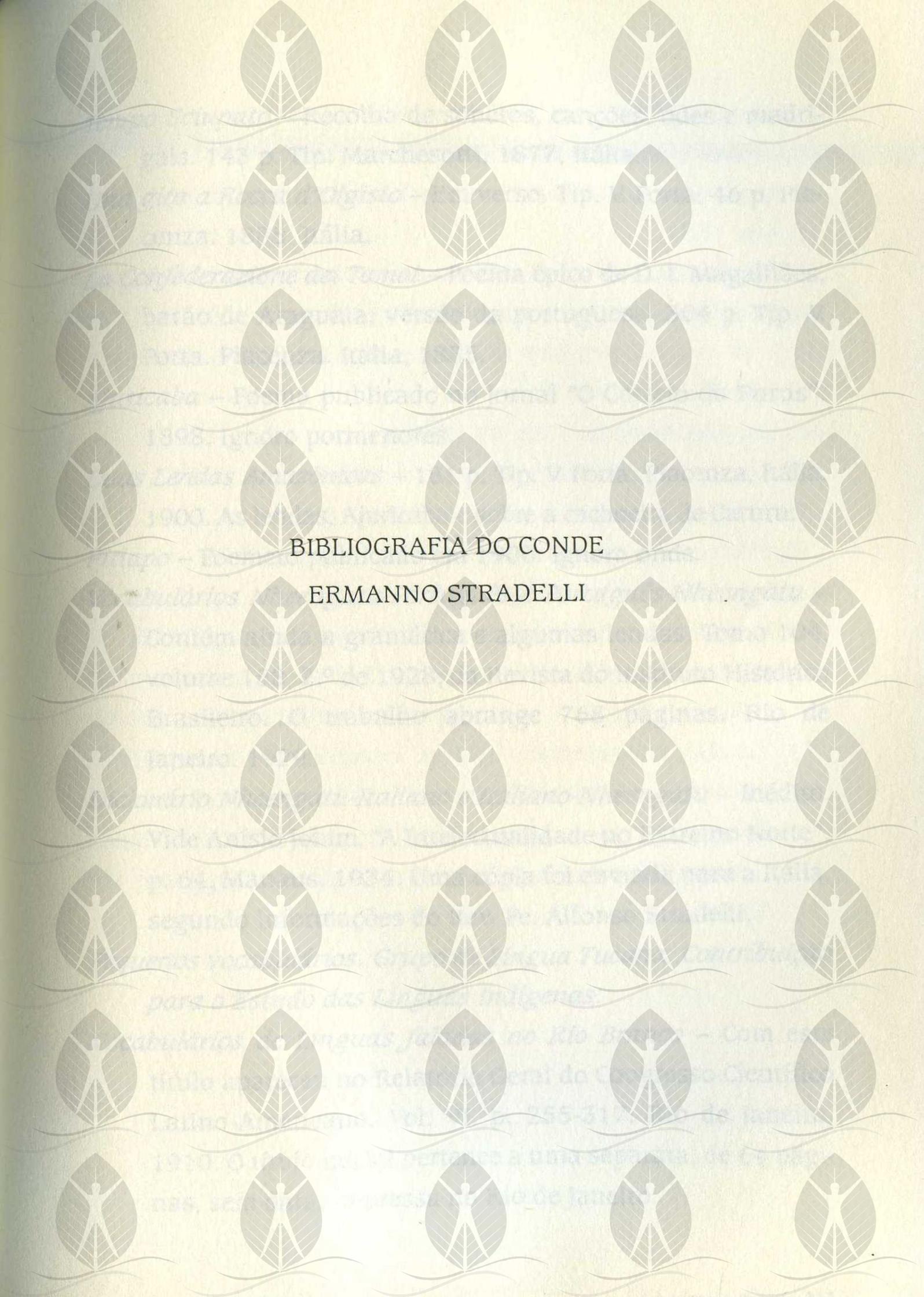
Descreveu-me o meu saudoso amigo o senador Nery, a cena dolorosa da última visita de Stradelli. Voltando do interior, foi a casa daquele político depois de ter procurado acolhida por vários hotéis, pensões e até hospitais. Fechavam-se-lhe todas as portas: o bacilo de Hansen já havia feito no velho conde italiano uma devastação impiedosa. Era outro homem: triste, soturno, mal proferindo as poucas palavras que a necessidade lhe impunha. Dali, mediante recomendação do amigo, conseguiu ser hospitalizado para aguardar a visita implacável da morte, que não se fez esperar muito tempo. Antes de partir, teve apenas vaga satisfação de saber que seu trabalho de tantos anos não seria votado ao aniquilamento: havia aqui no Rio de Janeiro alguém que envidava esforços para que não se perdesse tão valiosa contribuição, documento de uma força de vontade férrea, aliada ao amor sincero à terra que elegera como segunda pátria.

Pobre Stradelli! Não chegou a receber os poucos exemplares impressos do seu livro, única recompensa a que aspirava. Mas é possível que, no momento extremo de deixar este mundo, onde desenvolveu tanta atividade e tantos esforços, lhe tenham acudido a mente as palavras consoladoras do divino Horácio: *Non omnis moriar!*

Rio de Janeiro, 7 de julho de 1935.

24 O Prof. Júlio Nogueira não assinou o prefácio, agora revelado em sua autoria. É uma página breve e clara onde Stradelli ressalta, nitidamente, com todos seus valores de dedicação e trabalho. "Revista do Instituto Histórico Brasileiro", tomo 104, volume 158, 2.º de 1928, páginas 1-2.





BIBLIOGRAFIA DO CONDE

ERMANNNO STRADELLI

Tempo Sciupato – Recolha de sonetos, canções, odes e madrigais. 143 p. Tip. Marchesotti, 1877, Itália.

Una gita a Rocca d'Olgisio – Em verso. Tip. V. Porta. 46 p. Piacenza. 1885. Itália.

La Confederazione dei Tamoi – Poema épico de D. I. Magalhães, barão de Araguaia, versão da portuguesa. 304 p. Tip. V. Porta. Piacenza. Itália, 1885.

Ajuricaba – Poema publicado no jornal “O Correio do Purus”. 1898. Ignoro pormenores.

Duas Lendas Amazônicas – 181 p. Tip. V. Porta. Piacenza, Itália. 1900. As lendas, Ajuricaba e sobre a cachoeira de Caruru.

Pitiapo – Poemeto publicado em 1900. Ignoro onde.

Vocabulários Nheengatu-Português e Português-Nheengatu – Contém ainda a gramática e algumas lendas. Tomo 104, volume 158, 2.º de 1928, da Revista do Instituto Histórico Brasileiro. O trabalho abrange 768 páginas. Rio de Janeiro. 1929.

Dicionário Nheengatu-Italiano e Italiano-Nheengatu – Inédito. Vide Anísio Jobim, “A Intelectualidade no Extremo Norte”, p. 64. Manaus, 1934. Uma cópia foi enviada para a Itália, segundo informações do Rev. Pe. Alfonso Stradelli.

Pequenos vocabulários. Grupo de Língua Tucana. Contribuição para o Estudo das Línguas Indígenas.

Vocabulários de Línguas faladas no Rio Branco – Com este título apareceu no Relatório Geral do Congresso Científico Latino-Americano. Vol. VI, p. 255-317. Rio de Janeiro, 1910. O título inicial pertence a uma separata, de 64 páginas, sem data, impressa no Rio de Janeiro.

Publicações feitas no "Bolletino della Societá Geografica Italiana", havendo Separatas. Roma. Itália.

La spedizione Stradelli alle sorgenti dell'Orenoco – março, 1887 / julho, 1887.

Dall'isola Trinidad ad Atures – outubro-novembro, 1887.

Contro l'immigrazióne nei paesi dell'alto Orenoco – junho, 1888.

Note di viaggio nell'alto Orenoco – agosto, 1888. Setembro, 1888.

Del Cucui a Manaus – janeiro, 1889.

Rio Branco, note di viaggio – março, 1889. Abril, 1889.

L'Uaupés e gli Uaupés – março, 1890.

Leggenda dell'Jurupary – julho, 1890. Agosto, 1890.

Leggenda del Taria – março, 1896.

Iscrizioni Indigene della regione dell'Uaupés – março, 1900.

O Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, caderno n.º 4,

1964, publicou: – *La Leggenda Dell'jurupary e Outras*

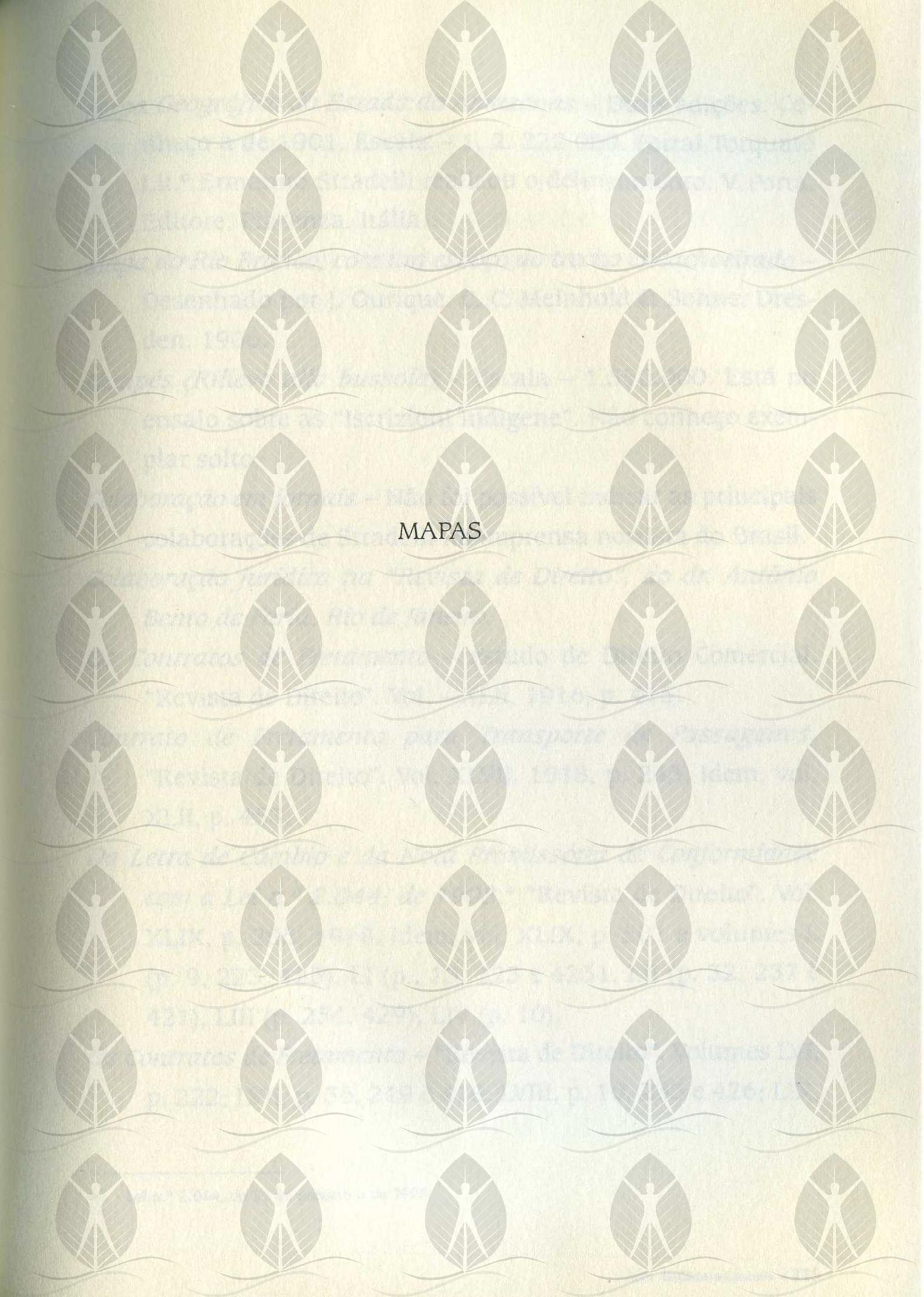
Lendas Amazônicas, 103 p. contendo: – Nota prévia;

“Stradelli e o mito do Jurupari”, de Ettore Biocca, com bi-

bliografia; “La Leggenda dell'Jurupary”; “Pitiápo, lenda

uanana”, (poema e prosa em português); “Leggenda del

Taria”.



MAPAS



Mapa Geográfico do Estado do Amazonas – Duas edições. Conheço a de 1901. Escala – 1. 2. 222.000. Ferrai Torquato Lit.º Ermanno Stradelli realizou o delineamento. V. Porta. Editore. Piacenza. Itália.

Mapa do Rio Branco, com um esboço do trecho encachoeirado – Desenhado por J. Ourique. C. C. Meinhold & Sohne. Dresden. 1906.

Uaupés (Rilievo alla bussola) – Escala – 1.550.000. Está no ensaio sobre as “Iscrizioni Indigene”. Não conheço exemplar solto.

Colaboração em jornais – Não foi possível indicar as principais colaborações de Stradelli na imprensa nortista do Brasil.

Colaboração jurídica na “Revista de Direito”, do dr. Antônio Bento de Faria. Rio de Janeiro.

Os Contratos de Fretamento – estudo de Direito Comercial. “Revista de Direito”. Vol. – XLII, 1916, p. 415.

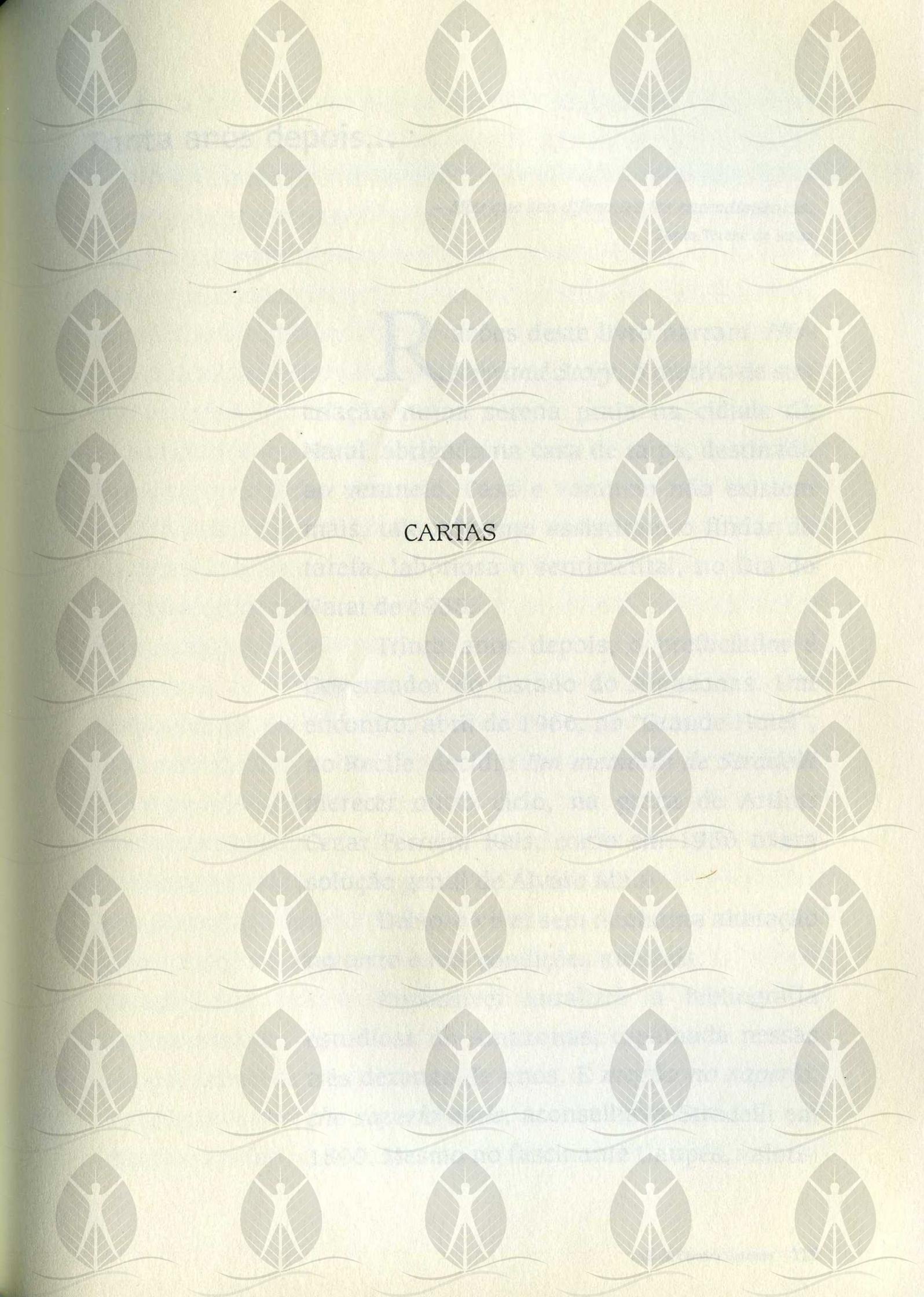
Contrato de Fretamento para Transporte de Passageiros. “Revista de Direito”. Vol. XLVII, 1918, p. 243, Idem, vol. XLII, p. 453.

*Da Letra de Câmbio e da Nota Promissória de Conformidade com a Lei n.º 2.044, de 1908.** “Revista de Direito”. Vol. XLIX, p. 205, 1918. Idem, vol. XLIX, p. 501 e volumes L (p. 9, 223, 423), LI (p., 13, 223 e 4231, LII (p. 32, 237 e 421), LIII (p. 254, 429), LIV (p. 10).

Os Contratos de Fretamento – “Revista de Direito”. Volumes LVI, p. 222; LVII, p. 36, 219 e 418; LVIII, p. 10, 233 e 426; LIX,

* Lei n.º 2.044, de 31 de dezembro de 1908.

p. 7, 222 e 425; LX, p. 11, 201 e 426; LXI, p. 6, 218 e 425; LXII, p. 9, 197 e 379; LXIII, p. 6, 230 e 437; LXIV, p. 8, 213 e 391; LXV, p. 9, 215 e 407; LXVI, p. 9, 189 e 416; LXVII, p. 15, 227 e 437; LXVIII, p. 249; LXIX, p. 7, 216 e 394; LXX, p. 10 e 207, e LXXI, (1924) p. 8. Apesar da nota “contínua”, não encontrei o final do estudo.



CARTAS



Trinta anos depois...

– *Mire que son diferentes los entendimientos.*

Santa Teresa de Jesus

Razões deste livro narram, *History and Story*, o motivo de sua criação numa serena praia na cidade do Natal, abrigado na casa de taipa, destinada ao veraneio. Casa e veraneio não existem mais, talqualmente assistiram o findar da tarefa, laboriosa e sentimental, no Dia do Natal de 1935.

Trinta anos depois, o prefaciador é Governador do Estado do Amazonas. Um encontro, abril de 1966, no “Grande-Hotel”, no Recife, decidiu *Em memória de Stradelli* merecer outro ciclo, na graça de Arthur Cezar Ferreira Reis, como em 1936 tivera solução gentil de Álvaro Maia.

Deixo-o viver sem nenhuma alteração no texto e nas condições autorais.

Impossível atualizar a bibliografia estudiosa do Amazonas, espalhada nessas três dezenas de anos. E *meglio no saperlo, che saperlo male*, aconselhava Stradelli em 1890. Mesmo no fascinante Uaupés, valori-

zado pela tenacidade salesiana, padres Antônio Giaccone, Eduardo Lagori, Ancionilio Brüzzi Alves da Silva, revelações pesquisadoras, levantamentos geográficos, notícias científicas, o silêncio é a prudência para registro, fatalmente incompleto.

Breves acréscimos, notas leves, supressão das dispensáveis, dirão do critério do autor. O conhecimento pessoal consta de livros publicados: *Geografia dos mitos brasileiros* em 1947, *Dicionário brasileiro de folclore*, na reedição de 1962, são meus limites. As edições e reimpressões comandadas pelo Governador Arthur Reis, ampliaram as áreas da informação cultural amazonense. Certamente não afeiará o conjunto recordar-se o conde Ermanno de Stradelli, falecido no Umirizal há quarenta anos justos, amazonense de Piacenza, cativo da selva, noivo de Ci, enamorado do mistério revelado à sua intuição, morrendo devagar, na servidão jubilosa da terra encantada.

Dos 38, quando apareceu esse volume em Manaus, para os 68 anos, data da 2.^a edição, tenho maior visão de Stradelli.

Os vocabulários, publicados em 1929, estabelecem a distância entre Stradelli e qualquer clássico naturalista do século XIX e primeiras décadas da centúria imediata, mesmo incluindo o espírito comunicante de von Martius, Russel, Wallace, Bates, Spruce. Stradelli, inconscientemente, liberta-se do divino Pollux para seguir o natural Castor. A tradição popular vai expulsando a sistemática, a nomenclatura, a classificação, o plano esclarecedor para os distantes olhos universitários. Fatalmente termina não fixando onde nasce o Orenoco mas colecionando caládios, compadre de tuxauas e pajés, comensal nos dabacuris inter-

mináveis. Sei muito bem que Karl von den Steinen, Ehrenreich, Th. Koch-Grünberg, Max Schmidt, foram assim. Mas era técnica aquisitiva de dados etnográficos, como Malinowski na Melanésia ou Livingstone n'África equatorial. O Imperador D. Pedro II tornava-se sorridente nas viagens e taciturno na Corte. Mudadas as condições de ambiente cultural e animação consagradora, Stradelli seria Alberto Schweitzer, pela dedicação desinteressada ou Roberto-Luís Stevenson, no envolvente amor às coisas e aos entes, elegidos pela simpatia.

Noto que, na proporção que os anos passam, Stradelli perde a *intenção* do pormenor científico, a minúcia atraente ao especialista. Conserva uma alegria íntima na percepção da natureza real de todos os entes. É um trabalhador obstinado, *nec obulus, nec laus*, pondo em sua efetivação as supremas recompensas. Não praticou o que Stevenson denominava a *dignidade da inércia*, que, em forma pomposa e magistral, concede a majestade do êxito inexplicável.

Ponhamos uma imaginária equação àquela surpreendente tenacidade de indagação e registro, anos e anos, tendo unicamente a esperança da pequenina vulgarização, humilde, restrita, provinciana, comparando-se as fronteiras da realização material e positiva. *Quanta água corre debaixo da terra sem conseguir determinar uma fonte!* – anotava Schweitzer. Stradelli foi sempre, por imposição econômica, *attaché en amateur* no que desejava exercer profissionalmente. Deveria ocupar-se de advocacia, promotoria pública de Manaus, Lábrea e Tefé, “provisionado” pelo Tribunal um doutor em Direito, pela Universidade de Pisa, desenhando mapas,

escrevendo estudos de Direito Comercial, divulgando-os na “Revista de Direito”, de Bento de Farias, quando sonhava a investigação ininterrupta da cultura popular indígena, o deli-
ciado contato das malocas, a convivência de caça e pesca, as breves indicações religiosas, o relâmpago confidencial do caminho para os deuses das selvas sem nome e dos rios sem-
fim. *Toda predilección es auténtica confesión*, afirmava Ortega y Gasset. Já sabemos que a predileção de Stradelli não coinci-
diu com o seu processo de viver, manter-se, ser. Sua fase de jornadas pelos rios, para ver *algo de nuevo*, subindo igarapés tortuosos e “furos” espiralados, planejando deparar as águas iniciais do Orenoco, (1887), acompanhando Dionísio Cerqueira ao alto rio Negro, (1882), Barbosa Rodrigues ao Jauaperi, (1884), Jacques Ourique ao rio Branco, (1888), inicia-se em 1879, aos 27 anos, arrebatados e lépidos. Dura, realmente, quatorze anos. Em 1893 naturaliza-se brasileiro, efetivamente *amazonense*. Em 1897 volta a Itália para tentar que o industrial Pirelli aplicasse capitais na extração da borracha. No mesmo ano está no Amazonas, de onde nunca mais saiu. O Brasil, para esse viajante, era o Amazonas, como o mundo para Stevenson era Samoa. Fora dele, nada o interessava. Nem teve curiosidade de ver o Rio de Janeiro, imperial ou republicano.

Esse período de viagens, expressão autêntica do impulso pessoal, fora financiado com seus próprios recursos. Dionísio Cerqueira, Barbosa Rodrigues, Jacques Ourique, não lhe pagaram a solicitada colaboração. Stradelli, como todos os participantes, teve transporte e subsistência. Nada mais. O

fidalgo de Borgotaro foi um explorador-naturalista gastando de sua pecúnia. As andanças como funcionário público estadual, 1895-1923, foram mínimas. Havia a concorrência dos técnicos profissionais, famosos, recomendados, subvencionados pelas instituições estrangeiras. Não houve, para ele, o momento oportuno do aproveitamento oficial. Fora útil à sua custa...

Atente-se para a singular ambivalência desse espírito, afetuoso e discreto. É conde de título hereditário, concessão da ex-imperatriz Maria Luiza, então duquesa de Parma e Piacenza, ao avô, de velha família lombarda. Primogênito, cabia-lhe o prenome nobiliárquico e também o uso legítimo do brasão ostentoso. O brasileiro acreditou unicamente nos títulos coloniais: Capitão, lembrando o Capitão-Mor, Coronel, presença do Coronel de milícias, Fazendeiro e Senhor de Engenho, posse da terra, mando sobre a massa servil, justiça individual, arsenal privado, chambre, capangas, patrulha dos compadres, imponência, generosidade, arrogância, fartura. A nobreza-de-sangue voltara à Portugal com D. João VI. Os fidalgos do Império foram *graças* de Sua Majestade, no ritmo do *hei por bem*. Os conterrâneos testemunhavam o douramento do recém-nascido armorial, a passagem do coronel à barão, prêmios habituais aos serviços partidários, visitas do Imperador e, ao final, manumissão de escravos.

*Compadre Martiniano,
Criador de alazão,
Hospedou o Imperador*

*E agora está barão!
E só não foi feito antes
Porque perdeu a eleição!
Foge, João, que te fazem barão!
Para onde, se me fazem visconde?*

Sem afluência na nobiliarquia guerreira, titulada pela motivação da glória militar, credencial venerada na admiração coletiva, os *Gentilhommes-Campagnardes* eram potências reais nas lindes das propriedades: – meu compadre barão, criado do barão, eleitor do barão.

*Pega o touro, amarra o touro,
Bota o touro no mourão.
Esse touro é fio da vaca
Das meninas do barão!*

Os amazonenses, monarquistas até novembro de 1889, republicanos funcionais, posteriormente, não podiam compreender um conde sem terras, sem escravos, sem ocupações superiores, sem aproximação augusta. Não levaram a sério a fidalguia de Stradelli. O Prof. Júlio Nogueira, que o conheceu em Manaus, e teve a bondade de colaborar com um dos dois depoimentos preciosos para a biografia, informa: – *Somente uma coisa o irritava: era meterem a bulha a sua nobreza, confundindo-a com a dos títulos comprados ou gratuitos. Ele, efetivamente, era de linhagem nobre. Palrador e simples, Stradelli fechava a cara, falando glacial ao pilheriador do seu título.*

Jamais compreendeu o brasileiro nobreza independente da economia, tendo o *sentimento* dessas grandezas correlatas na mesma unidade social. *Rico como um barão! É um Conde!* significava as granjas prósperas e confortáveis. Ainda sob D. João VI, popularizou-se o *Lord*, sinônimo de poder, fausto, influência política, e *Lordeza*, abundância, opulência, riqueza. Em julho de 1871, Victor Hugo encontrou no Luxemburgo um aldeão, de vara em punho, tangendo três porcos. O companheiro de passeio, gentil homem prussiano, castelão de Roth, saudou, numa reverência, o porqueiro: – *Guten Tag, Graf von Falkenstein!* O homem dos porcos era um conde autêntico! Essa imagem jamais ocorreria no Brasil, com os nobres pagando na Alfândega taxas de registro pela expedição dos diplomas contemporâneos. O tempo, no plano genealógico, é uma valorização indiscutível. No armorial brasileiro não havia essa quarta dimensão consagradora.

Com essa *consciência* aristocrática, despida do orgulho farfalhante, índice da recente promoção, Stradelli integrara-se no ambiente tropical, do vocabulário à culinária, num ajustamento emocional de incalculável profundidade. O Prof. Júlio Nogueira ainda escreve: – *Jamais conheci estrangeiro que se afizesse tanto aos hábitos e ao meio dos altos sertões amazônicos. Era amante de boa mesa. Os pratos de tartaruga, tucunaré, tambaqui, o tacacá com tucupi, o piracuí, os molhos picantes como um arubé, as frutas: pupunha, tucumã, etc., deliciavam-no como a um natural.*

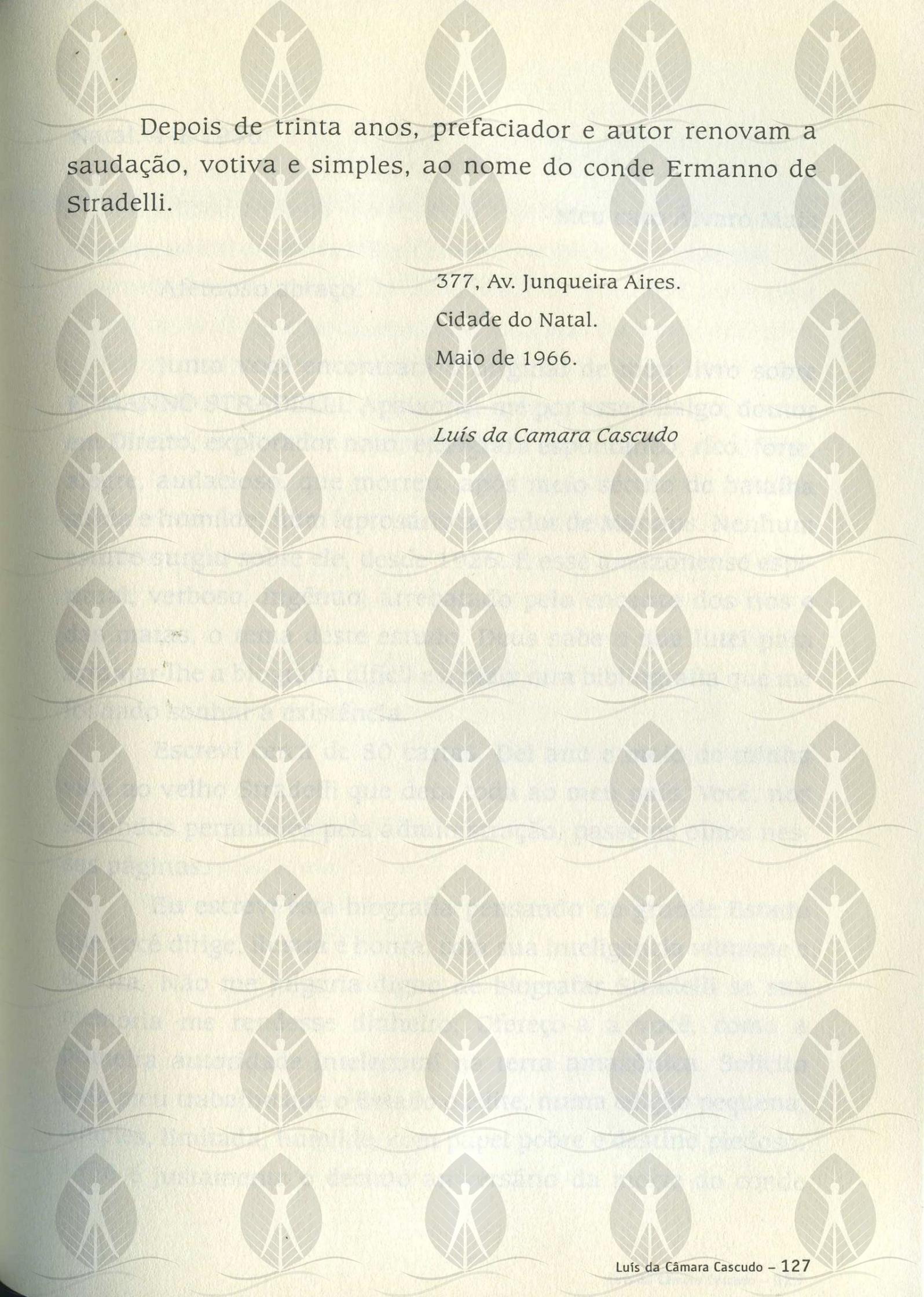
Não compreenderia essa assimilação ao paladar brasileiro Frei Venâncio, italiano, franciscano, missionário do

porto de N. Sra. da Guia, no rio Negro, encontrado em junho de 1879 por Dionísio Cerqueira, lá naqueles confins do mundo, servindo-se de macarrão, azeitonas, talharim, paio, queijos Parmesão e Gorgonzola, galinha de molho-pardo, vinho e café com canela. O Amazonas representava-se no cigarro de tauari, com fumo de Borba.

Quarenta anos depois de sua morte as contribuições mais curiosas, no domínio etnográfico, estão sepultadas nos *Bolletinos* da *SOCIETÁ GEOGRAFICA ITALIANA*, benemérita pelo acolhimento prestado a Stradelli, registro e circulação de seus trabalhos itinerantes, de 1887 a 1900. Apenas três ensaios foram reimpressos, as lendas de Jurupari, Pitiapo e dos Tárias, pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, em 1964. Em silêncio permanecem todas as narrativas de viagens, encantadoras de movimentação e naturalidade evocadora. Seria uma homenagem, justo ressarcimento ao olvido com que se comemorou o seu centenário natalício, dezembro de 1952, um volume antológico, ressuscitando as páginas mais originais, típicas, características, o pouco sabido, como dizia Camões, da *Terra de Santa Cruz*.

A ninguém é permitido prever o rumo das futuras curiosidades, empurrando para as consultas nas fontes *inacháveis*, como chamava Monteiro Lobato, os mestres de amanhã, aturidos pela dispersão e raridade da informação desejada.

Stradelli não foi uma passagem, visita, indagação, mas viveu e morreu amazonense. Deixando a vida, despedir-se-ia da terra e não da família longínqua, pensando a frase do tuxaua do rio Castanho: – *XAÇÔ NE ÇUI*, vou-de-ti...



Depois de trinta anos, prefaciador e autor renovam a saudação, votiva e simples, ao nome do conde Ermanno de Stradelli.

377, Av. Junqueira Aires.

Cidade do Natal.

Maio de 1966.

Luís da Câmara Cascudo



Natal, 4-1-1936.

Meu caro Álvaro Maia

Afetuosos abraços.

Junto você encontrará o original de meu livro sobre ERMANNO STRADELLI. Apaixonei-me por esse fidalgo, doutor em Direito, explorador nato, etnógrafo espontâneo, rico, forte, alegre, audacioso, que morreu, após meio século de batalha surda e humilde, num leprosário ao redor de Manaus. Nenhum estudo surgiu sobre ele, desde 1926. É esse amazonense espiritual, verboso, ingênuo, arrebatado pelo encanto dos rios e das matas, o tema deste estudo. Deus sabe o que lutei para arranjar-lhe a biografia difícil e a mais rara bibliografia que me foi dado sonhar a existência.

Escrevi cerca de 80 cartas. Dei ano e meio de minha vida ao velho Stradelli que dera toda ao meu país. Você, nos segundos permitidos pela administração, passe os olhos nessas páginas.

Eu escrevi esta biografia pensando no grande Estado que você dirige, ilustra e honra, com sua inteligência vibrante e sonora. Não me julgaria digno de biografar Stradelli se sua memória me rendesse dinheiro. Ofereço-a a você, como a primeira autoridade intelectual na terra amazônica. Solicito para meu trabalho que o Estado o edite, numa edição pequena, simples, limitada, humilde, com papel pobre e destino piedoso. 1936 é justamente o décimo aniversário da morte do conde

Ermanno Stradelli. Não há homenagem mais merecida nem que soe mais a tempo. De minha parte nada desejo financeiramente. Apenas alguns exemplares para enviar para os colaboradores estrangeiros e patrícios, à família Stradelli na Itália, alguns institutos. Somente. Se fosse possível vender os exemplares em benefício dos leprosos amazonenses, mais significativo ficaria meu livro e pago meu esforço. Era o máximo que a sorte me daria em pagamento. Você resolverá. Este ensaio não interessará editor. Interessará sensíveis, estudiosos, trabalhadores sem salário, fiéis à justiça moral.

O ensaio será ilustrado com duas fotos apenas. Um retrato de Stradelli, reproduzido por um desenhista daqui e uma fotografia da casa dos Stradelli em Borgotaro, que espero receber de Piacenza.

Mande-me uma palavra.

Aceite um forte abraço com todos os votos de felicidade pessoal e geral neste 1936.

Seu velho admirador

Luís da Câmara Cascudo

coleção  poranduba

Aspectos Sociais e Políticos do Desenvolvimento Regional

Agnello Uchôa Bittencourt

Em Memória de Stradelli

Câmara Cascudo

Flora Médica Brasiliense

Dr. Alfredo da Matta

Os Intérpretes da Amazônia

Péricles Moraes

A Contribuição do Índio à Economia da Amazônia

Eurico Fernandes

Introdução à Sociologia da Amazônia

André Vidal de Araújo

Amazônia – Cultura e Sociedade

Djalma Batista

Textos sobre a Amazônia

Euclides da Cunha

Súmula de História do Amazonas para Professores

Arthur Cezar Ferreira Reis

A Crise Amazônica e a Borracha

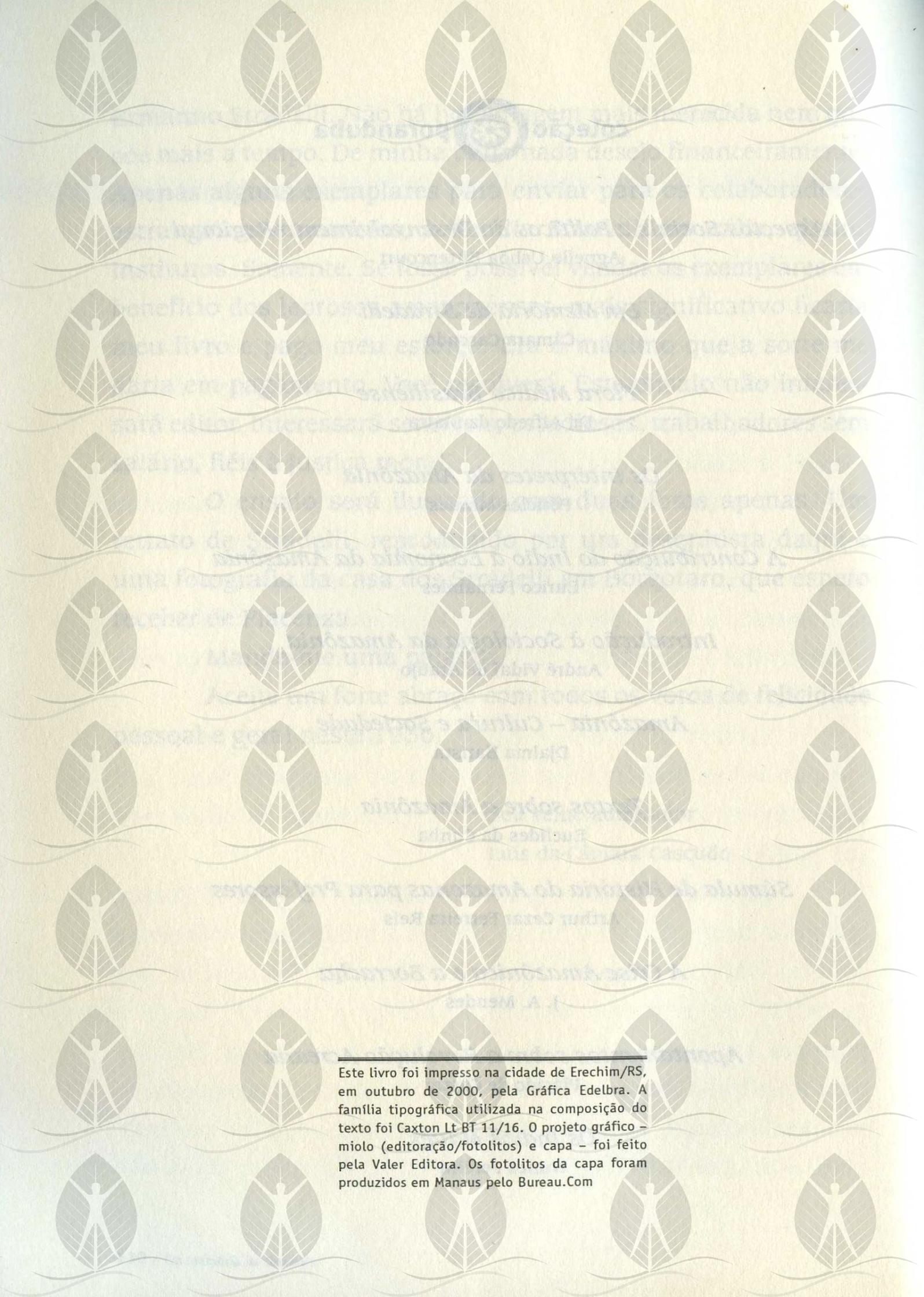
J. A. Mendes

Apontamentos sobre a Revolução Acreana

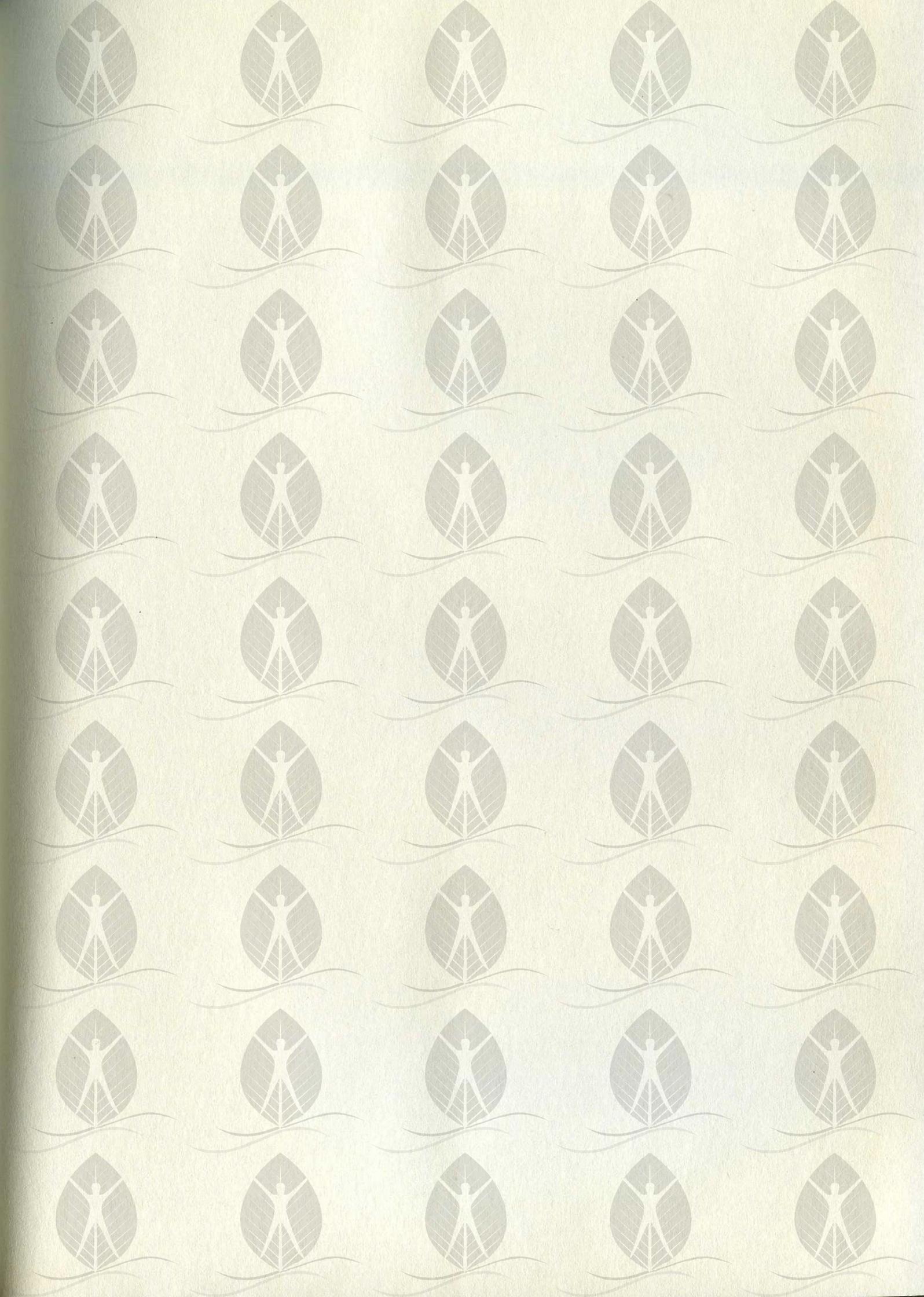
Plácido de Castro

Os Índios Maués

Nunes Pereira



Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS,
em outubro de 2000, pela Gráfica Edelbra. A
família tipográfica utilizada na composição do
texto foi Caxton Lt BT 11/16. O projeto gráfico -
miolo (editoração/fotolitos) e capa - foi feito
pela Valer Editora. Os fotolitos da capa foram
produzidos em Manaus pelo Bureau.Com



Dentre as tantas atitudes inexplicáveis do povo desta terra, uma delas é o desprezo e o abandono a que quase sempre relegou a vasta e importantíssima bibliografia de Ermanno Stradelli, toda ela dedicada ao Amazonas.

Após a sua pertinaz doença e morte miserável e solitária, todo o seu precioso trabalho, assim como a sua figura ímpar, caíram no esquecimento.

Depois da segunda edição, em 1967, sobreveio mais outro longo período de vergonhoso ostracismo. O conjunto de sua diversificada obra, que tem como ápice o seu magistral dicionário de *Nheengatu-Português e Português-Nheengatu*, tudo transformou-se, às mentalidades desatentas, em inutilidade.

Com esta terceira edição a Valer dá o primeiro passo, pois outros virão, na trajetória de reviver a memória deste homem notável que muito fez pela nossa história e que tem sido pouco, ou quase nada reconhecido, por quem muito lhe deve.

Regina Páscoa



Vivendo longe do local em que o conde dr. Ermanno Stradelli passou mais da metade de sua existência, o ilustre escritor brasileiro Luís da Câmara Cascudo não poderia conhecer detalhadamente a dura experiência por que passou aquele italiano migrado. Seu livro *Em Memória de Stradelli* representa por isso mesmo o que um cérebro privilegiado poderia conceber e escrever sem o apoio da pesquisa de campo, neste caso umas tantas entrevistas com pessoas que privaram da amizade e da convivência daquele celebrado homem. O livro do eminente folclorista resume portanto a vida do nobre italiano que renunciou pátria, família e comodidades, para viver a existência nômade e relativamente monacal – um triste exilado da convivência de amigos, interessado na sua dor anímica e nas suas pesquisas da cultura indígena.

Mário Ypiranga Monteiro

ISBN 85-86512-68-0





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA